



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**JUVENTUDE E EXPRESSIVIDADES MUSICAIS NO ESPAÇO ESCOLAR DO ALTO
SERTÃO DE ALAGOAS**

ISABEL CRISTINA OLIVEIRA DA SILVA

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2018**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

JUVENTUDE E EXPRESSIVIDADES MUSICAIS NO ESPAÇO ESCOLAR DO ALTO
SERTÃO DE ALAGOAS

ISABEL CRISTINA OLIVEIRA DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito final para obtenção do título de mestre em Educação

Orientadora. **Profa. Dra. Ana Maria Freitas
Teixeira**

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586j Silva, Isabel Cristina Oliveira da
Juventude e expressividades musicais no espaço escolar do Alto Sertão de Alagoas / Isabel Cristina Oliveira da Silva ; orientadora Ana Maria Freitas Teixeira. – São Cristóvão, 2018.
167 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Educação. 2. Música. 3. Estilo de vida – aspectos culturais. 4. Identidade social. 5. Ensino médio – Alagoas. 6. Juventude - aspectos sociológicos. I. Teixeira, Ana Maria Freitas, orient. II. Título.

CDU 37.015.4:78(813.7)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO



ISABEL CRISTINA OLIVEIRA DA SILVA

JUVENTUDE E EXPRESSIVIDADES MUSICAIS NO ESPAÇO ESCOLAR
DO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 11.01.2018

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Freitas Teixeira (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.^a Dr.^a Josefa Eliana Souza
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.^a Dr.^a Ilzimar Glória Ferreira Oliveira
Universidade do Estado da Bahia / UNEB

*A Maria das Graças, minha mãe, serianaça, semelhante a
tantas outras, criou e criou seus filhos ensinando-os a
valor do saber, do dia.*

*A **Maria das Graças**, minha mãe, sertaneja, semelhante a tantas outras, criou e educou seus filhos ensinando-os o valor do saber, dedico.*

AGRADECIMENTOS

À professora. Dra. Ana Teixeira, por quem fui orientada, todo suporte e compromisso com minha pesquisa.

Aos jovens rurais sertanejos pesquisados, pelo respeito e colaboração com o estudo.

Aos profissionais da Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes, em particular à coordenação e direção pelo acolhimento do estudo.

Às Professoras Dra. Ilzimar Glória Ferreira Oliveira e Dra. Josefa Eliana Souza, membros das bancas de qualificação e defesa, pelo olhar cuidadoso sobre o meu trabalho, ampliando minha compreensão analítica.

Aos professores doutores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), que no percurso do mestrado contribuíram com minha formação acadêmica.

Ao professor Dr. Bernard Charlot pela supervisão no estágio docente.

Ao PPGED pelos serviços prestados.

Às amigas delmirenses: Maria Lenilda e Giseliane Medeiros, pela solidariedade e companheirismo nos dois anos de Mestrado. Imensamente orgulhosa de nossa conquista formativa.

Às amigas e colegas de profissão adquiridas nesse percurso: Viviane Reis, Tafla Caroline, Anailza Guimarães e Adriana Lohanna, meu muito obrigado pelo apoio e acolhimento.

Ao parceiro de todos os dias, Fábio Ribeiro, pela paciência e incentivo.

A Maria das Graças, minha mãe.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa quanti-qualitativa, de tipo exploratório e descritivo que teve o objetivo de compreender como acontece a relação entre juventude, escola e música no município de Delmiro Gouveia, alto sertão de Alagoas, tendo como amostra 116 jovens matriculados no 3º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes, que, por sua vez, foram pesquisados por meio de questionário estruturado, entrevista semiestruturada e observações livres na rotina escolar. Observou-se que os jovens constroem suas identidades desconstruindo a teoria clássica sobre o rural, denotando, assim, as suas representações e estilos de vida características de seus gostos musicais, ampliados pelas interações virtuais e presenciais a que estão expostos. Constatou-se um perfil juvenil diversificado, com mínima defasagem idade/série, alguns trabalhadores, residentes em povoados, distritos e na sede local do município supramencionado com pais ou parentes, jovens de gosto musical bastante eclético e alguns com atuações musicais de modo mais veemente com participação em coro religioso e na orquestra da cidade. Averiguou-se no processo a relação entre escola, juventude e música circunscrita por tensões e regras. Ao mesmo tempo, percebeu-se um entendimento sensível dos professores e direção escolar para com as expressividades juvenis, mas que merece ser aprimorado. Pode-se afirmar que as reflexões apontadas estiveram norteadas por incursões compreensivas da Sociologia e Educação, vigorando uma análise humanizada e consciente sobre os dados, entendendo que uma problemática de pesquisa pode apresentar diferentes interpretações, a partir do campo teórico e metodológico adotado. Considera-se que este trabalho colabora na ampliação dos contextos e temáticas de pesquisas referentes à juventude rural, bem como para repelir as pragmáticas concepções de que as trajetórias escolares, expressividades culturais e projetos de vida dos jovens rurais sertanejos estão definidos pelo destino de classe ou por suas origens locais.

PALAVRAS-CHAVE: Alto Sertão Alagoano. Escola. Ensino Médio. Estilos de vida. Identidades. Juventude Rural. Música.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a quantitative-qualitative, exploratory and descriptive research, which aims to understand how the relation youth, school and music works in Delmiro Gouveia, a city at the backwoods of Alagoas. We took as sample 116 young enrolled in the 3rd year of high school of Public School Luiz Augusto Azevedo de Menezes, who were interviewed through questionnaires, semi-structured interview and free observation of school routine. It was noted that these young build their identities through deconstruction of classic theory about the rural, denoting representations and lifestyle of their musical tastes, enlarged by virtual and concrete interactions. We found a diverse youth profile, with minimal age/series mismatch. The students are residents of village, district and local seat with their parents or relatives, and some are workers. It is a youth of very eclectic musical taste and some take part in musical performances in a most vehemently way with participation in religious choir and city orchestra. During the research, it was verified a school-youth-music relation, surrounded by tension and rules. At the same time it was noticed a somewhat sensitive look of the teachers and school management to the juvenile expressiveness. The reflections were guided by comprehensive incursions of Sociology and Education, with a humane and conscientious analysis of the data, and an understanding that the same research problem may present diverse interpretations depending on theoretical and methodological field. We conclude that this work contributes to the expansion of context and themes of research related to rural youth, and, also, to repeal pragmatic conceptions which states that school trajectories, cultural expressiveness, and life projects of rural youth are defined by destiny of class or local origins.

KEY-WORDS: Youth Cultures. School. Schooling. Lifestyle. Identity. Rural Youth. Ruralities. Music.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Frequência por tema na área de Educação.....	30
Quadro 2 – Pesquisas sobre juventude, música e educação.....	32
Quadro 3 – Frequência de linha temática por Regiões que concentram estudos sobre juventude rural.....	38
Quadro 4 – Desafios e propostas para a educação no campo.....	43
Quadro 5 – Objetivos específicos e estratégias metodológicas.....	48
Figura 1 – Imagem de satélite do município Delmiro Gouveia.....	50
Figura 2 – Imagem Vila da Pedra, 1914.....	52
Figura 3 – Imagem da Rua 13 de Maio em 1980.....	53
Figura 4 – Apresentação musical entre os anos de 1976 a 1996	55
Figura 5 – Vista ao alto do município Delmiro Gouveia em 2000.....	56
Figura 6 – Bloco Cordel no carnaval, entre 2000 a 2017.....	57
Figura 7 – Imagem da inauguração da escola em 1980.....	59
Figura 8 – Imagem da faixa da escola em 2017.....	61
Figura 9 – Imagem da biblioteca municipal de Delmiro Gouveia em 2017.....	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 10 – Resposta dos alunos sobre seus locais de moradia.....	95
Tabela 9 – Resposta dos alunos à pergunta “Com quem você mora”.....	99
Tabela 8 – Resposta dos alunos à pergunta “Qual a escolaridade de sua mãe/ou mulher responsável, e pai/homem responsável”?	100
Tabela 7 – Resposta dos alunos à pergunta “Quais recursos você utiliza para ter acesso à música”?.....	103
Tabela 6 – Resposta dos alunos à pergunta “Com quais pessoas você costuma ouvir música”?	104
Tabela 5 – Resposta dos alunos à pergunta “Quais suas preferências musicais”?.....	106
Tabela 4 – Resposta dos alunos à pergunta “Os músicos ou cantores de sua preferência influenciam em seu estilo de vida?	108
Tabela 3 – Resposta dos alunos à pergunta “Quais atividades musicais têm em sua escola”?	111
Tabela 2 – Resposta dos alunos à pergunta “Em quais momentos você costuma ouvir música”.....	114
Tabela 1 – Resposta dos alunos à pergunta “Em quais disciplinas à música é utilizada nas atividades em sala”?	116

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio
SNJ	Secretaria Nacional da juventude
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

SEÇÃO I

PRIMEIRA ESTROFE - ORIGEM E ESTRUTURA DA PESQUISA

1.1. PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE JUVENTUDE NO BRASIL	23
1.1.2. PESQUISAS INSTITUCIONAIS	25
1.1.3. DISSERTAÇÕES E TESES NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO	29
1.1.4. PESQUISAS ACADÊMICAS SOBRE JUVENTUDE RURAL.....	37
1.2. POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO PARA JUVENTUDE: OLHARES SOBRE OS JOVENS RURAIS.....	41
1.3. ABORDAGEM METODOLÓGICA	46
1.4. CAMPO AMPLIADO DA PESQUISA	49
1.5. A ESCOLA ESTADUAL LUIZ AUGUSTO AZEVEDO DE MENEZES: O <i>LÓCUS</i> DA INVESTIGAÇÃO	58
1.6. OS SUJEITOS DA PESQUISA: JOVENS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	62
1.7. APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DO TRABALHO DE CAMPO	63

SEÇÃO II

SEGUNDA ESTROFE - DESVELANDO CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS

2.1. JUVENTUDE, JUVENTUDES, JOVENS: PARA ÁLEM DAS PALAVRAS	68
2.2. JUVENTUDE RURAL E A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA RURALIDADE.....	74
2.3. EXPRESSIVIDADES MUSICAIS, IDENTIDADES E ESTILOS DE VIDA JUVENIS	80
2.4. ESCOLA E AGRUPAMENTOS JUVENIS	87

SEÇÃO III

TERCEIRA ESTROFE - EXPRESSIVIDADES MUSICAIS E A RELAÇÃO COM A ESCOLA: SENTIDOS ATRIBUÍDOS

3.1. PERFIL DOS ALUNOS PESQUISADOS	94
3.2. O QUE DIZEM OS JOVENS ESTUDANTES?.....	120
3.2.1. “EU QUASE TODO TEMPO ESCUTO MÚSICA, MENOS NA ESCOLA PORQUE É PROIBIDO”	122
3.2.2. “QUANDO A GENTE É BASTANTE JOVEM NÃO TEM AQUELA PREOCUPAÇÃO QUE TEMOS AGORA NO ENSINO MÉDIO”	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	149
ANEXOS	155
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	156
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA DE DISSERTAÇÃO.....	159
APÊNDICES	161
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	162
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	166
APÊNDICE C–TERMO DE ANUÊNCIA DA 11º GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM ALAGOAS	167
APÊNDICE D – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA ESTADUAL LUIZ AUGUSTO AZEVEDO DE MENEZES	168

SEÇÃO I

PRIMEIRA ESTROFE: ORIGEM E ESTRUTURA DA PESQUISA

Jovem, não vai chegar tarde. A sociedade está pronta pra ligar o alarme. [...].
 Jovem, você também votou errado. Porque não viu que o futuro às vezes repete
 o passado. [...]. Lavando a cara de manhã pergunta pro espelho. Afinal, quem é
 você. Jovem, a grande novidade. Jovem. (HANOI-HANOI 1990)¹

Convido² você, leitor, a caminhar pelo cenário cultural da juventude rural sertaneja de Alagoas, especificamente do município de Delmiro Gouveia, a conhecer seus estilos de vida, gostos musicais, experiências escolares e extraescolares, as quais se entrelaçam na formação de suas identidades. Parto do pressuposto de que revelar este contexto como questão de pesquisa corrobora na tentativa de chamar atenção para a invisibilidade dos jovens residentes nos espaços rurais. Também, como jovem sertaneja, adoto a música enquanto instrumento ímpar nesse processo, pois, conforme Hanoi-Hanoi (1990) permitiu-me desvincular-me dos velhos paradigmas impostos pela sociedade, expondo os modos plurais de vivenciar a condição juvenil.

Ao debruçar-me sobre os aportes teóricos que ampliaram minha consciência social sobre a juventude, confesso que em muitos momentos estive aflita perante a amplitude do conhecimento e, principalmente, em relação aos detalhes das obras estudadas, foi preciso extrema cautela no decorrer das leituras para não gerar interpretações dúbias ou reflexões analíticas sobre os dados da pesquisa desconexas com o material teórico. Em paralelo, a estadia em campo foi particularmente essencial na edificação de meu perfil como pesquisadora, revelando-se extremamente dinâmico e sinuoso.

No campo da pesquisa, foram considerados sujeitos do estudo os jovens residentes no município de Delmiro Gouveia, matriculados no 3º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes, localizada especificamente no centro da cidade, atendendo

¹ Música composta por Cazuza e Brandão, gravada em 1990 por Hanoi Hanoi em seu disco “O Ser e O Nada”.

² Como a pesquisa parte de minhas experiências acadêmicas e da íntima relação que tenho com a música, alguns escritos estão feitos na primeira pessoa do singular. A impessoalidade é utilizada ao tratar das fundamentações teóricas, metodológicas e análises. Tal usabilidade está sustentada nas proposições de Minayo e Guerriero (2014, p.1107), “por causa da implicação do pesquisador com seu objeto (que é sujeito) os textos [...] costumam ser escritos na primeira pessoa (do singular ou do plural), uma vez o autor ou os autores assumem sua presença”.

um público juvenil dos bairros, bem como dos povoados e distritos. A fim de circunscrever uma análise coerente sobre os referidos jovens, apropriei-me dos pressupostos teórico-metodológicos compreensivos³, com intercessões da Educação, quais se voltam para uma discussão articulada e flexível acerca dos fatores culturais envoltos ao período de vida transcorrido.

Valendo-se da perspectiva compreensiva, interessa, no momento, focalizar o contexto sociogeográfico, onde a pesquisa foi realizada, pois, os espaços de interações e convivência social marcam as condições e percepções de um grupo juvenil. Conforme escreve o dicionário Aulete⁴: o sertão se caracteriza por espaço árido e penoso, longe dos centros urbanos, e flagelado pela seca. Aprofundando o conceito explicitado, Menezes (2012), em sua dissertação de mestrado faz apanhado romancista do sertão, apresentando viés artístico de poetas brasileiros que descrevem tais terras e sua gente por meio das características ambientes, em especial o sertão nordestino. Como exemplo, Menezes (2012) ilustra a obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (2006), representando o sertanejo como homem ríspido e castigado pelo sol, retirando-se do sertão para capitais brasileiras em busca de qualidade de vida. A esse respeito, não há como negar o endossamento literário na construção imagética sobre o sertão, durante muito tempo disseminado. A partir deste, é possível inquietar-se sobre as mudanças ocorridas nos espaços rurais ao longo do tempo.

Nos dias atuais, a mídia tem se incumbido da tarefa de unilateralizar o sertão. De maneira avassaladora e simbolicamente violenta, provoca concepções homogeneizantes e simplórias sobre as relações sociais no sertão, em especial nas ambiências rurais. Lugar de miséria, esgotado pela seca, cujas pessoas constituem famílias extremamente numerosas sem condições de mantê-las, sem expectativas profissionais e desenvolvimento tecnológico mínimo, são algumas dentre outras percepções que fazem do sertão um lugar invisível.

Nessa perspectiva, Castro (1991, s/p) também esclarece que “no caso do semiárido nordestino a perspectiva de que residem nas dificuldades impostas pela sua natureza a principal causa dos problemas da Região tem sido um recurso discursivo que, partindo da elite intelectual e política, seduz e compromete toda a sociedade”. Porventura um fenômeno eminentemente natural

³ Essa vertente teve origem nos estudos de Marx Weber (1864-1920), que entende o conhecimento científico de forma parcial e orientado, tendo como categoria analítica o mundo social, com base nas ações dos indivíduos em seus contextos de vivência.

⁴ Dicionário digital Caldas Aulete, disponível em: <http://www.aulete.com.br/>, acesso em 20 de novembro.

torna-se centro de toda a construção imagética sobre as localidades que sofrem com a seca. Entretanto, as afirmações de Castro (1991) conduzem a reflexão de que associar a seca à miséria obscurece outras questões fundamentais permeadas nestes espaços, exemplo disso são os casos marginalizados no processo, entre eles, as culturas e estilos juvenis, seus desejos, sonhos e relação com o saber formativo.

Rompendo com esta postura, recentemente a juventude rural sertaneja tornou-se preocupação epistemológica das Ciências Sociais, a partir de pesquisadores interessados naqueles que permanecem no sertão, gerando problemáticas de estudos acerca das mudanças estruturais e econômicas paulatinamente sofridas nestes espaços, reverberadas nas vivências de seus sujeitos, desconstruindo o imaginário midiático pregado nos programas televisivos. Portanto, para tratar do sertão de Delmiro Gouveia, parto dos estudos de Brumer (2007), Castro (1991, 2009), Carneiro (1997), Menezes (2012) e Weisheimer (2005, 2013) os quais discutem a ruralidade de modo mais ampliado e relativo, apontando o sertão, campo, rural, povoado, sítio, distrito e outras nomenclaturas como concepções que se implicam mutuamente e criadas historicamente para definir ambientes socialmente adversos aos grandes centros urbanos. Em contrapartida, estes autores retratam com veemência que as mudanças tecnológicas, políticas e econômicas alcançaram tais âmbitos, modificando, principalmente, os parâmetros de vida juvenil.

No que concerne à juventude, o olhar lançado nesta pesquisa parte da concepção geracional, classista e cultural, reconhecendo a mocidade para além do critério etário, recebendo influências de sua condição social, bem como das interações entre os pares, estabelecidas por meio das trocas simbólicas geradas pelos mecanismos culturais, a saber, a música. Bourdieu (1983, 2015), Charlot (2006, 2007), Dayrell (2001, 2005, 2007, 2012), Groppo (2000, 2015), Machado Pais (1990, 1993), Sposito (1997, 2005, 2009), Weisheimer (2015), dentre outros estudiosos consolidaram o referencial teórico para discorrer à construção social da palavra juventude(s) e jovem(s), bem como dos elementos balizadores desta construção.

Entre os elementos, destacam-se ao longo deste texto a identidade, o estilo de vida, culturas juvenis, música e escola, que influenciam no cotidiano dos sujeitos pesquisados, direcionando comportamentos e ideologias.

Discorrendo acerca da identidade num viés histórico e político, Dayrell (2002), Ennes e Marcon (2014), Hall (2014), Menezes (2012) e Woodward (2014) apontam para os percalços, dilemas e dinamicidade nos processos de identificação, acentuados na juventude por suas

transgressões a padrões homogêneos. Nesse meio, Felix (2003), Irapuan Filho (2014), João Filho (2003) e Seren (2009) concebem o estilo de vida como a caracterização do corpo e formação de comportamentos a partir da estratificação da sociedade, expressa no consumo de bens materiais e culturais. Logo, para esta perspectiva, os estilos são responsáveis em visibilizar os distintos processos de filiação identitária individual e coletiva em espaços públicos.

No que se refere à coletividade, Catani e Gilioli (2008), Dayrell e Reis (2007), Irapuan Filho (2014), Martins e Carrano (2001) presumem que os agrupamentos, agremiações ou filiações juvenis correspondem a culturas juvenis, ou seja, interações que consolidam estilos de vida como instrumento capaz de reunir jovens em torno das semelhanças identitárias, bem como, repelir os contrários. Os mesmos estudiosos, com acréscimo de Dayrell (2002), Machado Pais (1983), Subtil (2011) e Viana (2014) foram leituras essenciais para entender que nessa conjuntura a dimensão simbólica da música é aproveitada pelos jovens para comunicar suas opiniões a respeito de si e da sociedade, muitas vezes em resposta antagônica ao enquadramento social. Nesse sentido, a música torna-se referencial base na constituição das identidades individuais e grupais, imprimindo estilos quanto ao modo de se vestir, falar e comportar. Considerar a juventude por este viés é tomá-la como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, cujo tempo presente é considerado tempo de formação.

Não se esquecendo das aproximações e conflitos entre a escola e as expressividades musicais dos jovens rurais sertanejos, Arroyo (2014), Bourdieu (2015), Corti (2014), Dayrell e Carrano (2014), Nogueira e Nogueira (2006), Reis (2012), Teixeira (2011) associados às normatizações da educação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases – lei 9.394/1996 (LDB), Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNM, 2013), Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, em especial Artes, (PCNEM, 2000) compuseram leituras primordiais com objetivo de uma escrita analítica. Destarte, as reflexões teóricas conduzem a compreensão de que a escola, após a família, incide no espaço secundário de socialização, cumprindo o papel de propagar a aprendizagem formativa, bem como, oportunizar momentos destinados às expressividades juvenis, de maneira respeitosa e solidaria.

Compreender a juventude rural do sertão de Alagoas a partir das temáticas elencadas recoloca-a num nível de vivência pautado em rupturas e desnaturalização do sertanejo como sujeito sofredor, alheio a educação. Nessa vertente, o sertão não se esgota em seus aspectos climáticos, pelo contrário, se mostra heterogêneo e multifacetado, lugar permeado pelas

dinâmicas globais e locais do capitalismo e da industrialização dos fazeres cotidianos, dentre eles a cultura.

Apresentado as temáticas geradoras de discussão, vale pontuar que a escolha do *locus* de pesquisa justifica-se, também, pelo fato de eu ter nascido e me criado em Delmiro Gouveia e está envolvida em práticas culturais vinculadas ao canto, bem como, imersa na realidade educacional do município, compondo o quadro do professorado. Nesse ínterim, Garcia Júnior (2003) declara:

[...] embora o sertão seja referência cultural de peso – cenário de romances, poesias, peças de teatro, filmes – assim como o emblema de um Nordeste marcado por secas periódicas, estruturas de poder personalizadas, baseadas na partilha muito desigual da terra e por uma população condenada a migrações temporárias ou definitivas, o conhecimento sociológico diversificado de seus camponeses continua precário. Numerosas monografias dedicadas à região das plantações açucareiras – a zona da mata – ou à região intermediária – o agreste – não encontraram equivalente para o estudo das transformações sociais e econômicas do sertão, mesmo que essa região corresponda à mais extensa área do Nordeste (GARCIA JÚNIOR, 2003, p. 12).

Valendo-se das considerações de Garcia Júnior (2003), busquei no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pesquisas relacionadas ao sertão de Alagoas, no campo da Educação. Uma única dissertação foi apontada, cuja autoria é de Edvaldo Francisco Nascimento⁵, intitulada “Delmiro Gouveia e o Processo Educacional desenvolvido no núcleo fabril da Pedra, sertão de Alagoas (1902-1926)”. A dissertação expõe as iniciais configurações de educação a partir da implantação industrial fabril, tendo sido durante muito tempo, a principal fonte de renda local. O dado corrobora para reafirmar a importância em fortalecer e ampliar os estudos sobre a juventude rural sertaneja, além de oportunizar um olhar diferenciado sobre o sertão, desconstruindo concepções historicamente naturalizadas.

Diante deste cenário, o público investigado proporciona vasta possibilidade de pesquisas, uma vez que consiste em categoria pouco estudada com mínimas produções acadêmicas. Ao contrário do que se pensam, as relações juvenis em âmbitos rurais são tão

complexas quanto aquelas oriundas dos centros urbanos, merecendo, portanto, devida atenção dos pesquisadores da educação. Apropriando-me dos apontamentos assinalados e procurando oportunizar registros que despertem futuras pesquisas, elaborei a problemática central do estudo: **De que modo acontece na escola pública de Ensino Médio, em Delmiro Gouveia, alto sertão de Alagoas, as articulações entre o processo de escolarização e as expressividades musicais dos jovens?** [Grifo nosso].

Para responder ao questionamento, os seguintes objetivos foram delineados: **Geral** – Compreender a relação entre juventude, escola e música no município de Delmiro Gouveia/Alto Sertão de Alagoas. **Específicos** – Compor o perfil de jovens do 3º ano do Ensino Médio. Identificar a presença da escola nas expressividades musicais dos jovens. Analisar os significados que estes atribuem à música e a escola em seus processos de construção social. Os objetivos específicos foram postos em ação a partir das seguintes estratégias metodológicas: questionário estruturado, entrevista semiestruturada e observações livres no espaço escolar.

Relativo ao plano de seções que compõe esta dissertação, inicia-se pela apresentação da problemática central por meio do panorama de estudos e políticas públicas voltadas aos jovens no Brasil, em especial aqueles residentes em ambientes rurais; seguida pela descrição da estrutura metodológica e campo/sujeitos pesquisados; exibição do referencial teórico; posteriormente análises compreensivas sobre os dados obtidos. Tendo em vista os conteúdos expostos, foram organizadas três seções, sendo:

A primeira seção, intitulada **“Primeira estrofe – origem e estrutura da pesquisa”** [grifo nosso], organizada em subseções, expõe as configurações formais deste trabalho. A primeira subseção exhibe um panorama das produções acadêmicas sobre a juventude e suas expressividades musicais na escola, revelando a incidência de dissertações e teses próximas ao presente trabalho. Nesse diagrama, também foram expostas pesquisas institucionais, realizadas no Brasil e no Estado de Sergipe por órgãos públicos e privados, delineando um perfil da juventude brasileira e sergipana. Escolarização, família, lazer, religião, sexualidade, amizade, emprego, saúde, mídia, esporte e música foram temáticas, entre tantas outras, apontadas pelas pesquisas como fatores sociais condicionantes das vivências juvenis. Posteriormente, de modo mais diretivo, assinalo uma pesquisa desenvolvida por Weisheimer (2005), o qual declara as principais

⁵ Universidade Federal de Alagoas. Dissertação: Delmiro Gouveia e o processo educacional desenvolvido no núcleo fabril da pedra, no sertão de Alagoas: (1092 – 1926). Edvaldo Francisco Nascimento, 2012. 197f. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira

temáticas de estudos acadêmicos sobre a juventude rural. Paralelamente, apresento o trabalho de mestrado realizado por Menezes (2012), na Universidade Federal de Sergipe, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS), que incidiu em aporte teórico fundamental e próximo ao contexto de minha pesquisa, revelando as estratégias utilizadas pelos jovens rurais sertanejos de Sergipe para construção de suas identidades.

A segunda subseção, por meio do Censo Escolar de 2016 e dos documentos oficiais, LDB/nº9.394/98 e DCNEM (BRASIL, 2013) revela o cenário da educação juvenil, com atenção voltada aqueles residentes em povoados, sítios, distritos e cidades localizadas em âmbitos rurais. Arelado aos dados foi pontuado o documento “Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil”, publicado em 2014, que prevê estratégias fomentadas ao rendimento escolar dos jovens e promoção de trabalho viável.

A terceira subseção apresenta a abordagem metodológica, pautada numa concepção quanti-qualitativa de pesquisa, cuja tipologia do estudo é exploratória e descritiva. As fundamentações que guiaram tal escolha foram Gil (1999), Minayo (2002), Seren (2009), Trivinõs (1987) e Lalanda (1998) que denotam a pesquisa um caráter multimetodológico, constituindo-se em prática elementar na formação do pesquisador.

A quarta subseção expõe sucintamente em imagens e texto a história de Delmiro Gouveia, descrevendo o processo pelo qual transitou – estrutura e relações sociais – para ser reconhecida como município. Nesse meio termo, pondera a relação íntima que os delmirenses possuíam com a música, cujos jovens apareceram como os maiores difusores de atividades artísticas.

Em seguida, a quinta subseção apresenta o *lócus* investigativo, ou seja, a história da Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo Menezes, bem como, um apanhado geral de sua estrutura, alunos e corpo funcional. Ainda, de maneira objetiva, delinea na sexta subseção os sujeitos pesquisados, compreendendo 116 jovens do 3º de Ensino Médio, matriculados na referida instituição.

Para finalizar a primeira seção, a sétima subseção aprofunda as estratégias metodológicas: questionário estruturado, entrevista semiestruturada e observações livres dentro da escola, descrevendo detalhadamente como tais estratégias foram desenvolvidas ao longo de dois meses em campo. Concomitantemente, retrata os percalços enfrentados durante minha estadia na escola. Os limites de atuação estiveram desde o movimento de ocupação da escola pelos estudantes

contra a reforma do Ensino Médio, que perdurou quase dois meses no ano de 2016, especificamente no período em que iniciei o estudo, até a aceitação de minha presença na escola por parte dos estudantes, bem como, a participação dos mesmos nas estratégias metodológicas. Todavia, os dilemas trouxeram contribuições significativas à qualidade da pesquisa, como também para minha atuação como professora, tendo sido momento oportuno e reflexivo sobre os julgamentos de valor corriqueiramente lançados sobre nossos alunos, sem antes, atentar-se para as condições sociais que os levam a determinados comportamentos ou estilos de vida.

A segunda seção nomeada “**Segunda estrofe – concepções e aportes teóricos**” [grifo nosso] cumpri a tarefa de revelar as bases conceituais que consolidaram a análise sobre os dados da pesquisa. A fim de propor uma leitura sequencial e coesa, a seção foi estruturada em subseções, discorrendo sobre as temáticas de estudos e autores já elencados. As subseções foram organizadas na seguinte ordem:

- *Juventude, juventudes e jovens: para além das palavras.
- *Juventude rural e a emergência de uma nova ruralidade.
- *Expressividades musicais, identidades e estilos de vida jovens.
- * Escola e agrupamentos juvenis

A última seção intitulada “**Terceira estrofe – Expressividades musicais e a relação com a escola: sentidos atribuídos**” [grifo nosso] esta organizada em duas subseções, sendo a primeira o perfil dos alunos, responsável em apresentar as análises quantitativas – a luz dos referenciais teóricos – sobre os elementos balizadores da juventude rural sertaneja, como escolarização, idade, família, trabalho, amigos e gostos musicais. Mesmo a pesquisa focalizando as expressividades musicais dentro da escola, não, há como refletir sobre os limites e possibilidades culturais neste âmbito, sem conhecer quem são os jovens na condição de alunos. Os dados foram obtidos através de questionários com perguntas objetivas e estão distribuídos em tabelas, promovendo uma visualização mais ampla da discussão. Além disso, durante minha estadia em campo, as tabelas foram pertinentes para direcionar a construção do roteiro de entrevistas, favorecendo o entrelace entre as estratégias metodológicas elucidadas.

A segunda subseção explana as colocações dos jovens sobre a influência da música e da escola em suas construções sociais, apontando as aproximações e distanciamentos entre suas identidades e normatização escolar, por meio da musicalização. As reflexões estiveram distribuídas em duas categorias analíticas, nomeadas a partir das falas dos entrevistados. A

primeira categoria consiste: **“eu quase todo tempo escuto música, menos na escola, porque é proibido”**. A segunda categoria corresponde: **“quando a gente é bastante jovem, não tem aquela preocupação que temos agora no Ensino Médio”**.

Por fim, são elencadas as considerações construídas sobre o objeto, respondendo a problemática central, bem como, apontando as possibilidades contínuas de pesquisas com a temática proposta, uma vez que os estudos sobre a juventude não se esgotam, principalmente, tomando como referência a dinamicidade das interações juvenis nos espaços rurais. Sob mesma proporção reafirma a urgência da pesquisa acadêmica ser reflexiva à atuação do pesquisador e contribuinte social para o espaço cuja investigação foi desenvolvida.

As considerações deste trabalho são recomendadas para aqueles, em especial os profissionais da educação, interessados em discutir sobre a juventude e os sujeitos que a vivenciam, aprofundando ou desconstruindo concepções.

Partindo dos esclarecimentos introdutórios é dado início ao desdobramento dos conteúdos que compõe este relatório de pesquisa. Os escritos são iniciados pelo panorama de estudos sobre a juventude no Brasil, apresentando o que existe em termo de pesquisa em relação às expressividades musicais e identidades juvenis.

Boa leitura!



1.1. PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE JUVENTUDE NO BRASIL

Diariamente, nos meios de comunicação, inúmeras informações são difundidas a respeito da juventude, associando-a geralmente a um período de alteração hormonal. Contrária à percepção calcada nos aspectos biológicos, temos a multiplicação mais recente de uma série de pesquisas no âmbito das Ciências Sociais, abordando o processo de desnaturalização e “desbiologização” da juventude, analisando-a enquanto fenômeno social, colocando em evidência abordagens teóricas distintas, bem como recortes metodológicos diversos.

No campo das Ciências Sociais não é possível desenvolver pesquisa sobre juventude sem antes explicitar os contextos empíricos já investigados, sendo assim, é de fundamental importância:

[...] conhecer e sistematizar a produção de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes ou emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa (SPOSITO, 2009, p. 17).

Diante das considerações de Sposito (2009), fica evidente que a busca pelo conhecimento já produzido sobre o objeto de estudo é requisito básico na formação de um pesquisador. Deste modo, após longas procuras nos repositórios de pesquisas acadêmicas e institucionais, esta subseção exhibe algumas produções existentes sobre a juventude numa vertente educacional e sociológica, com ênfase na juventude rural.

Sposito (1997) assegura que, na metade do século XX, significativas pesquisas sobre o desenvolvimento humano estudaram a juventude enquanto categoria empírica e teórica. Os estudos iniciados na modernidade lançaram a relativização quanto aos modos de vivenciar a juventude na tentativa de relacionar o biopsicológico com a influência cultural, defendendo a ideia de que os jovens além de serem transformados, atuam na transformação da estrutura social. De acordo com a autora, essas questões foram aprofundadas com o encadeamento de perspectivas mais flexíveis e o reconhecimento da diversidade juvenil. Paulatinamente, os estudos sociológicos de vertente compreensiva, compuseram um repertório de variáveis sociais, como estilo, grupos/culturas, identidade e outros, que deram sentido próprio à juventude.

Os estudos inerentes ao avanço da juventude como campo de pesquisa também interessam a Abramo (1997) ao expor:

Na academia, depois de anos de quase total ausência, os jovens voltam a ser tema de investigação e reflexão, principalmente através de dissertações de mestrado e teses de doutorado [...]. Recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação (ABRAMO, 1997, p. 25).

Numa abordagem mais detalhada e compreensiva sobre os jovens, esta pesquisa desaprova a unilateralidade quando se investiga os contextos de vivência, negociando os pontos de vista cujas interações juvenis são analisadas. A diante foram selecionadas para compor esta subseção, pesquisas institucionais e acadêmica que abordam questões culturais e sociais, voltando-se especificamente para os apontamentos dos próprios jovens a respeito de tais situações que os rodeiam. Ao ouvir os jovens que foram colocados em uma postura de interlocutores e atores políticos, foi direcionada outra teorização sobre a condição juvenil, pois foi de interesse as pesquisas aquilo que os próprios jovens tinham a dizer.

Considerando as prerrogativas de Abramo (1997), foi traçado um panorama de pesquisas dos anos 1999 a 2016 identificando as possíveis abordagens teóricas e metodológicas dialógicas com os interesses desta produção. O recorte temporal foi delimitado a partir da produção “O Estado da Arte sobre juventude na Pós-Graduação” elaborada por Sposito (2009). Após a leitura da obra, que apresenta vários trabalhos produzidos sobre a temática da juventude entre os anos de 1999 a 2006, foi preciso verificar a continuidade dos estudos durante os anos de 2006 a 2016, compondo um intervalo de 17 anos. O panorama bibliográfico teve o cuidado de sistematizar as informações ofertadas pelos trabalhos identificados, sendo estruturado na seguinte ordem:

*Pesquisas institucionais – relatórios e livros produzidos por órgãos públicos e privados que traçaram perfis da juventude brasileira e dos estados de Sergipe e Alagoas.

* Pesquisas acadêmicas – dissertações e teses de Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil.

*Pesquisas específicas sobre juventude rural – livros, dissertações e teses.

1.1.2. PESQUISAS INSTITUCIONAIS

Inicialmente, debruçei o olhar sobre o relatório da pesquisa “Perfil da juventude brasileira” (2003)⁶, na qual o levantamento de dados ocorreu por meio de questionário estruturado em 160 perguntas, organizado em 12 blocos temáticos, aplicados com 3.501 jovens de idade entre 15 a 24 anos de regiões urbanas e rurais brasileiras. A referida pesquisa é importante para compreender as múltiplas questões sociais envolvidas à condição juvenil no Brasil. Diante do quantitativo de informação, bem como sua densidade, foi impossível expor todas elas neste panorama. Por isso, selecionei os assuntos eleitos pelos jovens para autodescrição, na intenção de identificar a existência ou inexistência de distintos conteúdos capazes de afirmar a diversidade juvenil.

De acordo com os entrevistados, as melhores coisas em ser jovem – por ordem de incidência – são: não ter preocupações/responsabilidades (45%); aproveitar a vida/viver com alegria (40%); atividade de lazer/entretenimento (26%); estudar/adquirir conhecimento (26%); ter liberdade (22%); poder trabalhar (16%); amizades (14%); saúde/disposição física/vigor (13%); apoio da família (5%); lutar pelos objetivos (2%); independência financeira (1%); religião (1%); não tem nada de bom (1%).

Os participantes também indicaram as piores coisas em ser jovem: não tem nada de ruim (26%); conviver com riscos (23%); falta de liberdade (17%); falta de trabalho/renda (20%); imaturidade/responsabilidade (9%); desrespeito/falta de compreensão dos adultos (5%).

No campo dos assuntos concebidos como de interesse, estão: educação (38%), obtenção do emprego (37%). Logo depois, cultura e lazer com (27%), abrindo destaque para a música que dentre as formas de divertimento elencadas pelos jovens, obteve maior porcentagem (8%). Atividades físicas (21%); relacionamentos amorosos (20%); família (16%); saúde (13%); segurança (10%); drogas (7%); sexualidade (7%); religião (6%); amizades (6%); informação (3%); bens materiais (1%); moradia (1%).

Frente aos dados balizados, não há como negar os anseios e dilemas da juventude brasileira, em que pese o desejo pelas experiências prazerosas e as demandas sociais. Nesse ziguezaguear, importa justificar que as representatividades referentes aos fatores agradáveis e

⁶ A pesquisa foi coordenada pelo Instituto Cidadania, com parceria do Instituto de Hospitalidade e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Foi executada no ano de 2003 pela Criterium Assessoria em Pesquisas, nas áreas urbanas e rurais do território nacional.

desagradáveis estão intimamente relacionadas às exposições socializadoras, as quais, ora são favoráveis às peculiaridades juvenis, ora restringem seus comportamentos. Tomando como exemplo os dados acima, esse apontamento fica mais claro ao revelarem não haver nada de ruim na juventude, ao passo que apontam a convivência com riscos (23%), falta de liberdade (17%) e falta de trabalho/renda (20%).

O relatório da pesquisa resultou a publicação do livro “Retratos da juventude brasileira”, organizado por Helena Abramo e Pedro Paulo Branco (2005). Na elaboração do texto, houveram colaborações de diversos analistas, os quais produziram um conjunto de abordagens estatisticamente fundamentadas. De acordo com Abramo e Branco (2005, p. 13), as análises serviram “para iluminar dimensões pouco exploradas [...]; reforçar teses já desenvolvidas e questionar outras; problematizar certos enunciados e repensar determinadas conclusões sobre o universo juvenil”. Os resultados confirmaram a heterogeneidade da vivência juvenil e a existência de pensamentos, preocupações e mecanismos de interação, adotados pelo respectivo público, na intenção de serem reconhecidos como agentes ativos. Nesse enfoque, a pesquisa rompe com a estigmatizada concepção da juventude como problema social, incapaz, segundo Abramo (1997), de formular questões significativas e de sustentar uma relação dialógica entre os pares e com outros atores.

Outra pesquisa desse porte foi desenvolvida em 2013 pela Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), com o objetivo de refletir sobre o perfil da juventude brasileira, atentando-se às demandas e formas juvenis de participação política. Intitulada “Agenda da Juventude”, a pesquisa foi conduzida por um conjunto de consultoras e realizada entre os meses de abril e maio de 2013, com a coordenação geral de Gustavo Venturi e apoio da UNESCO Brasil. Foi aplicado questionário estruturado a 3.300 jovens, com idade entre 15 e 29 anos, distribuídos em 187 municípios, incluindo áreas urbanas e rurais dos 27 estados brasileiros. Aprofundaram-se questões a respeito da situação socioeconômica, condição familiar e grau de autonomia, relações de gênero, discriminações, sexualidade, saúde, educação, trabalho, valores, drogas, violência, política e cultura.

Diante da inviabilidade de expor a amplitude dos dados e procurando não se tornar repetitiva, tendo em vista as elucidações da pesquisa anterior, utilizo esta pesquisa mais recente para apresentar os aspectos representativos da juventude brasileira, no que se refere à idade, sexo, local de moradia e demais questões balizadoras ao meu processo de investigação, servindo para

contextualizar o público investigado numa perspectiva macro.

De acordo com a pesquisa, 20% dos entrevistados possuem idade de 15 a 17 anos, 47% de 18 a 24 anos, 33% de 25 a 29 anos. No que tange a moradia, 85% estão na cidade e 15% no campo, sendo que 61 % residem com os pais e 39 % moram sozinhos. Quanto à escolaridade, 16% não concluíram o fundamental, 11% possuem o fundamental completo, 21% médio incompleto, 38% médio completo, 13% superior (incompleto a pós). Em relação ao trabalho, 53% desempenham atividades remuneradas, e 47% estão desempregados.

No uso das mídias como forma de socialização e obtenção de informação, destacam-se a televisão com 83% e a internet com 56%. Relativa às temáticas de interesse juvenil, a educação ocupa o primeiro lugar, assinalada como condicionante para o sucesso profissional, cuja família é a principal fonte de estímulo, seguida do esforço pessoal. Neste caso, os jovens tendem a abrir mão das situações de lazer para manter a atenção voltada aos estudos, em especial no último ano do Ensino Médio, já que se aproxima do ingresso ao nível superior.

Destarte, as pesquisas “Perfil da juventude brasileira” (2003)⁷ e “Agenda Juventude Brasil” (2013) dialogam com o interesse da presente pesquisa, pois, é objetivo do estudo compor um perfil da juventude delmirense, não de modo amplo, por se tratar de uma produção de mestrado, mas, necessária para compreender quem são estes sujeitos, e perceber suas semelhanças e nuances frente aos perfis nacionais estabelecidos em 2003 e 2013. Simultaneamente, as reflexões analíticas das referidas pesquisas serviram de base na construção dos instrumentos metodológicos desta investigação, bem como para lapidar os dados obtidos.

O terceiro trabalho dessa envergadura, tem como foco a situação dos jovens de Sergipe. Intitulado “Jovens de Sergipe: quem são eles, como vivem, o que pensam”, foi desenvolvido pelo professor Charlot (2006) e publicado em livro. Para o alcance dos resultados, foram aplicados questionários a uma amostra de 3.053 jovens entre 15 a 29 anos. Também houve realização de 28 grupos focais, reunindo 248 jovens. Antes dos grupos focais, foram organizados encontros denominados “grupo exploratório”, discutindo livremente assuntos considerados importantes para a juventude sergipana. Os resultados serviram para a elaboração do roteiro de perguntas para os grupos focais. A pesquisa abordou temas como a escolarização, idade, raça, nível de satisfação com vida, classe social, aparência física, emprego, dentre outros aspectos que permitiram

⁷ A pesquisa Perfil da juventude despertou outras pesquisas deram continuidade ao processo de aprofundamento da compreensão da juventude. São elas: “Juventudes Brasileiras”, realizada em 2004 pela Unesco e Juventudes sul-americanas: diálogos para a construção da democracia regional, realizada em 2008, pelo Ibase e Instituto Pólis.

evidenciar a oscilação entre as percepções construídas pela geração jovem e aquelas apreendidas nas estruturas sociais incorporadas em instituições como família, escola e igreja:

[...] os jovens entram na modernidade, sem, portanto, repelir por inteiro valores tradicionais. [...] a necessidade de enfrentar tensões e contradições maiores do que antes seja o marco dessa geração. Gostam da família, mas reivindicam um amplo espaço de escolha pessoal. Aderem geralmente (embora nem sempre) ao discurso liberal sobre os costumes, contudo aceitam limites considerados razoáveis. Nessa situação, os jovens oscilam de princípios abertos e tolerantes a comportamentos pragmáticos mais influenciados pela tradição e pressão social (CHARLOT, 2006, p. 231).

De modo geral, os conflitos sinalizados na reflexão acima indicam que as interações sociais extrafamiliares, as quais os jovens estão expostos, fazem parte da construção identitária, denotando um caráter multifacetado a juventude independente de seu local de moradia. A investigação conduzida por Charlot (2006) possui um recorte sociogeográfico mais próximo ao universo cultural estudado nesta pesquisa. Os dados quantitativos e qualitativos sobre a juventude sergipana conduziram à formulação de perguntas que necessariamente devem ser feitas aos jovens aos rurais sertanejos de Alagoas.

Considerando as informações institucionais levantadas, é possível constatar a incidência de semelhanças entre os interesses e dilemas juvenis, apesar dos diferentes contextos sociogeográficos cujas pesquisas foram realizadas. Entre as semelhanças, é verificada a escolarização como assunto de maior importância e fundamental na ampliação das disposições para o trabalho. Do mesmo modo são evidenciados dilemas, concentrados nos conflitos entre os desejos pessoais e as regras impostas ao comportamento juvenil na sociedade. Pode-se dizer que as similaridades, bem como, as contradições apontadas decorrem do acesso a outros contextos de socialização, entre elas a escola e as interações virtuais com o mundo. Mesmo apresentando acessos diferenciados, não há como esconder a influência destes espaços sobre os jovens brasileiros sejam eles urbanos ou rurais.

Em relação a Alagoas, a busca nos sites institucionais do governo estadual, bem como das universidades federal e estadual, não apontou resultados de pesquisas relacionadas com a minha problemática de estudo.

As pesquisas institucionais sensíveis à escuta da juventude brasileira são, sobretudo, um ganho para fortalecer a compreensão mais flexível sobre os acontecimentos que pairam este

período da vida. Paralelamente, os dados recolocam a juventude numa perspectiva política, cultural e econômica apontando as variáveis sociais elegidas pelos jovens como temáticas de interesse para discussão, desconstruindo o imaginário juvenil como momento de insensatez e individualismo.

Porventura, as informações levantadas revelam similitudes em âmbito nacional e regional (Sergipe), principalmente, em que pese às questões trabalhistas e escolarizantes, tão pouco inquerem a respeito das relações culturais dos jovens, apontando quais os tipos de lazer e bens culturais disponibilizados a estes, em especial à juventude rural.

Dando continuidade ao levantamento das produções, direcionei-me para os estudos acadêmicos, na intenção de verificar os âmbitos pesquisados na Pós-Graduação em Educação em referência à juventude, música e escola.

1.1.3. DISSERTAÇÕES E TESES NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Na intenção de selecionar dissertações e teses produzidas sobre juventude nos Programas de Pós-Graduação em Educação, colaborativas ao meu processo de leitura e escrita, iniciei a busca nos repositórios nacionais. No percurso, tive acesso às obras de Sposito, dentre elas, destaco “Estado da Arte sobre juventude na Pós-Graduação (1999 a 2006)”, produzida no ano de 2009, apresentando um balanço geral das temáticas de pesquisa ao longo dos anos incididos.

Deste modo, antes de expor as dissertações e teses nomeadas para compor o panorama de pesquisas sobre juventude no Brasil, parto de Sposito (2009), a qual exibiu o quantitativo de produções no Programa de Pós-Graduação em Educação ao longo dos anos de 1999 a 2006. A autora apontou 971 produções voltadas aos diversos elementos balizadores da condição juvenil, representando um crescimento discreto, porém, substancial, tornando visível o recente campo de pesquisa.

No quadro a seguir, são reveladas as temáticas emergidas nas 971 produções, por ordem de incidência, dando destaque, em negrito, àquelas que se aproximam da problemática do presente estudo. Acompanhe a seguir:

Quadro 1 - Frequência por tema na área da Educação

Tema	QTDE	(%)
Juventude e escola	173	17,82
Jovens universitários	126	12,98
Adolescentes em processo de exclusão social	81	8,34
Jovens, sexualidade e gênero	76	7,83
Jovens, escola e trabalho	61	6,28
Jovens, mídia e TIC	61	6,28
Juventude e trabalho	47	4,84
Jovens negros	46	4,74
Estudos psicológicos/psicanalíticos sobre juventude	45	4,63
Juventude rural	35	3,60
Participação e cultura política	34	3,50
Jovens portadores de necessidades especiais	33	3,40
Estudos históricos sobre juventude	27	2,78
Grupos juvenis	21	2,16
Jovens e meio ambiente	21	2,16
Jovens e substâncias psicoativas	16	1,65
Juventude, lazer, consumo e sociabilidade	14	1,44
Jovens e família	13	1,34
Jovens e religião	9	0,93
Jovens e violência	6	0,62
Jovens, modos de vida e socialização	5	0,51
Jovens e esportes	5	0,51
Jovens e corpo	4	0,41
Jovens e saúde	4	0,41
Jovens indígenas	4	0,41
Jovens no/do estrangeiro	2	0,21
Outros	2	0,21
Total	971	100,00

Fonte: (SPOSITO, 2009, p. 25)

O quantitativo divulgado, com ênfase nos destaques em amarelo, revela a timidez de pesquisas que visaram compreender as nuances envoltas aos jovens. Em se tratando da articulação juventude e escola, sobressaída no quadro, debruça-se com maior evidência sobre o trabalho, ocupando no exposto acima a quinta posição. Essa estatística não é espantosa, pois, em geral, se estabelece um nexos direto entre escola e inserção no mercado de trabalho, como apontado pelas pesquisas institucionais na subseção anterior. Relativa à juventude rural, as temáticas ainda se centram sobre as políticas públicas e atuação juvenil em espaços laborais. Por sua vez, os estudos agrupados no tema “modos de vida e grupos juvenis” são reduzidos perante a incidência dos apresentados anteriormente, sendo necessário potencializar estudos que abordem as variáveis transversais na vida dos jovens, colocando-as em diálogos com “[...] diferentes domínios (família, escola, trabalho, relações de amizade, vida no bairro, entre outros). Essa transversalidade, integrando aspectos da experiência cotidiana poderá ter o bairro ou a cidade como ponto de partida, articulando práticas socializadoras” (SPOSITO, 2009, p. 30).

No trilhar das proposições, é válido acentuar que os números expostos por Sposito (2009), conduzem a reflexão quanto à primordialidade em impulsionar pesquisas interessadas em abordar as interseções entre culturas juvenis e ambiente escolar. Em Sposito (2009) não foi detectado registro temático específico com relação à problemática central desta pesquisa, o que demandou o aprofundamento no levantamento de trabalhos acadêmicos. Mediante uma busca mais delimitada, a partir de 2006 até 2016, recorri aos repositórios nacionais de teses e dissertações.

Por entender que o banco de teses e dissertações da CAPES reúne pesquisas das mais distintas áreas do conhecimento, este foi utilizado na procura mais específica por produções em nível de mestrado e doutorado em Educação. Utilizando a combinação de palavras-chave, **juventude, escola e música**, 2.844 registros foram apontados. No momento de observação sobre os registros, foi identificado que as produções sinalizadas não correspondiam apenas aos Programas de Educação delimitados durante o momento de levantamento dos dados. Ocorreu que, após o pedido de busca no referido repositório, o quantitativo de trabalhos apontou outros objetos de estudo de outros Programas Acadêmicos. A deficiência encontrada no *site* oficial da CAPES dificultou a localização dos trabalhos sobre juventude inerentes ao Programa de Educação. Até o último instante de verificação, uma vez que é preciso avançar na escrita do trabalho, a dificuldade persistia.

Quadro 2 - Pesquisas sobre Juventude, Música e Escola

Autor	Ano	Dissertação	Palavra-chave
SANTOS, Lisiane Gazola.	2006	Sons das tribos – compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre.	Escola. Estudos culturais. Identidades juvenis. Música. Tribos.
SEREN, Lucas Gibin	2009	Gosto, música e juventude: uma pesquisa exploratória com grupos de alunos da rede pública e privada de ensino.	Educação escolar. Juventude. Gosto musical. Pesquisa exploratória
VALE, Fernanda Feitosa do.	2010	Juventude, mídias sonoras e cotidiano escolar: um estudo em escolas de periferia.	Jovens. Periferia. Música. Escola.
SCHUTZ, Rejane Sittoni.	2012	Identidades juvenis e práticas culturais em uma escola de educação de jovens e adultos.	Educação de Jovens e Adultos. Estudos Culturais. Identidades juvenis. Juvenilização.
PEREIRA, Ivan Nunes.	2014	A importância da música na formação do indivíduo: uma reflexão sobre os obstáculos da difusão da educação musical no espaço escolar.	Música. Formação. Obstáculos. Educação e Espaço Escolar.
MARTINS, Raquel Mendonça.	2015	O rap dos Racionais MC's em sala de aula como via de emancipação de jovens na periferia de São Paulo: análise de oficinas com ênfase no rap.	Adolescente. Rap e periferia. Cultura jovem urbana. Discriminação racial. Formação crítica e Educação musical. Sentido trágico e pós-modernidade.
Autor	Ano	Tese	Palavra-chave
VARGAS, Juliana Ribeiro de.	2015	O que ouço me conduz e me produz? A constituição de feminilidades de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia.	Estudos culturais. Gênero. Juventudes. Feminilidades. Periferia Urbana. Gêneros Musicais.
COSTA, Gisele Maria Marino	2015	As músicas veiculadas pelas mídias entre jovens: Consumo, tendências e comportamentos.	Músicas das mídias. Jovens. Consumo musical. Comportamento. Mediação.

Fonte: Dissertações e Teses da CAPES, disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>, acesso em 02 de junho de 2017.

No exame mais cuidadoso sobre os trabalhos listados, lancei o olhar sobre aqueles que mais se achegam ao meu objeto de estudo, apropriando-me de seus recortes teóricos e metodológicos. Não obstante, serviram para tornar evidentes as colocações de Catani e Gilioli (2008), acerca do tímido interesse sobre a juventude não pertencente às metrópoles entre as pesquisas sociológicas e educacionais. Mesmo não encontrando similitudes com o contexto sociogeográfico desta investigação, destaco três pesquisas no quadro acima, quais apresentaram reflexões significativas sobre a relação juventude, escola e música.

A primeira intitula-se “Sons das tribos – compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por Lisiane Gazola Santos, no ano de 2006. A problemática da pesquisa esteve centrada em como as práticas culturais – atreladas à música – de alunos do Ensino Médio do turno noturno influenciavam na constituição de suas identidades e geravam entre os jovens mecanismos de criação e recriação de seus lugares de pertencimento. No cenário, a escola apareceu como espaço de socialização mais amplo, cujas experiências e trocas entre os alunos não estavam submetidas apenas à sala de aula. Através do Projeto Tribos, organizado e difundindo pelo Grêmio da escola, a autora da pesquisa pode observar os shows musicais promovidos pelo respectivo projeto, ocorridos no interior da instituição, mais exatamente na escada que dava acesso ao segundo andar do prédio. A escada tornou-se, pois, o palco para exposições artísticas dos alunos.

A pesquisadora distanciou-se de paradigmas elitistas e hierarquizantes a respeito da juventude, e refletiu sobre o modo de ser e estar na escola a partir dos espaços mais interativos, como pátio, corredores, pontos de entrada e saída da instituição. Além disso, levou-se em consideração a maneira como usavam o espaço para suas práticas culturais. A compreensão da autora assemelha-se às afirmações de Irapuan Filho (2014, p. 104), quando diz ser preciso “unir aquilo que jamais deveria ser separado: culturas juvenis e escola”, pois este ambiente é privilegiado de socialização, já que os jovens passam tempo considerável de suas vidas nele.

Através de observação participante, entrevista semiestruturada e leitura de documentos produzidos pela escola, os resultados alcançados fizeram menção às tribos juvenis como diversas formas de socialização entre os jovens e as práticas culturais como meio em que são construídos significados para as maneiras de se vestir, pensar e comunicar suas preferências. Sendo assim, a dinâmica cultural atua enquanto mecanismo operante na identificação de si e do outro. Nesse

contexto, é favorável a fala de Machado Pais (1983, p. 103) ao pronunciar que a escola é ambiente no qual os jovens organizam-se em diferentes grupos, compartilhando “diferentes mapas de significação, isto é, a realidade pode ser interpretada e construída, pelos jovens, de diferentes maneiras”.

De modo provocante, a segunda dissertação: “Gosto, música e juventude: uma pesquisa exploratória com grupos de alunos da rede pública e privada de ensino” foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), por Lucas Gibin Seren, no ano de 2009. A própria se aproxima do presente estudo, postulando que a relação intrínseca entre a cultura e a escola pode acontecer de dois modos, a compelir os jovens àquilo que os estudos bourdieusianos chamam de cultura boa, ou, anulando o pragmatismo na intenção de valorizar e articular as distintas experiências culturais.

Adotando a abordagem exploratória, Seren (2009) estabeleceu uma relação metodológica entre a concepção qualitativa e quantitativa, através de um questionário composto por perguntas abertas e fechadas, aplicado numa escola pública e privada de Ensino Médio. Os dados coletados permitiram qualificar as variáveis descobertas com as perguntas abertas e quantificar as respostas de cunho objetivo, que, por sua vez, geraram gráficos comparativos e proveitosos à análise. Além do referido procedimento, o pesquisador teve acesso ao aparelho de mp3⁸ dos participantes, colhendo as músicas apreciadas por eles. Em posse dos dados, Seren (2009) utilizou fundamentos teóricos de Bernard Lahire (2006) para justificar o princípio de que os jovens estão submetidos a experiências culturais diversas, sendo, portanto, heterogêneo o seu gosto. Tal pressuposto foi claramente visível no consumo musical que permeava as relações juvenis investigadas, acarretando no compartilhamento dos gostos de forma interclassista.

Seren (2009) considerou que a educação escolar, juntamente com a família, já não são as únicas fontes de influência na formação do gosto musical dos jovens. Para o pesquisador (2009, p. 130), “na atual conjuntura midiática, no império da cultura de massa, essas duas instituições arrefeceram sua responsabilidade no processo de formação do *ethos* musical”, dando abertura para as relações entre os amigos e espaços de interação, como as praças, ruas e redes virtuais de socialização.

No que tange às distinções entre os dois públicos pesquisados, Seren (2009, p. 130), afirma que “ser um jovem mais abastado significa apenas mais acesso às novas tecnologias e aos

⁸ Aparelho eletrônico portátil com capacidade de armazenamento e reprodução de áudio em um formato digital MP3.

meios mais caros de escoamento da mesma cultura de mercado consumidos por seus pares opostos, isto é, pelos jovens da escola pública”. Enquanto a classe economicamente mais favorável tinha acesso à assinatura de canais pagos na televisão, como MTV⁹, além de internet com maior velocidade de processamento, os jovens da classe popular desfrutavam de programas televisivos gratuitos, rádio e internet com menor velocidade de processamento, bem como aparelhos de mp3 com funções e armazenamento mínimo. Por outro lado, o imediatismo, ou costumeiramente dito “está na moda” era marca característica no acervo musical contido nos aparelhos de mp3, tanto dos jovens da escola privada quanto da pública.

Devido ao surgimento das novas tecnologia e redes virtuais de socialização, a compreensão das experiências de modo fragmentado ressaltou a amplitude do diverso. De acordo com Groppo (2015, p. 568), “os sujeitos circulam por entre tribos, criando e recriando inúmeras identidades fluidas e contraditórias”. Na atual sociedade, as relações se tornam mais plurais e ativas, fornecendo aos jovens a possibilidade de interligar os costumes de sua classe a outros interesses culturais, construindo estilos próprios. Geralmente, os estilos ganham dimensões comerciais, induzindo jovens de distintas realidades à adoção dos mesmos.

A terceira dissertação, “Juventude, mídia sonora e cotidiano escolar: um estudo em escolas de periferia”, produzida por Fernanda Feitosa Vale, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em 2010, analisou os significados da música na vida dos jovens de duas escolas de periferias situadas no município de Rio Claro/SP. Para o alcance do objetivo foi aplicado questionário junto a 316 jovens com idades entre 14 e 19 anos e colhidos depoimentos de 8 meninas e 8 meninos em entrevistas. Os resultados obtidos forneceram reflexões analíticas em dois aspectos: primeiro, para perceber a música como dispositivo imerso no plano dos significados, provocando experimentações heterogêneas. Segundo, apontando dificuldades em agregar as experiências juvenis a um currículo estático, fincado num olhar “adultocêntrico”.

Vale (2010) aprofundou temáticas de identidade, mídias e educação, fomentando que as relações entre jovens da periferia e a escola extrapolam questões de ordem socioeconômica, abrangendo a dimensão cultural. Expondo os embates entre os estilos adotados por este público e a cultura escolar, a pesquisadora assevera:

⁹ Canal televisivo por assinatura com influências estadunidense, reproduz conteúdo sobre moda, música, filmes, seriados e notícias da vida dos famosos.

[...] os conflitos existentes entre a “cultura escolar” e a “cultura juvenil” são derivados do desentendimento entre estes dois “mundos”. Desconhecendo as práticas culturais juvenis que se dão extramuros escolares, a escola não reúne condições para incorporar o interesse dos jovens em sua prática pedagógica (VALE 2010, p. 10).

Frente às dissertações elencadas, há pontos de encontro entre a compreensão de Vale (2010) e Santos (2006) sobre a cultura juvenil enquanto espaço para o desenvolvimento de práticas que permitem os jovens expressarem seus estilos e as formas adotadas para comunicá-los. Diante disso, Vale (2010, p. 08) revela ser imprescindível ao processo educativo o reconhecimento das expressões juvenis, pois, a escola “não se restringe a localização geográfica do corpo físico [...] faz parte desta definição, tanto à especificidade da educação escolar quanto **os sentidos atribuídos pelos sujeitos que vivificam os cotidianos das escolas**” [Grifo nosso]. Semelhante aos estudos de Seren (2009), Vale (2008) também pôde perceber que as mídias mais simples estão em maior incidência entre os jovens de origem popular. Contudo, referente à música, a dissertação de Vale (2008) a toma como classificadora da condição social, pois, o rap e funk estavam entre os estilos mais assumidos pelos alunos periféricos, os quais exibiram as relações preconceituosas e excludentes devidos seus gostos, sendo associados à delinquência e marginalidade, apresentando-se de modo mais veemente entre os negros e pobres.

O apanhado geral das produções acadêmicas inerentes às expressividades, já que seria preciso espaço e tempo ampliado para produção de um estado da arte mais encorpado, serviu na sinalização de pesquisadores interessados pela temática. Nessa conjuntura, os principais pontos de encontro entre a produção existente à problemática desta pesquisa estão ancorados nos seguintes pressupostos explicativos: discussão sobre identidade numa abordagem plural e multifacetada; a escola como espaço de poder e legitimador da estrutura de classe, bem como lugar de disputa uma vez que o ingresso dos jovens de origem popular imprime pela música uma postura de enfrentamento, transformando a estrutura física da escola em ambiente para outras situações interativas; a defesa sobre a construção social das preferências musicais balizada pela troca simbólica entre os pares e a pulverização midiática de vários gêneros musicais. Por outro lado, os apontamentos dissertativos fizeram perceber que, de modo geral, há escassez de pesquisas acadêmicas em contextos rurais focalizando temáticas secundarizadas nas identidades rurais. Foi preciso recorrer a outros meios de busca na tentativa de vislumbrar o que existe em termos de pesquisas sobre juventude rural, com foco nas expressividades identitárias.

1.1.4. PESQUISAS ACADÊMICAS SOBRE JUVENTUDE RURAL

De acordo com o censo demográfico de 2010¹⁰, a juventude rural brasileira corresponde, aproximadamente, a 8,5 milhões de pessoas, tomando como referência as normatizações do Estatuto da Juventude (Lei no 12.852, de 5 de agosto de 2013), que considera jovem a população entre 15 e 29 anos. Por se tratar de uma ampla faixa populacional, está subdividida em três categorias: jovem-adolescente (15 a 17 anos), jovem-jovem (18 a 24 anos) e jovem-adulto (25 a 29 anos). Apesar de 8,5 milhões incidir num contingente expressivo, pouco existe em termos de pesquisas sobre a juventude rural, em especial as suas interações culturais.

No livro “Estudos sobre a juventude rural no Brasil” (2005), de autoria do professor Nilson Weisheimer, pós-doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), são desvendadas as temáticas de pesquisa sobre o determinado público, no período de 1990 a 2004. Conforme Weisheimer (2005)¹¹, as temáticas adotadas e os teóricos utilizados foram observados atentamente na intenção de identificar as semelhanças e os limites entre os estudos.

A obra em questão sinaliza 50 trabalhos realizados por 36 pesquisadores brasileiros, sendo 2 teses, 18 dissertações, 3 livros e 27 artigos. Sutilmente Wwisheimer (2005, p. 10) pondera “que os jovens rurais têm estado invisíveis para a maioria dos pesquisadores brasileiros, constituindo-se em um objeto ainda pouco estudado”. Os trabalhos encontrados foram organizados em quatro grandes linhas temáticas, sendo: Juventude e Educação Rural; Juventude Rural, Identidades e Ação Coletiva; Juventude Rural e Inserção no Trabalho; Juventude e Reprodução Social na Agricultura Familiar. O quantitativo de trabalhos por cada linha temática foi distribuído conforme exposto abaixo.

¹⁰ Realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹¹ O autor teve acesso aos trabalhos analisados por meio da internet, nos sites das Universidades, periódicos, e bancos de teses e dissertações nacionais.

Quadro 3 - Frequência de linha temática por Regiões que concentram estudos sobre juventude rural

Linhas temáticas	Regiões				
	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	BR
Juventude e Educação Rural;	0	1	5	2	8
Juventude Rural, Identidades e ações coletivas;	4	0	6	3	13
Juventude Rural e Inserção no Trabalho;	2	0	2	6	10
Juventude e Reprodução Social na Agricultura Familiar	2	0	5	12	19
Total	8	1	18	23	50

Fonte: (WEISHEIMER, 2005, p.15)

Das quatro linhas apresentadas, inclino-me à juventude e educação rural, juventude rural, identidades e ações coletivas. Na linha juventude e educação rural, Weisheimer (2005, p. 17) presume a “emergência [...] da escola pública de matriz urbana, onde predominam as moças e os projetos de saída da atividade agrícola, e os projetos educacionais voltados aos jovens rurais, em que predominam os rapazes e o incentivo à fixação no campo”, dando continuidade ao legado da família.

Na linha juventude, identidades e ação coletiva, Weisheimer (2005) concentra os estudos em torno da heterogeneidade nas identidades juvenis, as quais perpassam o processo de contraste e assimilação dos padrões urbanizados, materializados na vestimenta, música, gírias e gostos alimentícios. Nessa conjuntura, as identidades foram analisadas não somente pelas dimensões macro (rural e urbano), mas, sobretudo no reconhecimento da origem social como princípio da consolidação identitária e na incorporação dos hábitos distintos da condição de classe.

Outros renomados estudiosos da juventude rural no Brasil, como Eliza Castro (2005), Anita Brumer (2007) e Carneiro (1997) também reiteram sobre o dinamismo nas identidades, politizando o estado juvenil em âmbitos rurais. Além disso, fomentam a relação entre tais localidades (seja eles descritos como rural, sertão, campo, povoado, distrito, cidade de pequeno porte) e o mercado global. Sob mesma proporção, ao longo de suas carreiras, traçaram pertinentes reflexões sobre a educação e migração para os centros urbanos, cujos jovens rurais se submetem

com mais frequência, na intenção de alcançar melhores condições de vida. Nesse sentido, os respectivos teóricos são contributos significativos à problemática desta pesquisa, pois, não é possível ignorar o campo ampliado em que os sujeitos investigados estão inseridos. Tão logo, nesse presente trabalho, o confronto entre a realidade investigada e os resultados indicados por Weisheimer (2005) nas pesquisas por ele examinadas é inevitável para perceber até que pontos estes resultados podem ser encontrados ou diferenciados em meu campo de estudo.

Aproximando as discussões ao meu contexto sociogeográfico investigativo, recorri à Biblioteca Digital de Dissertações e Teses da Universidade Federal Sergipe. Utilizando as palavras combinadas, **juventude, escola e música**, nada de modo direto foi encontrado que acrescesse a esta pesquisa. Sendo assim, valendo-se da terminologia **juventude rural**, foi sinalizada a dissertação de Isabel Gonçalves Menezes, intitulada “Jovens rurais no sertão sergipano: escolarização e identidades culturais”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação no ano de 2012, orientada pelo professor Bernard Charlot.

De perspectiva qualitativa e compreensiva, Menezes (2012) aprofundou questões relacionadas às identidades culturais dos filhos de produtores e assentados da reforma agrária, na faixa de 14 a 29 anos, estudantes do Ensino Médio em escolas urbanas. Por meio de questionário, a pesquisadora identificou que apesar de enfrentarem dificuldades em permanecer na escola, os jovens gostavam de frequentar este espaço, pois instituía contatos com realidades diferenciadas. Nesse meio termo, a pesquisadora constatou que os jovens de origem rural constroem suas identidades desconstruindo aspectos inerentes às identidades rurais sertanejas.

Ora, o processo de aceitação social abordado por Menezes (2012) faz lembrar as ponderações das estudiosas Nogueira e Nogueira (2006) ao discutir de maneira objetiva e clara os conceitos bourdieusianos, entre eles, o *habitus*. De acordo com as autoras, compõe o *habitus* os princípios, valores e comportamentos, os quais orientam as representações e práticas culturais nos espaços de socialização. Todavia, a adoção de *habitus* é flexível, podendo os indivíduos incorporar o *habitus* de sua posição social (classe e contexto sociogeográfico) ou a recusa dos mesmos, a partir da introjeção de *habitus* distintos, o que foi o caso dos sujeitos da pesquisa de Menezes (2012) ao desconstruírem suas identidades rurais a partir da convivência com *habitus* urbanizados.

Além de tais reflexões, é importante salientar que a pesquisa realizada por Menezes (2012), em paralelo aos estudos de Carneiro (1997), Castro (2005) e Brumer (2007) constituiu

uma leitura significativa na ampliação compreensiva sobre quem é a juventude rural. A propósito, a inquietação por esta temática de estudo é parte, também, das ponderações feitas por Sposito (2009), ao considerar a pouca produção científica nos Programas de Pós-Graduação, atuando enquanto mecanismo agravador da invisibilidade rural.

[...] os poucos estudos existentes são reveladores das múltiplas temporalidades que articulam as relações sociais em nossa sociedade, das imbricadas relações de complementariedade e das tensões existentes entre cidade e campo, muitas vezes obscurecidas por uma ótica excessivamente urbana. (SPOSITO, 2009, p.24).

Em consonância com a afirmação de Sposito (2009), Weisheimer (2013, p. 25) relata que “nem todo rural é agrícola e que nos territórios rurais existem muitos processos de inserção social, dos quais os jovens participam e que merecem atenção dos pesquisadores da juventude”. Portanto, as interpretações sociológicas sobre a ruralidade são essenciais para tratar das transformações socioestruturais do *lócus* desta pesquisa, ou seja, Delmiro Gouveia, um vilarejo localizado no coração do sertão de Alagoas que historicamente alcançou relativo patamar de desenvolvimento social, consolidando-se em município.

Nesse meio, reitero as contribuições teóricas sinalizadas, sendo fundamentais a visibilização dos jovens delmirenses e seus modos de interação nos espaços públicos da cidade, em específico a escola. Paralelamente, o longo caminho trilhado na elaboração do panorama de estudos revelou temáticas vinculadas a abordagens metodológicas flexíveis e compreensivas sobre a juventude, em especial, a juventude rural. Diante da amplitude do campo investigativo, cabe reforçar que o presente comunga de tais abordagens, carregadas de multiplicidades e significados, colocando em perspectivas outras indagações em que se articulam as juventudes e as culturas juvenis.

Após o panorama de pesquisas, é contextualiza na próxima subseção a última etapa da educação básica, apontando sua legitimidade e índice de desenvolvimento referente ao ano de 2016, bem como as políticas de acesso a escolarização de jovens rurais.

1.2. POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO PARA JUVENTUDE: OLHARES SOBRE OS JOVENS RURAIS

Reconhecendo que a educação se estabelece como campo de direito por excelência, torna-se primordial apontar sucintamente a situação educacional vivenciada pelas minorias, a saber, a juventude rural. Os dados apontados foram retirados dos documentos oficiais publicados pelo Ministério da Educação.

Considerando o público investigativo deste trabalho, as discussões pertinentes estão centradas no Ensino Médio. A LDB/ n°. 9.394/1996, em sua magnitude, prevê o Ensino Médio, como última etapa da escolarização básica, organizada em, no mínimo, três anos, com finalidade baseada no art. 35, parágrafos I, II, III e IV: consolidar e aprofundar os saberes adquiridos no ensino fundamental; preparar os jovens para o trabalho e cumprimento da cidadania, ensinando-os a adaptarem-se as novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento; formação ética e autonomia intelectual, e, por fim, a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos.

Nessa conjuntura, caberá à escola ser mediadora de tais finalidades, oportunizando momentos de aprendizagens, pautados na relação teoria e prática, essencial na definição dos projetos de vida juvenis. Concomitantemente, as DCNEM (BRASIL, 2013, p. 153) reiteram os pressupostos da LDB (BRASIL, 1996) ao declarar a educação enquanto direito social, fomentado por um “processo de produção e socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam conhecimentos e valores”. Esse direito deve ser mantido de modo qualitativo, superando as desigualdades e injustiças, através de escolas fisicamente e pedagogicamente estruturadas, dirigidas pelo princípio da participação e democratização.

Frente às alusões normativas, as DCNEM de 2013 afirmam a necessidade de perceber as características sociais do jovem estudante do Ensino Médio:

[...] como sujeito com valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares. Além disso, deve-se também aceitar a existência de pontos em comum que permitam tratá-lo como uma categoria social. Destacam-se sua ansiedade em relação ao futuro, sua necessidade de se fazer ouvir e sua valorização da sociabilidade. Além das vivências próprias da juventude, o jovem está inserido em processos que questionam e promovem sua preparação para assumir o papel de adulto, tanto no plano profissional quanto no social e no familiar. (DCNEM, BRASIL, 2013, p. 156).

As normatizações nacionais reconhecem a diversidade juvenil como fator elementar na formulação das ações escolares, já que estas são construídas na intenção de propor a ampliação do conhecimento social destes sujeitos. Portanto, no fazer pedagógico torna-se essencial vislumbrar as similitudes, as quais caracterizam a juventude como categoria, bem como as nuances que dão sentido à existência de juventudes, formuladas pelos contextos socializadores dos quais os jovens participam.

Frente ao cenário de possibilidades, recorreremos às “Sínteses dos Indicadores Sociais do IBGE: uma análise das condições de vida da população brasileira”, publicadas em 2016, com a finalidade de atestar a real presença dos jovens na escola, em especial aos jovens rurais. A partir do documento, constatou que a frequência escolar líquida do Ensino Médio passou de 46,1%, em 2005, para 59,1% em 2015. No contexto, a redução da taxa de distorção idade/série dos estudantes de 15 a 17 anos é de 36,9% em 2005, para 26,4% em 2015. No Nordeste, os índices caem de 56,4% para 36,4% e no rural de 60,7% para 40%. Porquanto, os dados revelam substancial melhoria no acesso e permanência às escolas médias no território brasileiro, dada a construção de unidades educativas próximas às moradias dos jovens.

Ainda, relativo ao Ensino Médio, o último censo escolar, 2016, promovido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) informou que 68,1% da oferta de vagas são asseguradas pelos Estados, e 29,2% são ofertadas por instituições privadas. No que tange à localização, 89,8% das unidades escolares estão na zona urbana e 10,2% na zona rural. Sobre a estrutura, 0,7% (205 escolas), não apresenta espaço adequado, com poucos recursos necessários às atividades científicas e artísticas que envolvem a respectiva etapa de ensino. Apesar da deficiência, é importante reconhecer a acentuada atenção dada ao esporte e a leitura, pois, 77% das escolas, no geral, dispõem de quadras, 88,3% de bibliotecas e salas de leituras. Já em relação ao pátio, ambiente valorizado pelos jovens, no quesito de interações grupais, 63,0% estão cobertos. 29,6% das escolas possuem auditório para a exposição de projetos desenvolvidos em sala, 46,9% dispõe de área verde e 94,5% de internet. O uso dos recursos eletrônicos, entre eles o computador com acesso à internet, é de 94,8% para administração, superando o percentual do recurso para os alunos, de 88,8%. Em relação à adaptação dos ambientes para a inclusão de jovens com deficiência física, somente 46,7% possuem vias e dependências aptas para receber o público.

Em relação às matrículas, no ano de 2016, 8,1 milhões de jovens brasileiros foram

matriculados no Ensino Médio, sendo deste quantitativo, 95% alunos das escolas urbanas, havendo, no recorrido ano, uma recuperação do número de matrículas, avaliada em 0,7%. O crescimento discreto evoca a preocupação de muitos pesquisadores da Educação, quanto ao rumo da escolarização dos jovens da classe trabalhadora, já que lidam com diversos processos sociais além da escola, entre eles, a profissionalização e a necessidade de incrementar a renda familiar, assumindo responsabilidades adultas antecipadamente. Tais situações são mais recorrentes entre os jovens rurais, e interferem na dedicação aos estudos, ocasionando evasões e desistências, Carneiro (1997).

Diante as explanações, cabe lembrar que o censo escolar é ação governamental realizada anualmente, na intenção de monitorar o andamento da educação básica brasileira, servindo para elaboração de políticas públicas, suprimindo carências emergenciais. É o caso do documento “Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil”, publicado em 2014, manifestando as limitações da educação no cenário do campo, além das propostas criadas para superação dos entraves, em virtude do quantitativo singelo de jovens matriculados, quando nos deparamos com os dados apontados pelo censo escolar. Tendo em vista a extensão do documento, está exemplifico no quadro a seguir alguns limites e propostas.

Quadro 4 - Desafios e propostas para a educação no campo

Limitações	Propostas de enfrentamento
Condições materiais para efetivação de uma educação de qualidade (transporte, informação e comunicação etc.);	Construção de escolas comunitárias do campo e com educadores do próprio campo; Formação específica para os educadores que atuam em escolas do campo; Transporte de qualidade;
Ausência de escolas em todos os segmentos da educação básica, principalmente Ensino Médio;	Escolas de Ensino Médio nucleadas no campo em grupos de comunidades;
Ideologia propagada pela escola da cidade como espaço de vida, isto é, currículo das escolas é descontextualizado da realidade do campo;	Promover espaços para valorizar a cultura rural nas escolas e promoção da inclusão digital;
Estudantes do campo que vão para a cidade e ficam à mercê da marginalidade.	Construção de escolas técnicas e institutos de formação no campo.

Fonte: (BRASIL, 2014, p. 96 e 97).

O documento salienta os limites e propostas não somente da educação, mas de todas as esferas sociais que configuram o universo juvenil na ruralidade. Todavia, parte-se de uma ampliação e qualificação do processo de escolarização como possibilidade de enfrentamento dos desafios e concretização de políticas públicas referentes ao trabalho, saúde, gênero, sexualidade e diversidade sexual. Ora, a convivência nos espaços distintos e distantes dos grandes centros urbanos tomou outros rumos a partir da modernização da sociedade brasileira. Portanto, não há como negar as mudanças nos *habitus* de vida rural, como por exemplo, a busca por formação. Nesse sentido, se faz necessário não somente promover políticas, mas efetivá-las, já que o censo escolar de 2016 é prova suficiente sobre a continuidade dos limitado de acesso e permanência escolar de jovens rurais.

Sposito e Carrano (2003) tratando sobre as políticas públicas para juventude declaram que os jovens são sujeitos de direitos e atores sociais, cujos setores da vida pública historicamente vivenciaram conflitos quanto ao modo de tratamento das questões envoltas a esta categoria. Durante os anos 60 as políticas focalizavam o controle, naturalizando os problemas sociais como consequências da fase juvenil. A partir dos anos 1970 e mais efetivamente com a Constituição Federal de 1988, o olhar sobre a juventude, em especial a juventude do campo, tomou outras direções, lançando propostas de inclusão social, como as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, instituídas em abril de 2002 através da Resolução nº 1 do Conselho Nacional de Educação. Tais Diretrizes objetivam a organização e qualificação do ensino, a partir de princípios e procedimentos que visam adequar à identidade escolar ao modo próprio de vida social em ambiências rurais.

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (RESOLUÇÃO CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002, ART. 2).

Frente aos encaminhamentos necessários à garantia da qualidade educacional no campo, é proeminente reconhecer as interfaces entre os saberes disciplinares à organização de vida nestes

espaços, como mecanismo primordial para que os jovens deem sentido à rotina escolar. Não é por acaso a declaração de Carrano (2013) ao fomentar a consolidação de políticas públicas no âmbito da educação enquanto campo de conflito e luta social democrática, cujas minorias evocam o direito de serem atores de suas trajetórias formativas:

As políticas públicas destinadas aos jovens na última década se destinaram muito mais a oferecer aquilo que institui ser as necessidades dos jovens e muito menos a se ocupar em indagar ou provocar processos que abrissem espaços e tempos de diálogos para que os próprios jovens apontassem caminhos e demandas (CARRANO, 2013, p. 24)

Diante da fala de Carrano (2013), fica evidente que os jovens precisam de espaço e tempos não apenas para introjetar projetos de educação pré-concebidos por vias adultas e institucionais, geralmente desconhedores das nuances sociais envoltas aos contextos em que as escolas estão inseridas. Na verdade, os jovens anseiam por serem ouvidos na formulação das políticas, exemplo disso, foram as ocupações das escolas públicas médias no ano de 2016 em resposta a reforma curricular do Ensino Médio. O Movimento esteve encabeçado pela juventude brasileira, que se estendeu em todo território nacional, não estando ineto os jovens rurais sertanejos de Delmiro Gouveia, que fecharam as escolas por quase dois meses.

Após o mapeamento das produções (livros, teses, dissertações e artigos) e documentações (relatórios, leis e diretrizes nacionais) a respeito da juventude brasileira, em especial a juventude rural, bem como, sucinta exposição dos índices de educação no país, com ênfase no Ensino Médio, é apresentado na próxima subseção, o caminho metodológico trilhado na concretização dos objetivos propostos, delineados como ações para a resolução da problemática central.

1.3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

[...] a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular. A esse ritmo denominamos ciclo da pesquisa, ou seja, um processo de trabalho em espiral que começa com um problema [...] e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações (MINAYO, 2002, p. 26).

A reflexão acima denota que o bom andamento de uma pesquisa depende das escolhas metodológicas, pois elas são responsáveis por organizar e estruturar etapas a serem realizadas. Porquanto, o rigor e flexibilidade, enquanto critérios fundamentais à cientificidade faz do trabalho acadêmico um processo complexo, que se configura no trilhar para aproximação ao objeto de estudo.

No campo da pesquisa compreensiva, Minayo e Guerriero (2014, p. 1105), asseveram que a conjuntura metodológica “tem-se como termos estruturantes os substantivos experiência, vivências e ação social, termos que constituem seu chão e sua base; [...]”. Em outras palavras, a preocupação reside em detectar e examinar o contexto em que as ações dos atores acontecem, o quanto os atores entendem suas ações, as condições materiais e simbólicas nas quais atuam e os significados atribuídos. Nesse cenário, Gil (1999, p. 42) declara que o “ambiente natural é a fonte direta para coleta de dado, o pesquisador é o instrumento chave” e as fundamentações teóricas indispensáveis para lapidar os dados e gerar interpretações claras e coerentes.

Pensando a compreensão das identidades rurais sertanejas como máxima deste trabalho, a abordagem metodológica inscrita não reside em postular uma corrente teórico-metodológica como eficaz, mas, flexibilizar as fronteiras rígidas, absorvendo das diferentes contribuições que ofertam orientações significativas para os pesquisadores no campo da sociologia compreensiva, porém, sempre respeitando os limites dessa flexibilização. Sob esse princípio, Lalandá (1998) argumenta que hoje:

[...] é consensual afirmar a importância de uma abordagem plurimetodológica [...]. As técnicas de recolha de informação e as metodologias quantitativas ou qualitativas não se opõem, antes se completam. **Essa pluriabordagem corresponde, em termos metodológicos, à própria integração científica das diferentes ciências sociais** (LALANDA, 1998, p. 872) [grifo nosso].

A possibilidade de integrar abordagens metodológicas distintas em pesquisas sociais implica em um modo de olhar mais diverso e reflexivo sobre as dimensões do real investigado. Nesse âmbito, Lalanda (1998, p. 872) pressupõe que a “realidade sociológica é sempre uma construção que se fundamenta num universo factual. Cabe encontrar, através dessa construção, o essencial de um real, por vezes, anulado pelas rotinas”. Significa dizer que a problemática de uma pesquisa, não interpreta o objeto em sua totalidade, atribuindo sentidos universalizadores, tendo em conta o conjunto de fatores sociais que o compreende. Caberia inferir, que os limites definidos na formulação da problemática conduzem a sentidos múltiplos a partir dos postulados teóricos e experienciais do pesquisador.

Após escritos esclarecedores sobre o caminho metodológico desta pesquisa, anuncio a predileção pelo estudo exploratório, qual, segundo Gil (2008, p. 27) apresenta “como principal finalidade desenvolver, esclarecer conceitos e ideias, [...] em vista à formulação de problemas mais precisos”. Essa abordagem é flexível quanto ao planejamento, envolvendo técnicas como levantamento bibliográfico e questionários. Além disso, sua usabilidade é frequente em estudos pouco explorados, o que é caso da juventude sertaneja alagoana. Preza-se pelo envolvimento de participantes que partilhem aspectos semelhantes, pois no decorrer do relato sobre suas percepções e experiências, aparecerão as diferenciações.

Minayo (2002) aponta elementos norteadores do estudo exploratório, dando a ele profícua efetivação. Em suas palavras, é interessante que este modelo seja:

[...] crítico porque devemos estabelecer um diálogo reflexivo entre a teoria e o objetivo de investigação; amplo porque deve dar conta do estado do conhecimento atual sobre o problema; vinculado a vida real – a rigor, um problema intelectual sugere partir de sua existência na vida real e não espontaneamente. Condicionado historicamente (MINAYO, 2002, p.32).

As pesquisas exploratórias observam as variáveis ligadas ao seu estudo tal como são ofertadas pelas condições do campo. Seren (2009, p. 98) afirma que esse processo lhe é particular e “induz o pesquisador [...] a desvendar novos enfoques, facetas, reverberações e até novas terminologias, contribuindo, não raro, para que novas incorporações teóricas sejam feitas”. Além disso, cada técnica de coleta de dados avança apoiando-se nos alcances da técnica anterior. O estudo exploratório oportuniza contribuições relevantes à temática expressividades musicais de

jovens sertanejos no espaço escolar, podendo favorecer que futuros trabalhos gravitem em torno dos esclarecimentos e descobertas feitas *a priori*.

A articulação com a pesquisa descritiva respalda-se no princípio explicitativo das características descobertas durante o processo exploratório. Simultaneamente, o caráter narrativo que prescreve a coleta de dados, a partir de entrevistas, também endossa a escolha dessa tipologia metodológica, já que a aproximação aos participantes do presente estudo tem a finalidade de colher relatos sobre suas expressividades musicais articuladas a escolarização. Segundo Gil (2008, p. 27), “as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”, ou seja, com a dimensão real da vida humana.

Entendendo que os jovens sertanejos de Alagoas correspondem a um público numeroso, sendo impossível a realização eficaz de uma pesquisa acadêmica em curto período, foi delimitado como campo empírico a cidade de Delmiro Gouveia, especificamente, uma escola pública de Ensino Médio. São instrumentos para coleta de dados as seguintes estratégias combinadas, correspondentes aos objetivos específicos, exemplificados a seguir:

Quadro 5 - Objetivos específicos e estratégias metodológicas

Objetivos específicos	Instrumentos
Compor o perfil dos jovens do 3º ano do Ensino Médio	Questionário
Identificar a presença da escola nas expressividades musicais dos jovens	Observação livre e entrevista semiestruturada
Analisar os significados que estes atribuem à música e a escola em seus processos de construção social.	Entrevista semiestruturada

Fonte: dados da pesquisa, 2016/2017.

Vale ressaltar que todo e qualquer procedimento metodológico realizado com os participantes da pesquisa foi aprovado pelo regimento do Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe (UFS), respeitando as Normas e Diretrizes regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos – Res. CNS 196/96, II. 4. A pesquisa foi apresentada a 11º Gerência Regional de Educação do Estado de Alagoas, a qual é responsável pelas escolas estaduais dos

municípios sertanejas. Junto à apresentação, constaram cópia do projeto de pesquisa e o termo de anuência. Após o aval da Gerência, o mesmo procedimento foi realizado junto à direção da escola. Os jovens participantes estiveram legalmente protegidos pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE), garantindo o anonimato e discrição. A escola, que prontamente se dispôs a participar da pesquisa, teve acesso à esta dissertação.

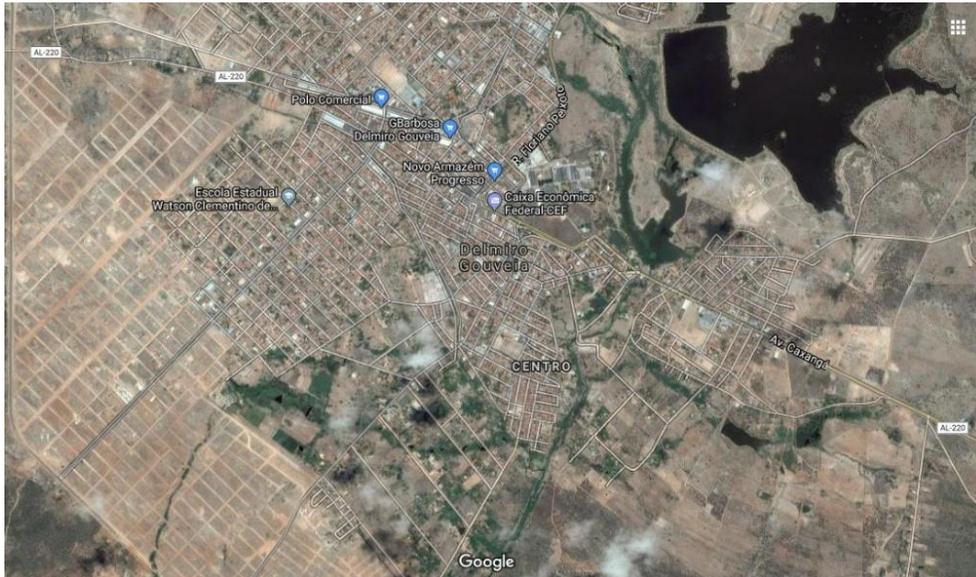
Após as explicações metodológicas, torna-se essencial conhecer o contexto amplo, no qual a problemática encontra-se vinculada, situando a pesquisa em tempo e espaço. Simultaneamente, a oportunidade em conhecer o município de Delmiro Gouveia – em suas origens e evoluções – favorece a percepção do movimento progressivo no sertão alagoano, em que pese às mudanças de ordem estruturais e culturais, estabelecendo pontos de encontro entre as temáticas teóricas que circunda o trabalho.

1.4. CAMPO AMPLIADO DA PESQUISA

A escolha do *locus* justifica-se por ter nascido e me criado em Delmiro Gouveia, e está em minha juventude envolvida em práticas culturais vinculadas a musicalidade (canto) com grupos locais, bem como, por atuar como professora na rede pública. Concomitantemente, a escassez dos estudos confirmados pelo panorama de pesquisas fomentados na subseção 1.2, instigou e complementou a justificativa pelo *locus*.

Localizado no Nordeste, Alagoas, de acordo com os dados oficiais do IBGE, tem uma população estimada de 3.358. 963, com 102 municípios, agrupados em três mesorregiões: leste, agreste e sertão. Delmiro Gouveia está situado no extremo do sertão, com média de vida aproximadamente 100 anos. Apresenta uma estimativa de 52.306 habitantes, com área territorial de 626,690 (km²), sua base econômica encontra-se no comércio, agricultura e pecuária, o principal acidente geográfico é o rio São Francisco e possui mais de cinco povoados ou vilarejos, sendo fronteira com os estados de Sergipe, Bahia e Pernambuco. Além de tais fronteiras, também se encontram próximos a Delmiro Gouveia os municípios alagoanos Água Branca, Pariconha, Olho d' Água do Casado. A seguir imagem ampliada da cidade.

Figura 1 – Imagem de satélite do município de Delmiro Gouveia



Fonte: (Google maps, 2017).

Para compreender o desenvolvimento desta localidade, anteriormente conhecido por Vila da Pedra, é necessário conhecer acerca do idealizador e empreendedor que lhe empresta o nome, o cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, que nos anos 1902 chegou a tais imediações, disseminando mudanças de ordem política e econômica. De acordo com Santos (1997), Delmiro Gouveia era homem dotado de grande talento para a atividade comercial o que lhe conduziu à fortuna através das transações com a firma norte-americana *J. H. Rossbach Brothers*, cuja principal atividade era a negociação de couros e peles para exportação. A audácia e astúcia o levou a outros campos econômicos, firmando, em 1898, contrato com o prefeito do Recife, José Coelho Cintra, para a construção do mercado *Dery*, o qual se configurava no mais moderno da América do Sul. Silva (2016) afirma que a grandeza do prédio e a diversidade de produtos ofertados fez do lugar o primeiro *shopping center* do Brasil.

Os inimigos políticos e suas aventuras amorosas o levaram à falência e à perda do mercado, obrigando-o a refugiar-se em 1902 nas terras alagoanas. Em Alagoas, no povoado Pedra, seu potencial para o desenvolvimento comercial e industrial foi expandido, conforme exemplifica a citação a seguir:

Delmiro viu um ponto estratégico para as suas futuras atividades, pois esta localidade ficava na fronteira com os Estados de Pernambuco, Bahia e Sergipe,

cortada por um ramal de Estrada de Ferro Paulo Afonso, cuja estação situava-se na fazenda Pedra e abrigava, ainda, algumas casas de empregados-moradores (SILVA, 2016, p. 17).

Por meio da fala de Silva (2016), o empreendedorismo do homem Delmiro alcançou o sertão elevando-o em desenvolvimento industrial. A Estação Ferroviária que por ele foi revitalizada possibilitou a retomada de seus negócios de peles. A edificação da Fábrica da Pedra, que abriu portas em junho de 1914, especializada em fios e linhas de costura, com máquinas de alta tecnologia da época, exportando seus produtos para países como Peru e Chile, foram marcos definitivos na organização espacial do povoado Pedra. Tais produções viabilizaram a construção de uma vila operária para os funcionários da fábrica, dividida em sete ruas. Atendimento médico, iluminação nas casas, água encanada, farmácia, açougue, feira de produtos naturais, e outros benefícios foram fornecidos aos sertanejos.

As expectativas eram extremamente esplendorosas para o sertão, considerando a dimensão populacional de duas dezenas de casas. No entanto, a persistência de Delmiro fez com que um número considerável de pessoas se deslocasse de seus locais de origem em busca de trabalho. De acordo com Silva (2016, p. 19), “a Vila da Pedra era dividida em duas: a de propriedade da fábrica, chamada de vila operária, isolada por uma cerca e, no outro lado, a ‘Vila Livre’ ou ‘Pedra Velha’”. No entanto, as mudanças estruturais e o crescimento habitacional – retratados na imagem a seguir – vieram condicionados à política de vida imposta por Delmiro, que obrigou a transformação dos costumes e hábitos dos que ali viviam. Regras e valores foram estabelecidos para ordenar o convívio em comunidade:

[...] proibiu-se cuspir no chão da fábrica, vender bebidas alcoólicas, fumar em praça pública, usar chapéu dentro das casas e praticar os jogos de azar. Os namorados eram constantemente monitorados, e o casal flagrado em suave deleite era punido com o casamento. Não havia prostituição, nem roubo, (SILVA, 2016, p. 19).

Figura 2 – Imagem Vila da Pedra em 1914



Fonte: (Blog Amigos de Delmiro, 2017).¹²

De mudanças estruturais a comportamentais, Delmiro investiu seus recursos na tentativa de fazer o sertão um lugar rentável. Devido o seu empenho e de outros que logo vieram após seu assassinato em 1917, Pedra¹³ logo contava com uma dinâmica de vida urbana, ainda, tímida na própria capital do Estado, Maceió. Paulatinamente, a região sertaneja, ganhou patamares mais elevados de modernização.

Avançando na história, entre os anos 1970 a 1990, já, então, denominada Delmiro Gouveia, ambientes de lazer, como cinemas (Pedra e Real) e clubes de festas (Vicente e Palmerão) abrilhantavam os dias e noites dos jovens delmirenses. Estes espaços enfatizam as mudanças vivenciadas nas localidades rurais, em decorrência do agrupamento de instrumentos e práticas urbanizadas. Valendo-se das ponderações circunscritas por Carneiro (1997, p. 61), “o conjunto de reflexões nos leva a pensar a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas”. Nessa conjuntura, Delmiro Gouveia era uma cidade de pequeno porte que se desenvolvia em número de habitantes, estrutura e hábitos urbanos.

Na imagem abaixo é possível visualizar as mudanças estruturais, como pavimentação, e um dos cinemas da cidade – o prédio branco – localizado à esquina da Rua 13 de maio.

¹² Criado por Cesar Tavares e seus colaboradores, revela, por meio de fotografias e depoimentos as histórias de personagens políticos e culturais que contribuíram no desenvolvimento da cidade Delmiro Gouveia. Disponível em: <http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br/> acesso em 27 de abril de 2017.

¹³ O município, com a denominação de Delmiro Gouveia está amparado pela Lei n.0 1623, de 16 de junho de 1952.

Figura 3 – Imagem da Rua 13 de Maio em 1980



Fonte: (Blog Amigos de Delmiro Gouveia, disponível em <http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br/>, acesso em 27 de abril de 2017).

No período transcorrido, os jovens, de um modo geral, vivenciavam um descontentamento com a repressão militar. Os ambientes não escolares como cinema, teatro, praças e ruas serviram de palco para as lutas políticas da juventude. Entre as artes utilizadas para manifestar seus anseios, a musicalidade se destacava enquanto mecanismo de divulgação de novas posturas nos Festivais que aconteciam pelas capitais brasileiras.

De acordo com Tatit (2004), o Festival de Música Popular Brasileira (1965 a 1985), realizado principalmente na cidade de São Paulo, é famoso por consolidar compositores e intérpretes, como: Elis Regina, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Jair Rodrigues, Tom Jobim, Guilherme Arantes e outros. Além deste, também, chamava atenção o Festival Internacional da Canção – empreendido no Rio de Janeiro (1966 a 1972) – por envolver jovens de filiações culturais distintas.

No processo de ditadura, as edições dos Festivais revelaram, mesmo que em situações adversas, a potencialidade cultural da juventude brasileira, em específico àqueles que ultrapassavam os muros das universidades em busca de autonomia, reivindicando direitos e liberdade de seus estilos, gostos e preferências. Contudo, não se pode esquecer que a problematização social causada pela juventude desagradava a organização política da época. Martins (2014) afirma, que numa entrevista publicada por D'Araújo e Castro (1997), concedida pelo General Ernesto Geisel, é revelada a indignação do General frente à informalidade da

juventude em suas vestimentas e manifestações.

Contrária ao controle exercido pelos militares, a juventude, independente de classe social, proclamava na música uma ideologia de vida, na intenção de lutar contra o pragmatismo imposto, como aponta Tatit (2004):

Gradativamente, porém, foram levados a responder aos embates da época: golpe militar e fechamento parcial do regime político em 1964. Nara leão, símbolo da abastada zona sul carioca fez aliança com seu contemporâneo do subúrbio de Piedade, Zé Ketí [...] e com o maranhense João do Vale para a realização do show de opinião, que tinha um sentido de expressar a resistência dos oprimidos à nova ordem. Essa linha contava com o forte apoio estudantil (TATIT, 2004, p. 52).

Nas palavras de Tatit (2004), é possível visualizar as reflexões de Machado Pais (1993) sobre os fatores pré-definidos, como a classe social, já não serem as únicas fontes influenciadoras da juventude. No período discorrido, as interações culturais, aproximaram jovens de origens econômicas diversa, e até mesmo de estilos musicais diferentes, em torno de um objetivo comum.

Tais acontecimentos não era uma realidade distante em Delmiro Gouveia, devido à própria estrutura da cidade, bem como, à dinâmica juvenil que estava vinculada a movimentos estudantis. O Festival da Canção, na referida cidade, teve sua primeira edição no ano de 1976 e perdurou até o ano de 1996, todavia, sem frequência anual, pois, os jovens dependiam de patrocínios locais para a realização. Apesar dos limites impostos a juventude num cenário, cujos princípios militarizados estavam arraigados, associada à moralização religiosa, este público lutava por visibilidade. Segundo informações do “blog Amigos de Delmiro”, que conta a história da cidade, os *shows* davam abertura para peças teatrais e declamação de poemas, quais junto as músicas, compunham as indignações da juventude sertaneja frente à sociedade brasileira e as regras a eles impostas.

O Festival da Canção era organizado em modalidades, premiando as três melhores músicas autorais, bem como, os três melhores interpretes com releituras de sucessos da época, sendo diversificados os estilos musicais presentes nesses momentos, uma vez que, durante 1970 a 1990 a musicalidade brasileira expandiu em suas tematizações. No período assinalado, a música brasileira sofreu influência marcante do rock norte-americano, sem perder de vista as valorizações nacionais. Barão Vermelho, Cazuza, os Titãs, Legião Urbana, são exemplos de

grupos de jovens que iniciaram o rock brasileiro. Também, houve espaço para o reggae e o funk que já haviam impregnado os sambas. Do mesmo modo, as canções pop, que abusam de recorrências melódicas e estímulos corporais, tornaram-se recorrentes entre o público jovem, por meio da banda Paralamas do Sucesso. Outros ritmos como “Axé” e “Brega” que estouraram nos anos 1990 eram atrativos das festividades que brotavam no Nordeste.

A amplitude e diversidade musical florescida desembocaram na reinvenção de gêneros musicais e surgimento de outros. De modo geral, a música implicou e continua implicando diretamente na formação dos estilos juvenis, gerando marcadores estéticos e ideológicos, desembocando pela relação de poder – muitas vezes conflitantes e transgressoras da hegemonia – processos identitários. Esta reflexão pode ser confirmada na imagem abaixo. Mesmo sem muitas informações disponíveis no site que consta a fotografia, o relato acessível afirmava ser uma apresentação de rock no Festival da Canção, realizada no clube de festas “Vicente de Menezes”.

Figura 4 – Apresentação musical entre os anos de 1976 a 1996



Fonte: (Blog amigos de Delmiro Gouveia, disponível em <http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br/>, acesso em: 27 de abril de 2017).

Tendo em vista a reflexão do parágrafo anterior, é admissível que distintas filiações musicais emanavam no sertão, rompendo com paradigmas homogêneos sobre as identidades. Subtil (2011, p. 179) atesta que “a música midiática auxilia na constituição de subjetividades, assume importância fundamental nos processos de socialização e é parte integrante do cotidiano dos sujeitos”, produzindo sentidos sobre si e sobre o mundo. Concomitantemente, é importante lembrar que a dinamicidade musical inscrita nos contextos de vida juvenis está correlacionada ao

avanço midiático, o qual proliferou novos gostos musicais.

Cabe lembrar que a vivência musical está representada na escola, na família, igreja, praças e tantos outros espaços de sociabilização frequentados pelos jovens, nesse sentido, faz-se necessário o direcionamento de pesquisadores sociais sobre estas localidades.

Atualmente, Delmiro Gouveia, configura-se na 10ª maior cidade do Estado, seus espaços de lazer, além do rio, concentram-se em praças, bares e lanchonetes. É importante destacar que os espaços de socialização como cinemas e clubes perderam-se paulatinamente no decorrer da história, dando lugar aos mecanismos eletrônicos e redes virtuais de interação. A seguir, a imagem retrata a atual organização espacial do centro do município. À direita, está localizado um pequeno coreto, onde são realizadas as manifestações de cunho político e artístico.

Figura 5 – Vista ao alto da cidade Delmiro Gouveia em 2000



Fonte: (Facebook de fotos antigas de Delmiro Gouveia, disponível em <https://www.facebook.com/Delmiro-das-Antigas-467604423339094/>, acesso em 27 de abril de 2017).

Quanto à movimentação cultural, os Festivais já não são mais realizados, e os jovens elaboraram alternativas para expressão artística, como canais no *you tube*, e o Bloco Cordel Encantado, exibido anualmente nas festas carnavalescas no coreto da cidade. A festividade proporciona abertura a diversas vertentes musicais, desde o rock ao frevo. Costumeiramente, sua realização conta com articulação dos estudantes.

Figura 6 – Bloco Cordel no carnaval, entre 2000 a 2017



Fonte: (Site Adalberto Gomes Noticiais, disponível em <http://www.adalbertogomesnoticias.com.br>, acesso em 27 de abril de 2017).

Além do bloco carnavalesco – que alcança de modo mais abrangente o público alternativo – rotineiramente é possível encontrar grupos juvenis a tocar violão nas praças ou nos bares que dispõe de música ao vivo. Após a implantação do Campus da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)¹⁴ no ano de 2010 esta dinâmica aumentou consideravelmente, pois, Delmiro Gouveia, começou a abrigar diversos jovens de cidades circunvizinhas e de outros Estados.

Compor um registro histórico da cidade foi um trabalho prazeroso, pois, sou parte dessa realidade. Algumas leituras de pesquisas sobre o homem e o município Delmiro Gouveia, acompanhadas de relatos e imagens exibidas no Blog Amigos de Delmiro, foram essenciais para descrever o cenário. Além disso, serviu, para reafirmar que o rural historicamente instituído como contrário ao urbano adquiriu uma nova configuração. A relação entre esta concepção e o campo pesquisada foi verificada na ressignificação das identidades culturais sertanejas, modificações do próprio espaço geográfico e das estruturas sociais que regem o convívio coletivo, levando os sertanejos à aquisição de outros mecanismos de renda, pouco evidentes quando este lugar ainda era considerado Povoado Pedra, entre eles supermercado, ambientes de beleza e estética, restaurantes e bares. Em contrapartida, não significa que a ruralidade perde todas as suas

¹⁴ De acordo com o site da referida Instituição, há aproximadamente 2.618 estudantes matriculados entre os cursos de: Licenciatura em Pedagogia, Geografia, História; Engenharia Civil, Engenharia de Produção.

características singulares, já que é possível estabelecer trocas:

[...] as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural [...]. Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados [...] (CARNEIRO, 1997, p. 58).

Após o registro elucidado sobre o campo ampliado da pesquisa, é válido direcionar os esforços para o *locus* específico, descrevendo o espaço cujos procedimentos metodológicos foram efetivados, o qual corresponde a uma escola pública de Ensino Médio do referido município.

1.5. A ESCOLA ESTADUAL LUIZ AUGUSTO AZEVEDO DE MENEZES: O *LÓCUS* DA INVESTIGAÇÃO

Sendo o *locus* específico de pesquisa uma escola do sistema educacional público de Alagoas, é oportuno apresentar, mesmo que brevemente, um panorama da realidade existente em tais terras. De acordo com as últimas estatísticas da educação básica feitas pelo (INEP)¹⁵, no ano de 2016 foram registradas 3.127 escolas, sendo 383 instituições de ensino médio a cargo das administrações estadual, federal e privada, 361 delas localizada na zona urbana e 22 na zona rural, tendo sido feitas 112.495 matrículas.

A educação pública em Alagoas está organizada em 12 gerências que intermediam as demandas das escolas estaduais. A 11ª gerência é responsável por 21 escolas distribuídas em 8 municípios do sertão: Água Branca, Canapi, Delmiro Gouveia, Inhapi, Mata Grande, Olho D'Água do Casado, Pariconha e Piranhas. Dentre o quantitativo exposto, em Delmiro Gouveia, constam 7 instituições voltadas ao ensino médio, equivalendo a 4 estaduais e 3 privadas, somando o total de 1.822 matrículas. Deste contingente, foi selecionada a Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo Menezes, sediada à Rua Nascimento Bandeira, nº 215, centro da cidade,

¹⁵ No censo escolar equivalente ao ano de 2016 o INEP não apresentou o registro total de instituições fechadas, contudo, é um dado que merece ser mencionado, não com a finalidade de análise minuciosa, mas para sensibilizar a respeito de uma realidade que existe e precisa ser observada em termo de políticas públicas e questionada em pesquisas científicas. Portanto, os dados podem servir para inquietar os prováveis leitores deste trabalho na

registrada com a portaria nº 116/2003, publicada no Diário Oficial do Estado, 28/02/2003 SEE/AL, e cadastrada no Censo Escolar com o nº 27003221. A escolha da instituição como *locus* de estudo, deu-se pela relação empática construída por meio de projetos de extensão, desenvolvidos durante minha graduação em Pedagogia (UFAL). As experiências de pesquisas junto aos jovens, a respeito dos conflitos e valores que circundavam sua escolarização, colaboraram na problemática centra desta dissertação.

Inaugurada em 16 de março de 1980, carrega o nome de um jovem pertencente a uma família de renome da região, por suas influências políticas e econômicas. Em contrapartida, o percurso para estabelecer uma instituição de ensino no sertão de Alagoas, envolveu diversos atores que ao longo dessa escrita serão elencados. Para iniciar as discussões, a seguir, imagem da inauguração da escola.

Figura 7– Imagem da escola em 1980



Fonte: (Portfólio impresso da Escola Luiz Augusto Azevedo de Menezes, 2017).

Na leitura do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes, acompanhada de diálogos informais junto à coordenação escolar, foi possível identificar aspectos importantes da história e organização pedagógica da instituição. A

delmirense Beatriz Rocha¹⁶, nascida no dia 8 de maio de 1957, foi a primeira diretora, ocupando o cargo por mais de 20 anos, de 1980 a 2000. O estabelecimento apresentava um formato de escola técnica, com vista à habilitação para o trabalho na Fábrica da Pedra, eram ofertadas aulas de técnicas agrícolas e tecelagem, ministradas por funcionários respeitados da respectiva Fábrica. Existiam também aulas de educação para o lar e tipografia.

Entre as realizações na gestão da professora Beatriz Rocha, destaca-se a criação do Grêmio Livre, fanfarra, quadrilhas, jogos estudantis e feiras de ciências, os quais possibilitaram o envolvimento e empenho dos alunos com questões escolares. Não menos importantes, também eram desenvolvidos os shows de talentos, ação promovida em parceria com as demais escolas da cidade. Os alunos eram motivados a revelar sua criatividade e talentos artísticos, seja na música, dança e interpretação teatral. Ações junto ao governo do Estado foram pleiteadas já ao fim de sua gestão, sendo a mais importante e tão sonhada reforma do prédio e aquisição de mobília.

Posteriormente, esteve à frente da diretoria a professora Raquel Dias, que enfrentou o período de reforma da instituição, tendo sua conclusão no ano de 2007. A evasão de alunos foi a maior problemática enfrentada pela gestão, uma vez que os alunos estiveram distribuídos por várias escolas na cidade durante a reforma, dificultando o acompanhamento pedagógico. Naquele momento, somente 190 jovens estavam matriculados. Sendo reeleita, no ano de 2008, Raquel Dias deixou o cargo no ano de 2010, após intenso trabalho de recuperação no número de alunos. Nesse mesmo ano houve nova eleição, sendo eleita a professora Aparecida Vieira, dando continuidade ao trabalho da gestão anterior, acrescentando o desenvolvimento de projetos pedagógicos vinculados às ciências e a arte.

Atualmente, a administração da instituição está a cargo da professora Maria Melo. O corpo discente é composto por 922¹⁷ alunos devidamente matriculados. São filhos de funcionários públicos, trabalhadores rurais, operários, comerciantes e profissionais liberais da cidade.

Quanto ao corpo docente, há 18 profissionais com formações específicas referentes às disciplinas orientadas pelas DCNEM (BRASIL, 2013).

O apoio técnico administrativo é composto por 27 funcionários, entre eles secretário escolar, vigilantes, cozinheiras, zeladoras e auxiliares de disciplina.

¹⁶ Para assegurar o sigilo dos nomes foram adotados pseudônimos.

¹⁷ Do quantitativo expresso, 103 são moradores de espaços rurais (distritos e povoados).

No que se refere à estrutura física, a escola passou por novas reformas, dando maior comodidade aos estudantes. A mesma está distribuída em 07 salas de aula, 01 pátio coberto que se configura no local de encontro dos jovens no intervalo, entrada e saída das aulas, 05 banheiros, 01 cozinha, 01 cantina, 01 sala dos professores, 01 laboratório de informática, 01 laboratório de ciências, 01 almoxarifado, 01 despensa, 01 depósito, 01 sala de coordenação, 01 secretaria e 01 direção.

Quanto ao mobiliário e equipamentos, apresenta mobília específica aos espaços elencados, além de aparelhagem tecnológica que atendem os discentes, docentes e setores administrativos, como computadores, impressoras, aparelho de som e DVD, máquina de fotocópias e multimídia.

Para a manutenção diária do prédio, a escola recebe recursos do PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola – recurso anual destinado somente a pequenos reparos estruturais, aquisição de bens permanentes, material de limpeza e expediente. Além desses recursos, a escola também recebe o PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar.

Em suas imediações é possível encontrar bancos, lanchonetes, papelarias, praças, igrejas e residências. Pontos políticos como a câmara de vereadores e o prédio da Prefeitura também estão espacialmente próximos.

Figura 8 – Imagem da faixa da escola em 2017



Fonte: (Portfólio da Escola Luiz Augusto, 2017).

Observar para conhecer brevemente alguns aspectos históricos, pedagógicos e rotineiros do contexto investigativo é extremamente relevante, pois, ao familiarizar-se com o próprio, o pesquisador define com maior segurança seus instrumentos de coleta de dados. O ambiente escolar foi ingrediente importante na investigação realizada. É nele que os sujeitos pesquisados estabelecem a dinâmica cotidiana que nos interessa para melhor compreender o lugar e o papel da expressão musical em suas experiências de escolarização. Assim sendo, a subseção esta encarregada de apresentar as características básicas destes sujeitos, quais frequentam a instituição escolar fomentada.

1.6. OS SUJEITOS DA PESQUISA: JOVENS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Os sujeitos centrais desta pesquisa são os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes. Eles estão distribuídos em 21 turmas nos 3 turnos de atendimento, sendo 6 turmas de 3º ano, organizadas em duas por turno, matutino, vespertino e noturno. A oferta é regular aos jovens moradores do município de Delmiro Gouveia, sendo os horários de entrada, 07h, 13h, 18h30minh, perfazendo uma carga de quatro horas diária de trabalho.

Levando em consideração as palavras de Gil (2008, p. 89), as pesquisas sociais “abranchem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade”, portanto, mostrou inviável realizar o estudo com 21 turmas em função, inclusive, da profundidade e amplitude dos dados a serem produzidos e analisados. Diante disso, 3 turmas de 3º ano do Ensino Médio, sendo uma de cada turno, foram adotadas para compor a amostra do estudo. A seleção das turmas tomou como critério a disponibilidade da professora de artes, a qual foi apresentada pela coordenação da escola. A professora de artes concordou em ceder algumas aulas de turmas que não estavam com demanda extensa de conteúdo para o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM). Ocorreu que, para o desenvolvimento do primeiro procedimento de coleta de dados, o questionário, seria preciso aplicar com todo o grupo de alunos, então ela sinalizou uma turma matutina e vespertina, como horário mais viável. No horário noturno, também aconteceu da mesma forma, porém, tendo sido indicação da coordenação escolar.

A eleição da população é fator severamente importante, requerendo leituras suficientes e flexibilidade, frente à dinâmica do contexto. Não é por acaso que Duarte (2002) esclarece

[...] a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado (DUARTE, 2002, p. 141).

A coleta de dados envolveu o total de 116 alunos, entre 15 a 31 anos (idades que constam em matrícula). O quantitativo foi significativo para contemplar jovens de diferentes realidades sociais, pois os jovens estudantes pela manhã, não são os mesmos da tarde, que, por sua vez, não são os mesmos da noite. Selecionar jovens do último ano do referido ciclo da educação básica, reside na compreensão de que eles conhecem de maneira mais profunda a dinâmica da escola, por estarem nela há mais tempo. Do mesmo modo, permite um conjunto de sujeitos com inúmeras diferenças, desde as idades até as experiências culturais.

Após a breve explanação das características básicas dos jovens que fazem a escola investigada, é interessante discorrer sobre as etapas do trabalho em campo.

1.7. APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DO TRABALHO DE CAMPO

Não é a definição de um termo que classifica a seriedade da pesquisa, mas o revelar do processo em campo, pois ilustra o compromisso do pesquisador em suas atividades. O trabalho em campo está além dos procedimentos metodológicos de coleta, envolvendo desde a seleção da bibliografia até a escrita do texto, devendo as etapas serem apresentadas com clareza e pormenorizadas, revelando as possibilidades e limitações. Nesse sentido, exponho, a você, leitor, o árduo e importante caminho percorrido.

Primeiramente, estabeleci contato com a escola explicando a intencionalidade da investigação. Na ocasião, a própria, me encaminhou a 11º gerência estadual de educação, responsável em prover as autorizações de pesquisas nas instituições de ensino. Depois dos trâmites legais, a pesquisa foi iniciada a partir de conversas com a coordenação e direção escolar, conquistando a confiança dos mesmos. Em seguida, as aproximações aos estudantes foram paulatinamente ocorrendo nos intervalos, nos convites da professora de artes para assistir suas aulas e nos ensaios da banda da escola. Esses momentos permitiram realizar observações significativas e serviram para a construção de um clima favorável e aberto ao diálogo com os estudantes.

No que se refere aos procedimentos adotados, as **observações livres**, [grifo nosso], sobre a rotina escolar, consistiram em procedimento chave, o qual percorreu todo processo de pesquisa. De modo geral, Gil (2008, p.100) assegura que “a observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano”. Concomitantemente, Trivinões (1987, p. 153 e 154), assevera que as observações livres “ao contrário das observações padronizadas, satisfaz as necessidades principais da pesquisa, [...] a relevância do sujeito”. Destarte, é preciso estar atento aos sujeitos que se dispuseram a participar, pois são constituídos de costumes e valores muitas vezes diferentes da pessoa que investiga, por isso é essencial uma carga teórica expressiva para que as ações observadas não sejam distorcidas perante o julgamento de valor do pesquisador.

Partindo desse fundamento, as observações conduziram a percepção da relação música e escola, identificando em que situações a música aparece no devido espaço, entre eles se destacam o intervalo, aulas de arte, trabalhos solicitados pelos professores com construções de paródias e na gincana de matemática, cujos jovens são instigados a criarem letras e ritmos de fórmulas matemáticas. Os dois meses na instituição resultaram na construção de um repertório vasto sobre a articulação ou desarticulação das experiências musicais dos jovens ao processo de escolarização.

O trilhar investigativo revela-se desafiador e sinuoso, não sendo coerente ao relatório final esconder os percalços enfrentados. Inicialmente, algumas resistências ocorreram, como a rejeição da presença da pesquisadora durante o intervalo, a negação ao questionário e participação das entrevistas. No caminhar dos dias, tendo sido perceptível o grau de seriedade da pesquisa, as situações foram minimizadas, e conquistada a confiança dos jovens.

O segundo procedimento consistiu no **questionário** [grifo nosso] aplicado com 116 alunos, correspondentes a turmas de 3º ano do Ensino Médio. O questionário foi organizado em 28 questões objetivas, subdivididas em 3 blocos temáticos: dados pessoais, música e lazer, música e escola. O procedimento identificou elementos centrais da vida juvenil no sertão, como: idade, sexo, naturalidade, local de moradia, com quem mora etc. Também, preoquei-me em catalogar informações a respeito do que sabem, pensam, sentem e preferem, oportunizando traçar o perfil dos participantes, que será na próxima seção exibida. O embasamento para elaboração do questionário esteve a cargo de Trivinões (1987):

Sem dúvida alguma, o questionário fechado, de emprego usual no trabalho positivista, também o pode utilizar na pesquisa qualitativa. Às vezes, o pesquisador desta última linha de estudo precisa caracterizar um grupo de acordo com seus traços gerais [...] (TRIVINÕS, 1987, p. 153 e 154).

Do mesmo modo, Gil (2008, p.121) sinaliza a necessidade de traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas com o “propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento, etc”, de maneira breve e pontual, mas permitindo direcionar os dados coletados a análises mais amplas. Além do mais, garante a segurança do anonimato, baixo custo, fácil manejo na padronização dos dados e sistematização. Não houve muitas dificuldades com a execução dessa etapa e tive o apoio de professores e coordenação, dispondo aulas para a aplicação do questionário. A dificuldade encontrada foi identificada durante a tabulação, pois algumas perguntas do questionário não foram respondidas pelos jovens.

A última etapa de campo foi à **entrevista coletiva**, [grifo nosso], guiada por um roteiro de perguntas semiestruturado, o qual, conforme Trivinõs (1987, p. 146), “valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. Diante as fundamentações, foram organizadas 3 entrevistas, uma com 6 jovens do turno matutino; a segunda com 6 jovens do turno vespertino; do mesmo modo no turno noturno. Os convites foram realizados durante a aplicação do questionário, com o apoio e incentivo dos professores. Contudo, houve uma grande resistência à participação, principalmente por parte das meninas: no total de 22 inscritos, somente duas, eram meninas. Já os garotos, se mostram mais desinibidos, mesmo assim, foi preciso bastante diálogo para conquistar a participação. Vale destacar que na prática essa disposição levou aos encontros somente 9 jovens, sendo 6 da manhã e 3 da tarde. No turno noturno, somente um jovem compareceu, mas recusou-se a conceder entrevista devido à ausência de seus colegas.

O mecanismo serviu na coleta de dados referentes aos significados que os jovens atribuem à música e a escola em seus processos de construção social. O roteiro foi dividido em três blocos, sendo estes: juventude, música, escola, cada um contendo de três a quatro perguntas. Foi estabelecido como critério organizacional das entrevistas, o número máximo de 8 participantes, pois é fundamental que o grupo seja pequeno, já que é visada à participação de todos os membros, bem como o aprofundamento das temáticas. Algumas questões da pesquisa

“Perfil da Juventude Brasileira” (2003), foram adotadas para compor a entrevista, na intenção de elaborar retratos sobre o perfil da juventude sertaneja.

Observa-se, portanto, que tal estratégia metodológica envolve princípios fundamentais para uma realização proveitosa, entre eles está à dinamicidade, dialogicidade e a reflexão dos envolvidos. Doravante, Minayo (2002, p. 57) afirma que a entrevista de um modo geral “num primeiro nível [...] se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já num nível mais elevado serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema”. Para atender a tais critérios, foi escolhido espaço adequado, ofertando também aos jovens, segurança em expor suas opiniões a respeito de suas vivências escolares. O momento aconteceu longe dos muros da escola, tomando como refúgio a biblioteca da cidade, que dispõe de salas com mesas e cadeiras para estudos em grupo. O lugar também foi escolhido tendo como critério a gravação em áudio. Não esquecendo da gentileza da direção do estabelecimento, que prontamente cedeu o espaço mais silencioso para realização desta atividade.

Figura 9 – imagem da biblioteca municipal de Delmiro Gouveia em 2017



Fonte: (site prefeitura de Delmiro Gouveia, disponível em <http://www.adalbertogomesnoticias.com.br>, acesso em 27 de abril de 2017).

As gravações das falas contribuíram na dinâmica do grupo, não sendo preciso interromper as discussões para o registro escrito. Desse modo, os áudios incidiram em um dos bancos de dados mais significativos da pesquisa, pois, neste formato, a análise deu-se no modo como o assunto é tratado na situação grupal, já que foram obtidos registros de risadas, pausas,

entonações discursivas, opiniões contraditórias e semelhantes, dentre outras características verbais. Vale ressaltar que as gravações aconteceram somente quando os jovens se sentiram seguros para iniciar, lembrando que o objetivo do grupo não era julgar as falas, mas compreendê-las e perceber como elas assemelham-se e diferem-se. Todavia, convém informar que a reação ao gravador foi de timidez, em que os jovens em falas curtas e tom de voz baixo respondiam aos questionamentos feitos. As estratégias descritas foram estruturadas para obtenção ampla de informação a respeito das categorias empíricas dessa pesquisa: juventude rural, música e escola. Caro leitor, tomando como empréstimo as palavras da estudiosa André (2013, p. 97), que, por sua vez, defende que “o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, [...] suas produções culturais e formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores” adeptos à vertente sociológica compreensiva.

Na intenção de desenvolver reflexões coerentes sobre os dados, gerando novos questionamentos, já que este é o princípio que sustenta a pesquisa exploratória, apresento a seguir as fundamentações teóricas que nortearam a discussão relativa as temáticas envoltas as categorias empíricas da pesquisa.

SEÇÃO II

SEGUNDA ESTROFE – DESVELANDO CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS

Esta seção é destinada à apresentação do embasamento teórico da pesquisa, revelando a apropriação conceitual das temáticas que configuram a juventude como construção social. Preocupando-me em propor uma estética organizacional que compreenda a proposta da pesquisa e facilite a leitura, a seção foi estruturada nas seguintes subseções: juventude, juventudes, jovens: para além das palavras; juventude rural e a emergência de uma nova ruralidade; expressividades musicais, identidades e estilos de vida juvenis; escola e as culturas juvenis.

Os pressupostos teóricos assinalados a frente, endossam a abordagem compreensiva desta pesquisa, ao passo que revelam a amplitude das variáveis interligadas ao universo juvenil, sendo impossível abordá-las em suas totalidades. Cabe ao momento apontar as reflexões de estudiosos do campo das ciências sociais, indicando os caminhos trilhados para a análise dos dados alcançados durante minha inserção no campo de investigação.

2.1. JUVENTUDE, JUVENTUDES, JOVENS: PARA ÁLEM DAS PALAVRAS

Por muito tempo não se teve a preocupação de compreender o espaço existente entre a infância e a fase adulta. No período medieval, Ariés (1981, p. 10) assevera que a criança “(...) mal adquiria algum desembaraço físico era logo misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude”. Somente com a solidificação das Ciências Sociais e da Educação na sociedade moderna ocidental do século XX, a noção de juventude ganhou visibilidade (WEISHEIMER, 2015).

Entre as referências pioneiras nos estudos sobre juventude, o sociólogo húngaro, Karl Mannheim, desenvolveu a teoria de gerações, que foi decisiva para o avanço de pesquisas em contextos pouco explorados pelas perspectivas educacionais e normativas, fornecendo bases para a formação da sociologia da juventude. Para Weisheimer (2015), Mannheim rompeu com os resquícios extremamente naturalistas sobre o conceito de geração, afirmando que esta não se limita aos aspectos físicos relativamente semelhantes, mas compreende fatores culturais e políticos arraigados na sociabilidade de uma determinada geração. Logo, não há possibilidade de conceituar a juventude somente por parâmetros universais. Tais inquietações são tratadas mais a

frente quando exponho outras vertentes de compreensão sobre a juventude, surgidas após Mannheim.

Atualmente, diante da pluralidade de estudos referentes à juventude, sinalizar o embasamento teórico do objeto da pesquisa é proeminente para delimitar o interesse perante a amplitude que cerca a palavra juventude, como também para evitar equívocos interpretativos. Foi traçada uma concisa argumentação científica que denota à juventude um significado social, em constante alteração, devido os espaços vivenciados e o tempo histórico que faz parte.

De antemão, é importante enfatizar que o campo amplo de discussão teórica, elegeu vários termos para tratar do público central desta pesquisa. Tais nomenclaturas e significados que as rodeiam, em minha perspectiva, reafirma o sentido social e plural da juventude.

As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente à fase de transformações no corpo do indivíduo que era criança e que está se tornando maduro [...] a psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativa às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto [...] a sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto. (GROPPO, 2000, p. 14 e 15).

Sendo assim, debruço de modo mais acentuado num enfoque que dialoga com a perspectiva sociológica e educacional sobre juventude, mas, não desconsidero as mudanças físicas que a medicina assinala e as mudanças psíquicas observadas pela psicologia. Acredito no acoplamento de tais questões, pois elas permeiam a cotidianidade juvenil. Desse modo, torna-se relevante, mesmo que brevemente, apontar alguns aspectos balizadores da juventude.

O primeiro aspecto a ser mencionado refere-se à idade, compreendendo um marcador temporal, o qual delimita a organização social dos indivíduos cronologicamente. Para Bourdieu (1983, p. 01), “as classificações por idade [...] acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação a seu lugar”, em outras palavras, a idade, por si só, é um dado biológico socialmente manipulável, que determina concepções ideológicas para cada repartição da vida. No caso da abordagem tradicional, a mesma, institucionaliza a vida em etapas e as atribuições que lhes cabem, sendo extremamente estruturalista nas experiências e progressos dos indivíduos. Nesse modelo, os jovens passam de uma geração para outra a partir de

determinadas conquistas. O ingresso à idade adulta fica condicionado ao trabalho, dando pouca visibilidade aos percalços, irreverências, anseios e conflitos particulares dessa travessia. Em muitos casos também a precoce “responsabilidade adulta” que sobrevém com a paternidade e maternidade.

Reinterpretados sobre outros pressupostos explicativos, que situam os jovens na historicidade, Weisheimer (2013, p. 09) defende a necessidade de “[...] considerar os processos de socialização nos quais eles se inserem, [...] com efeito, a reconstrução sociológica da situação juvenil, com base no processo de socialização [...]”, cuja idade é encarada como um dos fatores. Nessa conjuntura, a juventude é uma força em potencial que carrega em sua existência uma estrutura social definida, mas, também uma flexibilidade para criar ou aderir a novas posturas que radicalizam a estrutura. Tais características denunciam a juventude como categoria social.

O conceito de categoria desta pesquisa está fincado em Groppo (2000), remetendo-se a um conjunto de agentes plurais – necessariamente não precisam manter interações diretas – que compõem uma realidade devido à partilha de aspectos relativamente comuns. Entre os aspectos, está a idade, sinalizada anteriormente. Todavia, a idade não é o único condicionante, na concepção do autor, o processo de categorização é uma representação fabricada por modelos de sociedade e pelos próprios agentes que vivenciam a situação categorizada. Nesse meio, não é possível estabelecer uma definição universal para a juventude, pois sua compreensão como fenômeno social é mutável. Conforme Dayrell (2005, p. 03), “significa dizer que em qualquer sociedade humana existe uma forma própria de categorizar os tempos da vida, atribuindo significados culturais a cada uma das etapas do desenvolvimento humano”.

Portanto, valho-me das contribuições de Charlot (2007) para quem a juventude pode ser configurada em uma condição permanente a qualquer tempo, ao passo em que trata de juventudes, implicada em situações de múltiplas vivências, carregadas de significados e exibindo elementos próprios de suas interações. A heterogeneidade da categoria coloca em evidência que para além das palavras, os termos juventude, juventudes e jovens se entrelaçam para assumir neste texto a mesma função analítica, a qual, mais uma vez, caro leitor, torno a elucidar pelas palavras de Dayrell (2005):

[...] constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as

possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. Esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona, fazendo com que os jovens construam determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente (DAYRELL, 2005, p. 4).

Diante das considerações acima, é possível afirmar que o reconhecimento da imprecisão conceitual sobre a juventude, é ponto de partida para pesquisas compreensivas. Os relevantes estudos de Machado Pais (1993, p. 37) indicam a impossibilidade de haver “um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos [...] que lhe aparecem associados [...] poderíamos mesmo agrupar em duas principais correntes: a corrente geracional e a corrente classista”, acrescentando à discussão a corrente das culturas juvenis.

Iniciando pela corrente geracional, esta, conceitua geração não como dado natural, porém como situação social que organiza os sujeitos em favor de características comuns. Para essa abordagem, é concebível o estranhamento ou indiferença dos jovens às ordens e valores vigentes, tomado como:

Período destinado à juventude a errar para aprender, como se nada soubessem sobre a vida em sociedade. A moratória social torna-se um período da vida em que se permite postergar diversas exigências sociais – tais como trabalho, matrimônio, ter filhos e formar o próprio lar – e em que há uma especial tolerância para com o comportamento juvenil (GROPPO, 2015, p. 18).

Uma espécie de intervalo temporal concedido aos jovens no processo de transição para que possam vivenciar diferentes experiências de vida, sem que pesem sobre seus ombros as responsabilidades da idade adulta. Nesse modelo, a geração mais velha assume a função de espelho para a nova geração, ajudando-a na introjeção de valores e competências fundamentais para maturidade. Por outro lado, tal submissão não acontece passivamente e a corrente classista surge para explicar os conflitos gerados pela cultura contra hegemônica, já que a juventude não é a mesma experiência de vida em todas as classes.

Na corrente das culturas juvenis, Machado Pais (1993) informa o aprofundamento classista, no entanto, com diferencial significativo na defesa pelas trocas simbólicas,

independente da classificação social. Valores, gostos artísticos e práticas culturais podem ser adotadas por jovens de distintos meios sociais. Não se pode negar à juventude a capacidade de desenvolver sentido em si mesmo, desembocando na individualização dos conteúdos pregados pelas instituições encarregadas da reprodução social, como por exemplo, a escola. De acordo com Charlot (2007, p. 206), “a individualização é o processo pelo qual o indivíduo reivindica a livre disposição de si mesmo”, ou seja, ao passo que se apropriam de uma série de fenômenos sociais historicamente existentes, nas interações entre os pares criam estilos de vida e aproximações culturais.

Frente às colocações proferidas, dialogo com as três concepções expostas, sendo impossível compreender os modos de vida juvenis em suas diversidades sem atentar-se aos aspectos biológicos, sociais e culturais conceitualmente distintos, porém acoplados cotidianamente no dia a dia dos jovens.

Direcionando os olhares ao contexto brasileiro, os estudos sociológicos sobre a juventude datam da segunda metade da década de 1960, tendo maior folego e envergadura analítica nas publicações de Marialice Foracchi, por meio das discussões relativas ao crescimento exponencial da condição de estudante na modernidade. Para Foracchi (1972), quando o jovem chega à escola suas interações podem gravitar sobre dois prismas: revolucionando as concepções de organização social preconceituosas e desiguais (radicalização), já que tal condição permite quebrar padrões, ou simplesmente, reafirmar a ordem vigente (tradicional). Na concepção da autora, uma minoria de jovens da camada desfavorecida consegue romper com o pragmatismo cultural imposto, através do engajamento no movimento estudantil, pleiteando a independência e autoexpressão de seus estilos e perspectivas de vida.

Bourdieu (2015) mensura que a predisposição para reafirmar a ordem vigente vigora de modo mais intenso, pois a escola assume a função de aparelho reprodutor da estrutura de classe. A escola idealiza a cultura desejável e direciona o olhar de seus aprendizes a essa cultura. Na compreensão de Nogueira e Nogueira (2006), o “[...] sistema escolar cobraria dos estudantes, explícita ou implicitamente, uma série de atitudes, comportamentos e conhecimentos, [...] que apenas aqueles socializados na cultura dominante poderiam apresentar”. Nesse processo, quando apropriados os pressupostos dominantes, ocorreria a negação da realidade concreta, a qual foram anteriormente socializados, antes de frequentar os estabelecimentos de ensino. Tal negação, contribuiria para o ciclo vicioso de caracterizar as demais formas de vida como inferiores e

indesejáveis, cujos indivíduos são tomados como os únicos responsáveis por seu sucesso ou fracasso.

No mesmo cenário, Nogueira e Nogueira (2006) apresentam o fato acima como uma probabilidade, havendo a possibilidade de romper com a hegemonia, conforme também exposto por Foracchi (1972) e Weisheimer (2014):

A transformação do jovem em estudante é uma forma de vinculação da família ao sistema de classes, na qual é reconhecido o papel do jovem como agente da mobilidade social, ou, minimamente, da manutenção da posição da família de classe média na estratificação social. (WEISHEIMER, 2014, p. 104)

Quando a família delega a outras instituições funções na formação intelectual dos jovens, é presumível mudanças na dinâmica familiar, já que, somente pelo conhecimento do estudante a família pode tornar consciente de sua situação de classe e, dos processos de exclusão social implementados pela imposição do poder econômico, ou das heranças culturais.

Por hora, cabe indicar a juventude de forma plural em suas existências, sendo preciso segundo Martins e Carrano (2011), desvinculá-la da concepção homogênea e eminentemente urbana, reconhecendo sua amplitude e constituição de diferentes expressões juvenis. Valendo-se dos pressupostos explicativos de Esteves e Abramovay (2008):

[...] a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção esta na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, referências múltiplas, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. Por essa linha, torna-se cada vez mais corriqueiro o emprego do termo “juventudes”, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas sim de apontar a enorme gama de possibilidades presente nessa categoria. (ESTEVES E ABRAMOVAY, 2008, p. 04).

Partilhando do mesmo princípio, Weisheimer (2013, p.26) admite que a “reconstrução sociológica da situação juvenil, com base no processo de socialização, confere maior coerência à proposta de privilegiar as noções de juventudes e jovens no plural”. A partir desta abordagem, é

possível comunicar que dentre as configurações plurais juvenis, encontra-se a condição jovem nos espaços rurais, cujos estudiosos Catani e Gilioli (2008, p. 50) afirmam ser “as relações rurais bem diversas comparada à urbana, o que faz da juventude nessas regiões um fenômeno que precisaria ser mais estudado”. As diversidades neste contexto estão interligadas as mudanças globais que atingiram em larga escala os processos econômicos, culturais e educacionais nos espaços rurais.

Porquanto cabe ao próximo tópico, teorizar a respeito da situação juvenil na ruralidade, percebendo as concepções acerca das novas ruralidades que se evidenciam atualmente. A partir dos pressupostos explicativos a serem exibidos a frente, será possível compreender de modo mais aprofundado o porquê das transformações ocorridas na cidade de Delmiro Gouveia, expostas na seção anterior.

2.2. JUVENTUDE RURAL E A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA RURALIDADE

Dentro do debate geral sobre juventude, é preciso destacar a juventude rural e os novos enfoques de ruralidade fomentados na contemporaneidade pelos estudos sociológicos. O destaque a estas temáticas é relevante por compor o repertório de conteúdos discutidos nesta dissertação, sendo, em minha percepção os de maiores pesos, já que se aproxima ao raio demográfico do campo desta pesquisa.

Carneiro (1997, p. 55) é categórico ao pronunciar que a ruralidade se expressa de diversos modos, conforme as representações a ela conferidas pelos agentes sociais, implicando, assim, em um universo cultural heterogêneo, cuja “manutenção de tradições culturais [...] não seria incompatível com a modernização [...] que deve ser encarada apenas como uma nova fase, com novos objetivos, [...]”. Ora, a superação da dicotomia entre urbano e rural, enfatiza a integração destes espaços, por meio de trocas simbólicas. Ao passo que as comunidades rurais usufruem das vantagens do processo de modernização e reconfiguram estruturalmente seus contextos, os atrativos de lazer localizados em ambientes naturais, geralmente próximos a vilarejos, cidades de pequeno porte em interiores dos Estados, enchem os olhos dos moradores dos grandes centros urbanos.

As novas formulações sociológicas acerca do rural não generalizam ou homogeneízam as transformações ocorridas neste espaço, dado que cada contexto reage de maneira específica às

mutações. O desenvolvimento amplo do capitalismo atingido em larga proporção os territórios nacionais brasileiros, reconfigurou o modo de vida nos espaços rurais, pois, as medidas tecnológicas de produção sobre a agricultura, conforme Carneiros (1997, p. 53), “foram moldadas no padrão de produção (e de vida) urbano-industrial, seus efeitos sobre a população local e a maneira como esta reage a tais injunções não são, de modo algum, uniformes”. Por outro lado, Carneiro (1997, p. 53) atesta que as medidas tecnológicas de produção não atingem sob mesma intensidade todos os produtores rurais, não sendo interessante atribuir um sentido único à ruralidade, “ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos”.

A intensificação da comunicação entre cidade e campo favoreceu o acesso a bens e valores urbanos que vislumbraram entre os rurais, novos paradigmas referentes às possibilidades de trabalho. Portanto, é ultrapassada a definição de ruralidade unicamente pela atividade agrícola. De acordo com Carneiro (1997, p. 53), houve um “[...] aumento do número de pessoas residentes no campo exercendo atividades não agrícolas e aparecimento de uma camada relevante de pequenos agricultores que combinam a agricultura com outras fontes de rendimento”. Tais mudanças são tomadas como fenômeno da pluriatividade, conjugado em uma nova orientação das práticas produtivas, cujo êxito rural é calcado em mais de uma atividade. Carneiro (1998, s/p) julga que o “crescimento da oferta de uma gama de alternativas de emprego alimentada pelos capitais de origem urbana, provoca uma reavaliação do modelo de exploração agrícola, criando espaço para o exercício da pluriatividade”. Sendo assim, é notório o aparecimento de pequenos empreendedores nas mais diversas áreas, como restaurantes, lanchonetes, espaços de estética e lazer, comércio de roupas e mobiliário, além da pavimentação de ruas e outras situações que dão novos retratos aos contextos rurais. A propagação de técnicas e costumes do mundo urbano marcam o rompimento das concepções de contraposição entre campo e cidade, no entanto, sem perde vistas os antagonismos destas duas dimensões, pois ao passo que se combinam nessa nova geração juvenil, não se exclui suas peculiaridades culturais.

É possível admitir que as trocas simbólicas dos bens culturais difundidos pelos urbanizados – música, roupa, percepção de mundo, trabalho, escolaridade, acesso à internet e outros – não remete necessariamente à perda da identidade local, pois, Carneiro (1997, p. 58), denota “que as mudanças de hábitos, costumes, [...] ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados segundo os interesses e a posição social dos atores”. Além disso,

Carneiro (1998, s/p) reitera ser viável conjugar o melhor dos dois mundos, a tradição representada na afetividade e valores familiares e de suas origens, e a “modernidade que se traduz na realização de um projeto profissional autônomo [...]. Significa construir sua individualidade, descobrir e realizar seus desejos, [...]”.

Frente os esclarecimentos teóricos apresentados, é visível a dificuldade de fixar um conceito sobre ruralidade, já que o mesmo está intimamente relacionado à organização política da sociedade, a qual produz significados para seus espaços. Veja a seguir as afirmações a respeito:

Na Espanha, em Portugal, na Itália e na Grécia, são rurais os habitantes que vivem em assentamentos humanos com menos de 10 mil habitantes – e que guardam, bem entendido, uma certa distância dos centros metropolitanos [...]. Na França este limite é estabelecido em 2 mil habitantes. Vários países latino-americanos (Argentina, Bolívia, México, Venezuela, Honduras, Nicarágua, Panamá) adotam igualmente um limite populacional que varia entre mil e 2,5 mil habitantes na definição de população rural. Na Costa Rica, no Haiti, Uruguai e em Cuba são rurais as localidades com “características não-urbanas” [...]. No Brasil, [...], o critério tem natureza mais administrativa que geográfica ou econômica. O que vale não é [...] o fato de serem considerados administrativamente como urbanos ou não pelos poderes públicos municipais [...]. Este critério contribui para uma certa subestimação da população rural: sedes municipais e mesmo distritais com algumas poucas centenas de residências são consideradas urbanas (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999, p. 06).

Ora, perante as concepções diversas sobre um mesmo contexto geográfico, as pesquisas sociais recusam-se a trabalhar com definições binárias já que estes espaços são formados por grupos distintos dotados de emblemáticas características, valores e interesses contrários. De acordo com Carneiro (1997, p. 59), o foco deve estar sobre “os agentes sociais deste processo e não mais para um espaço geográfico, reificado possibilita, por exemplo, que a distinção entre “cidade” e “aldeia” ou “urbano” e “rural” desapareça ou torne-se inútil como questão sociológica”. A compreensão fncada nesta dissertação é que a adoção dos termos rural e urbano, sejam eles em interação ou dualidade, refere-se a uma representação simbólica calcada em visões de mundo, portanto, percepções sujeitas a modificações e apropriações diferentes. Perante os pressupostos expostos, é necessária contínua produção intelectual sobre esse novo rural que se constitui – expresso nos domínios conhecidos como sertão, campo, vilarejo, povoado e distrito – abordando suas transformações e os agentes que lhe dão significados. Em outras palavras, no

raio de influências instauradas em Delmiro Gouveia, seria preciso analisar as vivências juvenis em função das mudanças que diluíram as fronteiras rígidas entre os espaços geográficos.

Particularmente, o interesse em estudar os aspectos culturais dos jovens rurais é bastante recente no âmbito acadêmico, considerando a limitada bibliografia disponível. Com a intenção de problematizar esta realidade, em posse dos dados gerados na pesquisa Perfil da juventude brasileira (2003), Carneiro (1997) informa que:

A juventude rural – categoria fluida, imprecisa, variável e extremamente heterogênea – permanece na invisibilidade quanto a sua participação nas demais esferas da vida social, dificultando, assim, a compreensão de sua complexa inserção num mundo culturalmente globalizado (CANEIRO, 1997, p. 224).

Em acordo com Carneiro (1997), pode-se dizer que os estudos sobre a organização social no campo devem ampliar seus horizontes para processos marginalizados na fase juvenil, a saber, sua escolarização, projetos de vida e identidades.

Nessa conjuntura, também é válido pontuar que a invisibilidade social dos jovens rurais, é consequência de sua associação à agricultura, ou outro exercício laboral fora do universo de produção agrícola, como forma de colaborar com a renda familiar. No caso dos jovens que buscam alternativas longe da agricultura, temos visto um fluxo significativo, submetidos a condições precárias de trabalho em grandes metrópoles ou até mesmo na sede dos pequenos municípios, pleiteando estabilidade financeira.

A precariedade do vínculo de trabalho dos jovens rurais associada ao ideal de futuro melhor pode indicar que a relação atual de trabalho é considerada provisória, daí se submetem com maior “naturalidade” as baixas remunerações e à ausência de um contrato formal enquanto ainda não consideram concluída a fase de formação profissional e chegado o momento de entrada no mundo adulto (CARNEIRO, 1997, p. 253).

Paralelamente, a submissão a tais precariedades é explicada, também, por Brumer (2007), correlacionada à comparação da vida rural com o modo de vida urbana, cujos jovens julgam a atividade rural negativa. Brumer (2007, p. 37) segue suas reflexões presumindo, “entre os aspectos negativos, eles destacam a ausência de férias, de fins de semana livres, e de horários

regulares de trabalho”, além destes, está a falta de alternativas para lazer. Esta recusa é mais frequente entre as moças, devido à restrição na atividade agrícola comercial, atuando apenas como auxiliares, em especial, desenvolvendo os afazeres domésticos fundamentais ao pai e irmãos nas relações de trabalho.

Carneiro (1998) continua a afirmar que diferente dos meninos, as garotas estão oportunizadas a processos mais longos de formação escolar, pois, não são diretamente herdeiras da propriedade produtiva familiar. Essa vantagem, por sua vez, também é favorecida aos jovens homens, no entanto, a disposição para abandonar seus projetos individuais em prol da manutenção dos negócios familiares tende a recair sobre seus ombros.

Na contramão do que se apresenta, há jovens, sejam mulheres ou homens, que preferem o rompimento com os negócios agrários em função de alternativas de trabalho, sendo a educação instrumento capaz de proporcionar competências necessárias à aquisição de outro serviço laboral. Segundo Carneiro (1997, p. 249), o estudo é “a condição para, no falar de um jovem, “ser alguém na vida”, o que significa fundamentalmente não ser agricultor”. Por outro lado, o autor remete ser este somente um dos fatores que os levam à escola (1997, p. 251), “ela se destaca igualmente como importante espaço de sociabilidade (“onde se faz amigo”) e como provedora de ensinamentos para o dia-a-dia”. Os jovens rurais investem em seu desenvolvimento escolar na intenção de formular projetos individuais voltados à qualidade de vida.

Da escolarização ao ensino superior os jovens rurais, principalmente aqueles que precisam se deslocar do seio da família para metrópoles, pois, apesar dos contextos rurais ultrapassarem momento de intensa urbanização, a saber, Delmiro Gouveia, ainda, é necessário se deslocar para outros espaços a fim de obter formações mais elevadas. Nesse cenário, os jovens vivenciam experiências distintas frente aos costumes urbanos, bens culturais e a própria dinâmica da cidade grande. Experiências negativas como violência e preconceitos, induzem os jovens rurais a permanecerem ou retornarem aos seus lugares de origem, desde que não seja em atividades agrícolas. Além disso, alguns visam retornar a seus municípios se estabelecendo como profissionais, porque não vislumbram romper definitivamente com o universo cultural de suas procedências. Já a carência de lazer, opções de formação e opções de trabalho são apontadas como motivadores que mobilizam a ida para centros urbanos.

Portanto, dentro da própria juventude rural há contradições conforme seus projetos individuais, pois estão relacionados a variáveis como condições econômicas, as identidades locais

e as percepções construídas sobre os contextos mais urbanizados. Não é por acaso que Alves e Dayrell (2005, p. 379) fomentam que os projetos de vida são “elaborados tendo como referência a biografia, [...] e o campo de possibilidades”. Nas possibilidades, os jovens vislumbram a frequência ao ambiente escolar como estratégia a dá sequência aos projetos. Em mesma proporção, os jovens reconhecem as problemáticas sociais, as quais estão vulneráveis, como limites prejudiciais aos projetos. Dayrell (*apud* ALVEZ e DAYRELL, 2005, p. 381) indica que:

Quanto mais o jovem conhece a realidade em que se insere, compreende o funcionamento da estrutura social com seus mecanismos de inclusão e exclusão e tem consciência dos limites e das possibilidades abertas pelo sistema na área em que queira atuar, maiores serão as suas possibilidades de elaborar e de implementar o seu projeto.

No que tange à escola como lugar de fazer amigos, Dayrell (2007, p. 111) assevera que “[...] a sociabilidade para os jovens parece responder às suas necessidades de comunicação, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade”. Sendo assim, além de vivenciar a aprendizagem formativa, no ambiente educativo os jovens inicialmente socializam seus gostos e sensações; é o lugar de encontro, de fazer novas amizades, reunir-se em grupos e revelar-se. Para os jovens rurais, as experiências não são diferentes, com o acesso aos conteúdos dispostos pelos ambientes virtuais, tem-se implementado suas identidades locais, interessando-se por outros elementos de culturas distintas, os quais são compartilhados nos grupos dentro do ambiente escolar. A música é exemplo desta nova configuração, sendo inadequado associar o jovem rural somente à vaquejada ou o sertanejo, cristalizando suas identidades e gostos. É necessário ampliar o olhar sobre as interações culturais diante da pulverização de trocas simbólicas que alcançam vilarejos e pequenas cidades rurais.

Não obstante, é prioridade superar a invisibilidade que envolve a juventude rural, propondo olhares que não estejam vinculados somente à agricultura, já que nos territórios rurais existem muitos processos de inserção social, dos quais os jovens participam, merecendo atenção dos pesquisadores da juventude. Neste meio, Castro (2009, p. 183) assegura que o “jovem da roça, juventude rural, jovem camponês são categorias aglutinadoras. Apesar dessa “movimentação”, este “novo ator” é pouco conhecido e ainda muito negligenciado pelas pesquisas sobre o tema juventude”. Para romper com invisibilidade, Weisheimer (2013, p. 26)

assevera ser [...] “preciso problematizar a própria construção do objeto, ou seja, **as relações sociais nas quais os jovens se inserem** e que fazem da própria categoria juventude uma construção social em disputa” [Grifo nosso]. O jovem rural de hoje não é o mesmo de gerações anteriores, a atual sociedade em seus complexos processos identitários, exige a construção de uma compreensão mais ampla e flexível:

Hoje, dificilmente se pode negar que os jovens, inclusive os do meio rural, têm-se convertido em uma categoria social, interclassista e comum a ambos os sexos, definida por uma condição específica que demarca interesses e necessidades próprias[...]. Efetivamente, a juventude passa, mas também fica. (ABAD, 2003, p. 23)

Tomando como referência os aprofundamentos teóricos suscitados nas duas subseções discutidas, quais balizam as reflexões autorais, é proveniente argumentar a mobilidade envolta a categoria juventude. Dentro deste conjunto há jovens rurais, indígenas, negros, homossexuais e outros que se apresentam multifacetados. Porquanto, não cabe jogar os jovens rurais por suas procedências, sendo fundamental reconhecê-los em suas múltiplas identidades que se associam e se digladiam cotidianamente. Em paralelo, os jovens rurais criam processos de diferenciação, pois, enquanto consumidores e produtores culturais sabem organizar suas rotinas e estabelecer seus modelos de referência. Nesse contexto, a música ocupa espaço ímpar como prática cultural atuante na constituição de processos identitários e articulações no espaço escolar, sejam entre os agrupamentos juvenis, ou dos agrupamentos com a escola.

Tal reflexão, de maneira mais aprofundada, é objeto de discussão da próxima subseção.

2.3. EXPRESSIVIDADES MUSICAIS, IDENTIDADES E ESTILOS DE VIDA JUVENIS

Contemporaneamente, há uma discussão acadêmica sobre a relativização do conceito de identidade, semelhante ao conceito de juventude. Porém, na intenção de tornar mais específico o ponto de partida das reflexões desta pesquisa, elegi alguns contributos teóricos no campo da pesquisa social para compreender a identidade juvenil e sua relação com estilo de vida.

Após o fim da II Guerra Mundial, demandas invisibilizadas como o processo de identificação social, tomaram proporções, politizando as identidades pré-existentes, é o caso do

feminismo, sexualidade, gênero, e a própria juventude. Conforme Ennes e Marcon (2014, p. 283), “tais demandas de sujeitos que não se sentem representados numa dada classe, nação ou etnia, deram origem a novos movimentos sociais e criaram uma nova dinâmica de enfrentamentos com antigos e novos interlocutores”. Destarte, a luz dos teóricos apresentados é possível afirmar que a noção de identidade nasceu de dilemas entre singularidade/pluralidade, unicidade/generalidade, igualdade/diferença, circunscritas na dinamicidade da vida.

No que se referem às identidades juvenis, estas se fazem no interior de contextos sociais que determinam a localização dos agentes, suas representações e escolhas. Em contrapartida, Ennes e Marcon (2014, p. 290) relatam que “se os processos identitários expressam relações de poder, localização, classificação e hierarquização social, eles são, também, produtores de transgressão”. Ou seja, a identidade se sobrepõe a ideia de um conjunto de marcadores que permite ao grupo ou indivíduo identificar o semelhante ou diferente. Para, além disso, a identidade é processual e política, tanto no sentido de reproduzir concepções estanques ou transgredi-las.

A questão da identidade é também foco central do trabalho de Hall (2014), afirmando-a como construção permanente com características culturais locais e globais, já que envolve produções materiais e simbólicas. Ainda segundo Hall (2014, p.108) “as identidades estão sujeitas à uma historicização, estando constantemente em processo de mudança e transformação”, nunca completo. Ela tem a ver com questões mais amplas do que responder a perguntas sobre quem eu sou, está implicada no dinamismo do que posso me tornar e escolher o que me representa culturalmente. Acima de tudo, a identidade está enraizada na interseção entre discurso e prática, assegurando ou negando aspectos de identificação.

O que denominamos nossas identidades poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver, como se viesse de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 1997, p. 8).

Inscrevendo a construção identitária num caráter social discursivo por meio da cultura, permitindo aos sujeitos se posicionarem diante as inúmeras definições discursivas que fornecem a

subjetivação de determinadas definições, Hall (2014), continua sua reflexão fomentando:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. (HALL, 2014, p. 108).

Comungando das ideias de Hall (1997, 2014), Woodward (2014, p. 21) aponta que na sociedade globalizada as identidades tornaram-se ainda mais mutáveis, devido à crescente convergência e divergência entre os sujeitos, “reafirmando algumas identidades nacionais e locais ou o surgimento de novas posições de identidades”. Já não se pode gerar classificações considerando apenas marcadores petrificados, como sexo, idade, etnia, classe e nacionalidade, há um deslocamento na lista de referenciais encarregados da complexa tarefa de construir identidades e pertencimentos.

Nesse processo Bauman (2005) menciona que a questão da identidade e pertencimento na modernidade líquida:

Não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para identidade. Em outras palavras, a ideia de ter uma identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto o pertencimento continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (BAUMAN, 2005, p. 17 e 18).

Diante das argumentações de Bauman (2005), é porventura apreciável a esta dissertação a conjunta compreensão a respeito de pertencimento e identidade. Ora, pertencer de maneira simplória corresponde a pensar em si mesmo como membro de uma determinada coletividade da qual compartilha valores, sentimentos, crenças, gostos e hábitos. Na modernidade líquida, o sentido de pertencimento ultrapassa questões macro como identidades nacional e regional, está intimamente correlacionado as outras identidades fugazes disseminadas nos espaços de convivência comunitária. Portanto, é admissível afirmar que o pertencimento não é algo

predestinado, cujos sujeitos vivenciam a vida inteira aspectos sociais do lugar de moradia, é possível pertencer ao sertão, mas compartilhar de outras alternativas de pertencimentos, oriundas de outras identidades assumidas.

Doravante, Menezes (2012, p. 73) presume que “o sujeito agora é descentrado no mundo social, no mundo cultural e diante de si mesmo, vivendo em constante confronto com uma multiplicidade de identidades possíveis e cambiantes, com as quais se identifica apenas temporariamente”. Conjuntamente, Seren (2015) reitera as afirmações de Menezes (2012), assegurando a mobilidade socializadora da juventude inscrita na cultura acarreta a apropriação de muitas características identitárias:

Podemos afirmar que na sociedade contemporânea, os atores sociais não são totalmente socializados a partir das orientações das instituições, nem a sua identidade é construída apenas nos marcos das categorias do sistema. Significa dizer que eles estão expostos a universos sociais diferenciados, a laços fragmentados, a espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e concorrentes, sendo produtos de múltiplos processos de socialização (SEREN, 2015, s/p).

Ora, considerando a citação acima é possível dizer que a identidade é resultado de sua incorporação no processo de multissocialização cultural, cuja família já não é a única instituição reguladora, surgindo outros estabelecimentos influenciadores das identidades juvenis, entre eles estão à escola, as praças, ambientes de lazer e os espaços virtuais de interação, portadores dos mais distintos discursos de identificação das pessoas e coisas. Comungando desse pressuposto, Dayrell (2002) presume que por meio da socialização os indivíduos se constituem socialmente, incorporando os sistemas simbólicos os quais estão submetidos desde a tenra idade, ao passo que os resignificam.

Machado Pais (1993) elucida que na perspectiva da socialização, os jovens estão sujeitos a dois sentidos de socialização interdependentes:

1°. Num primeiro sentido, o conceito de socialização tem sido utilizado para analisar como na sociedade os ordenamentos sociais são possíveis pela transmissão de normas a um nível macrossocial. 2° Num segundo sentido, o conceito de socialização tem sido utilizado a um nível microssociológico, sendo desse modo possível entender como os indivíduos, quotidianamente, reproduzem

ou modificam essas normas, ou criam em alternativas outras, (MACHADO PAIS, 1993, p. 32).

Nesse diagrama, os jovens costumam utilizar as linguagens artísticas para representar suas socializações. Nessa mesma direção, Marcon e Neto (s/n, p.19) mencionam que os “jovens ligados à identificação com certos estilos associados à música, inscrevem com e no corpo atitudes e modos de ser que os caracterizam” pondo as claras a fragmentação identitária, bem como sua multiplicidade. Simultaneamente, Seren (2009, p. 41) acresce as discussões afirmando que “como todas as artes, também a música abarca conteúdos racionais no ato de sua composição, sendo reflexo social do momento, reflexo de nós mesmos”. Dayrell (2002) comunga da complexidade fomentada pelos autores, ao propor a música como referencial comum, porém distinto dos jovens para leituras próprias de seus contextos reais.

Por esse ângulo, Machado Pais (1993, p. 105) colabora com as reflexões analíticas ao assegurar que “qualquer ritual assenta precisamente em mecanismos de fragmentação e de multiplicação”. O autor fomenta a música como signo geracional, pois é característica juvenil, ao passo que comprova a música como cultura classista, pois os jovens escutam e reproduzem gostos musicais de seu meio social. Sendo também um signo cultural, a qual molda uma série de representações tomadas como estilos de vida, destinados a exteriorizar as identidades que os jovens atribuem para si, bem como revelar suas posturas em relação à condição de vida social.

Apesar de constituir-se em signo geracional, Penna (2014) nega o caráter universal da música. Segunda a autora (2014, p. 28), mesmo que todos os jovens escutem música “faz necessário encarar a música em sua diversidade e dinamismo, pois, sendo uma linguagem cultural e historicamente construída, a música é viva e está em constante movimento”. Nesse sentido, a existência do estranhamento musical é fato que comprova a afirmação elucidada, uma vez que se torna música para os jovens aquilo que faz parte de suas vivências, gerando significados aos seus estilos e identidades.

No que tange a questão de estilo de vida, vinculado ao processo de construção identitária, Irapuan Filho (2014) se constitui em referencial básico, devido a suas reflexões humanizadas a respeito das vivências, direcionando uma leitura sobre estilo de vida numa vertente mais contemporânea e compreensiva:

[...] fala-se em estilo de vida por adesão: o indivíduo entra em contato com o conteúdo do estilo de vida em algum momento de sua biografia e, por meio de um sistema interno de concordâncias, vai desenvolvendo afinidades que resultam na adesão. Todavia, tal adesão requer efetivamente que se professe a visão de mundo ali embutida (IRAPUAN FILHO, 2014, p. 108).

Tendo em conta a citação acima, é válido salientar que a percepção de estilo firmada na atual sociedade sofreu alterações e não se limita somente à cultura de classe, à intencionalidade do indivíduo sobre o estilo de vida o qual está vinculado. Todavia, cabe elucidar que a intencionalidade é um tanto condicionada, tendo em conta o progresso crescente da Indústria Cultural, a qual induz novos sentidos aos estilos. Nesse meio termo, Dayrell (2002, p. 130) apresenta que “os jovens se apropriam do estilo difundido pelos meios de comunicação e o reelaboram a partir das condições concretas em que vivem”. Em contrapartida, ao passo que os jovens reelaboram os estilos vinculados à música divulgados pela mídia, Catani e Gilioli (2008, p. 20) alertam para a “apropriação de seus estilos [...] transformando-os em caricaturas e produtos reproduzidos em série [...] (o estilo torna-se moda)” gerando a comercialização de bens materiais que simbolizam o *status* juvenil. A publicidade não divulga que esse *status* é limitado as múltiplas condições juvenis, principalmente aqueles com baixo poder aquisitivo. A apropriação de culturas musicais como rap, reggae, punk, funk e outras surgidas contemporaneamente, difundiu consumos ligados à estética, veiculados na mídia através da expressão “está na moda”. Esses bens materiais, por sua vez, não são plenamente acessíveis a todos que se identificam, principalmente aos jovens populares que mantêm a cultura.

Outra distinção pode ser estabelecida pela caracterização feita a estes grupos, devido a suas condições sociais. Enquanto os que possuem um poder aquisitivo maior tendem a ser identificados pelos bens que podem comprar, aqueles das classes populares são rotulados - por causa de seus estilos - de problemas sociais, delinquentes ou marginais. Ora, tomando como exemplo um jovem com estilo “funkeiro” exibido pela mídia, este não causa no outro o mesmo estranhamento que um garoto negro da favela intitulado também como “funkeiro”, já que os acessos aos bens materiais são distintos, além de uma série de outros fatores. Seren (2009, p. 54) chama atenção para existência de “uma relação clara entre o consumo e a estrutura social da qual o sujeito faz parte”. Em verdade, apesar dos discursos insistentes em classificar os jovens de acordo com as classes sociais, não se pode negar, as partilhas culturais entre os jovens de

pertencimentos diferentes, o que muda é o modo como são vistos pela sociedade. Em linhas gerais, o jovem é um ser ativo que age sobre o mundo produzindo cultura e ao mesmo tempo sendo produzido pelo conjunto de ambientes diversos de socialização em que transita.

Outro elemento que merece ser mencionado está no nível do discurso midiático. A Indústria Cultural a serviço do capital utiliza-se dos jovens músicos de classe popular que alcançam sucesso nas redes televisivas e virtuais, como propaganda para atrair outros jovens músicos humildes a consumirem os bens produzidos por uma determinada cultura musical, dando-lhes a ilusória esperança de um dia alcançar também o sucesso. Dayrell (2002) pressupõe que em geral isso não acontece, muito acabam frustrados e desistindo de suas atuações musicais, sendo levados a profissionalizar-se em outro segmento.

A concepção de identidade escrita nesta subseção conduz, portanto, à compreensão da mesma como sujeita à condição social, mas também como situação que denota escolha sobre as filiações culturais com os quais os indivíduos querem ser reconhecidos, ou comparados. Nesse modelo, Seren (2009, p. 56) orienta que “gosto está [...] relacionado a determinantes culturais, sociais, econômicos e políticos, bem como é dependente de uma gama de fatores interligados que produzem diversas socializações das quais participam os indivíduos”. As escolhas são tomadas como base nos referenciais pré-existentes e pelas interações que acontecem nos ambientes socializadores.

Nessa conjuntura, vale ressaltar que, seja a reelaborar os estilos musicais difundidos pela mídia, ou adoção dos mesmos de modo como se apresente, para os jovens, os estilos, estão imbricados não somente em suas identidades individuais, mas, também no agenciamento cultural, ou seja, agrupamentos de sujeitos envoltos sob uma mesma concepção. Para Dayrell (2002, p. 134), “os estilos [...] passam a ser uma referência para a escola dos amigos, bem como para as formas de ocupação do tempo livre, duas dimensões – o grupo de pares e o lazer – constitutivas da condição juvenil”.

Sob o princípio da multiplicidade de formas juvenis de pertencer-se para além de seus locais de origem social, direciono o olhar para as intercessões e conflitos entre a escola e as culturas juvenis, expondo na subseção seguinte os agrupamentos juvenis como mecanismo coletivo de manifestação das identidades e estilos de vida.

2.4. ESCOLA E AGRUPAMENTOS JUVENIS

A progressiva massificação do Ensino Médio, principalmente a partir da década de 1990, faz com que um contingente de jovens cada vez mais heterogêneos transponha os muros da escola, trazendo com eles os conflitos e as contradições de uma estrutura social excludente, que interferem nas suas trajetórias escolares e colocam novos desafios ao Ensino Médio (DAYRELL e REIS, 2007, p. 9).

Nas palavras de Dayrell e Reis (2007), é possível observar que uma gama de sujeitos identitariamente heterogêneos desestabilizou a concepção homogênea de educação enraizada nos discursos acadêmicos. No entanto, referindo-se à juventude, ainda, são poucos os estudos interessados em compreender as vivências juvenis trazidas ao contexto escolar, pós a universalização do ensino. Não podemos estar alheios aos jovens negros, transexuais, pobres, rurais e deficientes que adentraram a dinâmica escolar e desestabilizaram a ordem vigente. Sob esse ponto de vista, esta subseção reflete a categoria juventude no nível dos agrupamentos, a qual envolve práticas, saberes e agremiações articuladas pelos jovens em suas vivências.

Para aprofundar o debate sobre os agrupamentos juvenis, é oportuno apresentar o local de fala a respeito da conceituação de cultura, já que antes de discutir sobre os processos culturais que determinam o modo como os jovens se articulam grupalmente, é necessário está consolidado o viés teórico. Reconhecendo a amplitude de perspectivas teóricas parto dos apontamentos de Hall (1997), para quem:

A cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim dar significado às coisas. Dizer, portanto, que uma pedra é apenas uma pedra num determinado esquema discursivo ou classificatório não é negar que a mesma tenha existência material, mas é dizer que seu significado é resultante não de sua essência natural, mas de seu caráter discursivo. (HALL, 1997, p. 10).

Isso explica o fato de que a cultura modela e regula nossas condutas e ações sociais, pois as mesmas possuem um sentido discursivo. Sendo assim, é notório que a ação social de produzir música gera significados culturais que desembocam arranjos discursivos e estéticos, utilizados para significar ou codificar tanto os que produzem como aqueles que consomem. Por sua vez, os

significados culturais não são unilaterais e diferenciam-se em relação aos que observam as identidades e estilos de vida entorno de um gênero musical, como para aqueles que compartilham do determinado gênero, criando significados próprios.

Entendendo que a cultura corresponde à criação de significados para práticas sociais individuais e coletivas, é oportuno afirmar que no nível da coletividade os agrupamentos juvenis a partir da circulação e troca cultural, geram outros significados não somente a nível musical a partir da aclamação de vários gêneros difundidos em meados dos anos 70, mas também aos espaços físicos frequentados. Por isso, não é raro identificar que os diferentes espaços da cidade – praças, teatro, cinema, igrejas, e outros – atuam como difusores culturais entre os jovens, responsáveis em transformar os aspectos sociais de identificação em sistemas de classificação grupal.

Martins e Carrano (2011, p. 45) mencionam que a estreita relação entre território e grupos juvenis, não é vista sob o mesmo ângulo quando se trata do território escolar, pois dotada de suas próprias normatizações e mecanismos de funcionamento, tendem “a promover a invisibilidade das práticas que não se encaixam nos cotidianos escolares institucionalizados e pouco abertos para as expressividades das culturas juvenis”. Isso acontece, pois é imposto o enquadramento à condição de aluno, na intenção de responder positivamente aos interesses que implicam os estabelecimentos de ensino, já que apesar da diversidade cultural penetrada nesses espaços, Martins e Carrano (2011, p. 46) afirmam a inexistência de “garantia de democratização de direitos a expressões culturais de forma igual para todos, notadamente, os grupos juvenis”. As falas de Martins e Carrano (2011) fazem recorrer às ponderações de Nogueira e Nogueira (2006), para as quais a escola atuaria como instituição arbitrária, prevalecendo um sistema de ensino balizado na relação de classes.

No respectivo cenário, as escolas de Ensino Médio não estão imunes ao arbitrário, afinal estão inseridas numa lógica estruturada que prevê normas e regras para o seu funcionamento. Concomitantemente, os discursos culturais legitimados pela relação de poder ocultamente contida no processo escolar, supõe um método de ensino igual a todos, mesmo que uma parcela da juventude não apresente os mecanismos culturalmente idealizados como necessários à decodificação da mensagem. Nessa conjuntura, Bourdieu (2015, p. 68), declara, “não se pode afirmar que a homogeneização das mensagens emitidas leve a uma homogeneização das mensagens recebidas e, menos ainda, a uma homogeneização dos receptores”. Assim, temos visto

uma rigidez classista que monopoliza a escola e marginaliza os jovens agrupados em torno de aspectos culturais relativamente diferentes.

Machado Pais (1993, p. 94) se arriscaria a dizer que os grupos juvenis “constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros”. Irapuan Filho (2014) acresce as discussões de Machado Pais (1993) ao pronunciar que na juventude, escolher compartilhar de aspectos identitários de um determinado agrupamento ocorre simultaneamente por um processo impositivo.

É imperativo àquele que adere ao grupo concordar com suas regras de comportamento e valores morais professados. Além disso, há instrumentalização de vigilância constante: cada membro vigia os demais e ativa os códigos que podemos chamar de modos de inclusão e exclusão. Por isso, não basta aderir ao estilo: é preciso vivenciá-lo na prática, por meio dos agrupamentos, se submeter às vigilâncias internas e exibir constantemente as senhas de entrada que vão “comprovar o seu valor”. (IRAPUAN FILHO, 2014, p. 110).

A colocação de Irapuan Filho (2014) é propícia para introduzir uma percepção mais flexível sobre a realidade educacional, valorizando e problematizando as semelhanças e conflitos culturais de seus integrantes, ao tempo que os recoloca como sujeitos ativos na dinâmica escolar. Nesse cenário, os jovens que chegam à escola devem ser percebidos em seus conteúdos de vida, já que carregam para o determinado ambiente estilos próprios, concepções, leituras de mundo, interações dos espaços da cidade, preferências, sexualidades e estéticas. Conforme Dayrell (2001, p. 139) “não é coerente que o processo de ensino/aprendizagem ocorra numa homogeneidade de ritmos, estratégias e propostas educativas para todos”, reduzindo as diferenças sociais a problemas cognitivos.

Outro fator elementar a esta discussão reside na apropriação dos jovens sobre o que é a escola. Nesse viés, a estrutura física dos prédios escolares reflete um código simbólico ligado às permissões ou proibições das expressividades e comportamentos dos jovens que neles circundam. Sobre esse aspecto, Dayrell (2001) pontua que a arquitetura dos ambientes interfere na circulação dos agrupamentos, seja a inibir ou visibilizá-los. Atuando de modo inibidor, os corredores estreitos, salas de aula, sala dos professores, diretoria e principalmente os muros, demarcam funções que isolam a escola do mundo exterior. A falta de estímulos interativos nas estruturas também empobrece o processo de ensino e aprendizagem, que fica reduzido ao disciplinamento

no qual a sala é *locus* balizador. Na tentativa de serem visibilizados, os jovens apropriam-se dos territórios da escola, ressignificando seu uso e desestabilizando as regras e normas impostas para a utilização dos espaços.

[...] as mesas do pátio se tomam arquibancadas, pontos privilegiados de observação do movimento. O pátio se torna lugar de encontro, de relacionamentos. O corredor, pensado para locomoção, é também utilizado para encontros, onde muitas vezes os alunos colocam cadeiras, em tomo da porta. O corredor do fundo se torna o local da transgressão, onde ficam escondidos aqueles que matam aulas. O pátio do meio é ressignificado como local do namoro (DAYRELL, 2001, p. 147).

Nessa conjuntura, é válido fomentar que o intervalo é peça chave para favorecer a visibilidade das relações juvenis na rotina escolar. É o momento em que todos se encontram para alimentação e aproximar-se daqueles que possuem interesses semelhantes, bem como, afastar-se das diferenças, pois, segundo Irapuan Filho (2014, p. 111) “os jovens precisam também lidar com as sociabilidades, nem sempre pacíficas, dos agrupamentos. Afinal, os agrupamentos não podem ser compreendidos isoladamente, mas essencialmente no convívio com outros, com o diferente”. Em outras palavras, nesse momento se evidencia de maneira mais clara as interações e conflitos grupais juvenis.

Percorrendo a estrutura escolar, a sala de aula também compõe cenário de interação, uma vez que comporta múltiplas trajetórias em uma única rotina durante períodos anuais. Dayrell (2001, p. 149) discute que na sala de aula “formam-se subgrupos, por afinidades, interesses comuns, etc. É a formação de “panelinhas”, quase sempre identificadas por algum dos estereótipos correntes”, que demarcam territórios. Geralmente aqueles tidos como turma da pesada delimitam o fundo da sala como espaço para suas interações. Também, existem os jovens considerados *nerds* localizados nas cadeiras postas à frente, os grupos das patricinhas e *boys*.

Os horários de entrada e saída são momentos de pico nas interações, especificamente, a saída, cuja combinação de encontros, atitudes próprias, como cantar música em voz alta e retirar o uniforme estão mais evidentes. Analisar a instituição escolar sobre o prisma das culturas juvenis é recorrer a uma educação banhada pela socialização, a qual reconhece o poder dos espaços físicos sobre as atuações dos jovens. É preciso permitir que os jovens usufruam desses espaços de maneira plural, onde as relações não sejam inibidas, porém integralizadas a

escolarização. Nessa vertente, transcenderia a reprodução de conteúdo, buscando vínculos entre a realidade e as disciplinas curriculares. Não é por acaso que Dayrell (2001, p. 150) cita que “os jovens são "bombardeados" constantemente pela indústria cultural: roupas, gírias, atividades de lazer etc. Não seria o caso de estabelecer relações entre as duas realidades? De analisar essas relações, a partir do que os próprios alunos já sabem sobre aquele país?” Em outras palavras, a aprendizagem incide em desenvolver diálogo entre o conhecimento escolar e as relações culturais dos alunos, já que estes aprendem de modo eficaz aquilo que se torna significativo em suas vidas.

Diante disso, é dever da escola incentivar o convívio com as várias expressividades musicais, integradas aos agrupamentos. Promover a interação dos diversos modos de ser jovem em contexto de escolarização é, antes de tudo, cultivar o respeito aos limites entre as culturas, além de oportunizar a troca experiencial entre os agrupamentos, gerando possibilidade de perspectivas formativas:

As escolas e os currículos não são apenas lugares que armazenam conhecimentos produzidos em cada área, são lugares onde [...] chegam sujeitos sociais também produtores de conhecimentos, lugares de encontro de experiências sociais, de indagações, de leituras de mundo e de si no mundo que exigem ser reconhecidas (ARROYO, 2014, p.200).

Reconhecer a veracidade da citação acima é o primeiro passo para implantação de uma proposta pedagógica que visibilize as distinções. Os coletivos juvenis possuem curiosidades e modos de pensar, é interessante perceber suas articulações nos estabelecimentos de ensino, explorando suas linguagens e representações. Estes dizeres não negligenciam os saberes matemáticos e linguísticos, que por sua vez, revelam-se fundamentais ao amadurecimento social. Arroyo (2014, p. 161) denota que se trata de “[...] contextualizar esses conhecimentos e colocá-los em diálogo horizontal, enriquecedor com as vivências sociais coletivas desses jovens, [...]”. Concomitantemente, Dayrell (2001) afirmar:

[...] a experiência de vida é matéria-prima a partir da qual os jovens articulam sua própria cultura aqui entendida enquanto conjunto de crenças, valores, visão de mundo, rede de significados: expressões simbólicas da inserção dos indivíduos em determinado nível da totalidade social [...]. Em outras palavras, os alunos já chegam à escola com um acúmulo das experiências vivenciadas em múltiplos espaços, através das quais podem elaborar uma cultura própria, uns

“óculos” pelo qual vêm, sentem e atribuem sentido e significado ao mundo, à realidade onde se inserem. (DAYRELL, 2001, p. 140 e 141).

Diante da reflexão elencada, é no nível dos agrupamentos que as identidades se revelam, e nos quais os jovens partilham um estilo de vida. Ao longo das reflexões expostas nessa subseção, fica evidente que a função grupal se concentra em fortalecer as identidades e o estabelecimento de relações solidárias, onde a escola aparece como um dos pontos favoráveis à organização dos jovens em agrupamentos, pois estes se articulam culturalmente com pares que compartilham perspectivas e preferências similares de outras ambiências, difundidas tanto a nível local como global.

Por ora, cabe elucidar que as discussões conceituais notoriamente exibidas em toda a seção recola as artes no nível de agenciamento cultural. No cenário da educação, as artes, para além da ludicidade são componentes essenciais à formação intelectual dos jovens. Sendo assim, a escola pode e deve ser ambiente favorável a todos os estilos culturais, cujas identidades não sejam reprimidas, mas manifestas sem retaliações.

Nesse sentido, é importante desenvolver pesquisas que acentuem as diversas expressividades culturais de vertente musical dentro da escola. Estas investidas são produtivas principalmente em contexto onde um gênero musical é tomado como marcador social que fortalece identidades e estilos de vida. Sem mais delongas, apresento, a você, leitor, um perfil dos jovens rurais sertanejos de Alagoas, especificamente residentes no município de Delmiro Gouveia, propondo, a partir do real, os encontros e conflitos com as ponderações teóricas elucidadas.

SEÇÃO III

TERCEIRA ESTROFE - EXPRESSIVIDADES MUSICAIS E A RELAÇÃO COM A ESCOLA: SENTIDOS ATRIBUÍDOS

Apresentar o alcance da pesquisa requer paciência e cautela no percurso, a fim de propor interpretações claras e coerentes. Conforme Pedroso e Lima (s/n, p. 10), essa abordagem “utiliza análises contextualizadas a partir de [...] referenciais teóricos [...] faz críticas, mostra contradições e conflitos”. Minayo (2002) também expõe que a preocupação não reside na aquisição de verdades absolutas, já que este tipo de pesquisa não é exclusiva, conclusiva ou definitiva. Portanto, para compor um perfil dos jovens rurais e suas sociabilidades musicais como mecanismo catalizador das identidades e agrupamentos dentro da Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes, a pesquisa esteve sustentada no princípio de flexibilização, pois os sujeitos investigados são históricos, propícios à aquisição de gostos, valores e normas embutidas nas estruturas sociais, como, também, são criadores de tais mecanismos.

Em linhas gerais, a atual multiplicidade de tratamento de dados de pesquisas sobre a juventude, rompe com a impossibilidade de relacionar perspectivas metodológicas distintas para compreender as mudanças vivenciadas pelo público juvenil. Nesse sentido, a partir de Minayo (2002), a dualidade marcada entre os estudos qualitativos e quantitativos é desfeita, sustentando a assertiva de que nas pesquisas sociológicas é aceitável compartilhar as duas concepções. Continuando Minayo (2002, p. 22) afirma que “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos [...] se complementam, pois, a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”. As informações numéricas podem ser aproveitadas pelo pesquisador para ampliar suas interpretações, dialogando sempre com os aportes teóricos do estudo.

Por essa razão, as análises aqui esboçadas são frutos de leituras e releituras dinâmicas sobre os dados, em acordo com os referenciais teóricos, na intenção, segundo Sposito (2005, p. 88) de “problematizar enunciados que rapidamente se transformam em pressupostos muitas vezes não contestados”. Para gerar a problematização na construção do perfil dos jovens participantes da pesquisa, foi preciso incursões em domínios da família, trabalho, escola, amigos, gostos musicais e moradia, sem nenhuma pretensão de tratar exaustivamente sobre esses domínios tão complexos.

Destarte, após um longo tratamento sobre os dados, é possível explicitar algumas considerações, lembrando sempre, como enfatiza Sposito (2005, p. 88), que nas pesquisas sociais,

estamos lidando “com o caráter provisório dos resultados e com a necessidade de novas perguntas e outros estudos”. Foi princípio elementar deste trabalho, favorecer uma leitura reflexiva para outros pesquisadores.

3.1. PERFIL DOS ALUNOS PESQUISADOS

Esse primeiro momento corresponde ao primeiro objetivo específico, destinado a compor um perfil geral dos jovens pesquisados, estudantes do 3º ano do Ensino Médio. A produção dos dados deu-se por meio de um questionário com questões objetivas, aplicado a 116 jovens, sendo 52,6% meninas e 47,4% meninos. À frente, os dados mais expressivos foram organizados em tabelas para facilitar a leitura sobre os resultados alcançados.

Ainda sobre os dados básicos, 95,7% estavam solteiros no momento da pesquisa, 1,7% estavam casados, 1,7% divorciados, tendo duas abstenções de resposta a essa pergunta.

No que tange a faixa etária, a idade dos pesquisados variou entre 15 e 31 anos. Foi registrado o percentual de 82,8%, de jovens com idade entre 15 e 18 anos, 15,5%, de 19 a 22 anos, 1,7%, acima de 22 anos. Considerando os 82,8%, é possível admitir a adequação da idade/série relativa às normas legais voltadas ao Ensino Médio, proclamadas pela LDB (BRASIL, 1996) e pelas DCNEM (BRASIL, 2013).

Dos dados observados 17,2%, dos estudantes apresentam defasagem idade/série. Este fato leva à crer que muito embora a universalização da educação tenha como princípio garantir o acesso à educação básica, há uma oferta ainda limitada do Ensino Médio no âmbito rural ou zonas mais afastadas de centros urbanos, sendo, muitas vezes, tardia a chegada do jovem a escola, ou elevado o número de desistências por falta de condições de deslocamento até a instituição. Atrelado a esse fato, a defasagem pode está associada a reprovações sucessivas, seja, pelo motivo de desistência, ou por não atingirem as competências postas ao Ensino Médio pelas DCNEM (BRASIL, 2013).

Não atingir as competências está correlacionado a subjetivação do conhecimento, o qual consiste na habilidade de entrelaçar os novos saberes à base de socialização, cujos jovens já possuem. No entanto, a pouca afinidade entre as diversas origens sociais e a cultura escolar, corrobora para que os jovens que não participaram desde a infância de uma cultura letrada e erudita, tenham maior dificuldade em realizar o processo de subjetivação, levando muitos ao

abandono escolar. Nesse viés, Corti (2014) discute que:

Os novos conteúdos da socialização secundária serão melhor aprendidos se for estabelecida uma relação de coerência com os conhecimentos já subjetivados. Nesse caso, tais conhecimentos têm maior chance de assumir um caráter real para quem aprende, integrando-se ao seu próprio universo de significados. (CORTI, 2014, p. 317).

Certamente, o diálogo horizontal entre as experiências dos jovens com os objetivos ou missão escolar, é componente ímpar na ampliação do alcance de uma educação qualitativa, cujas manifestações culturais são propícias e acolhidas respeitosamente. Todavia, não há como fechar os olhos para as dificuldades de acesso aos estabelecimentos de ensino que repercutem drasticamente sobre o alcance de uma educação de qualidade. Durante minha estadia em campo, os jovens residentes em povoados, sítios ou distritos chegavam atrasados a escola em relação ao horário de entrada, por dependerem de transportes públicos conveniados entre o Estado e o município de Delmiro Gouveia. A fim de noções mais reais sobre o quantitativo de sujeitos que se deslocam cotidianamente, está indicado na tabela abaixo o percentual de alunos residentes em lugares mais afastados.

Tabela 10 – Resposta dos alunos sobre seus locais de moradia

Moradia	Frequência da resposta	%
Cidade	67	57,8
Sítio/Povoado/Distrito	47	40,5
Abstenção de resposta	2	1,7

Fonte: dados da pesquisa, 2016/2017.

Além das reflexões mencionadas, as informações expostas incitam outras análises iniciadas pelo número expressivo de jovens rurais (moradores de sítio/povoado/distrito) em contexto escolar, o equivalente a 40,5%, dando concretude às prerrogativas de Carneiro (1997), ao escrever sobre a importância dada aos estudos pelos jovens rurais, como meio possível de obter melhores condições de vida. É inegável, mesmo diante dos percalços, que a universalização da educação formal, reverberada nas escolas públicas, ampliou a população atendida ao passo que

colaborou na transformação dos contextos em que as escolas foram inseridas, é o caso da cidade de Delmiro Gouveia. A ampliação na oferta da educação escolar não esteve limitada a inauguração da Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes, pois outras instituições de Ensino Médio foram instaladas, além da implantação do Ensino Superior gratuito, no ano de 2010, através da interiorização da Universidade Federal de Alagoas.

Ora, as políticas públicas de educação, apesar de insuficientes, renderam novas perspectivas para os jovens que vivem nos espaços rurais. No entanto, ainda, é preciso efetivar condições para que a participação na escola esteja além da sala de aula, ou seja, fincada nas experiências referentes ao tempo presente da juventude, possibilitando as expressividades culturais dos jovens, pois, a escola também é lugar de desenvolvimento artístico. Para Viana (2014, p. 253 e 254), as normatizações de educação, como as DCNEM (BRASIL, 2013) “reforçam a importância da escola em promover as expressões individuais e coletivas dos estudantes junto ao trabalho, a ciência e tecnologia, como bases da proposta e do desenvolvimento curricular”. Viana (2014, p. 254), por outro lado, continua sua reflexão, afirmando que tal orientação não está plenamente disponível quanto dizem as DCNEM (2013), os “jovens ligados às diversas expressões culturais, nem sempre encontram na escola suportes conceituais, técnicos e infraestrutura necessária para expandi-las efetivamente”. Essa colocação revela que as expressividades juvenis ainda se encontram a margem na escola, suprimidas por processos de ensino que uniformizam os jovens. Rompendo com este paradigma, pesquisas sociais, a exemplo desta, trazem à tona quem são os jovens, seus gostos, percepções, mecanismos de expressões, dentre outras características, servindo para repensar possibilidades pedagógicas cujas linguagens culturais diferentes em contextos regionais e nacionais diferentes se inter cruzem.

Apoiando-se na concepção de ruralidade defendida por Carneiro (1997) e Castro (2009), os 57,8% dos jovens residentes nos bairros da cidade Delmiro Gouveia, também se enquadram na abordagem, enfrentando, do mesmo modo, dificuldades de permanência na escola. Essa dificuldade é mais evidente entre os jovens que frequentam as aulas no turno noturno, devido suas jornadas de trabalho. O custo de certa independência financeira ou contribuição para compor a renda familiar, desemboca em oscilações na frequência escolar, perdas de prazos de entrega de trabalho, pendência em disciplinas de anos anteriores, a serem regularizadas até o fim do último ano do nível médio, reprovações e, outras dificuldades ocasionadas pelo pouco tempo destinado

ao estudo. Tais desafios são mencionados pelas DCNEM, quais reconhecem o enfrentamento do respectivo público:

[...] os estudantes do ensino noturno diferenciam-se dos estudantes do ensino diurno, pois estes últimos têm o estudo como principal atividade/interesse, enquanto os do noturno são, na sua maioria, trabalhadores antes de serem estudantes. Do ponto de vista das expectativas destes estudantes, uns objetivam prosseguir os estudos ingressando no ensino superior, enquanto outros pretendem manter ou retomar sua dedicação ao trabalho. (DCNEM, BRASIL, 2013, p. 158).

Quando apliquei o questionário, enfrentei dificuldade na participação dos alunos matriculados no turno noturno, pois a chegada dos mesmos a escola ocorria após o horário de início das aulas. Levei mais tempo para aplicar o questionário junto aos estudantes noturnos em relação aos diurnos, pois, à medida que os respondentes iam entregando seus questionários, outros estavam chegando à sala de aula, sendo preciso retomar a ação, explicando a estes minha presença em sala.

Além disso, a rotina de trabalho dos jovens impediu que participassem do segundo momento da pesquisa, composto por entrevistas. Aqueles que concordaram em participar não puderam estar presente no local combinado, devido suas atividades laborais no turno diurno e o compromisso em ir à escola no turno noturno. Foram feitas duas tentativas, infelizmente não tive o privilégio de ouvi-los mais atentamente. Essa experiência de campo fez lembrar as afirmações de Dayrell (2012, p. 313) quando ressalta “os postos de trabalho precários, que atinge, principalmente, os jovens das camadas populares, delimitam o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades”. Nos lugares onde a dinâmica econômica é limitada, tal situação é mais acentuada, ao mesmo tempo em que oferta um grau de autonomia, retarda o ritmo escolar, pois as jornadas de trabalho são longas e desgastantes. Durante a realização da coleta de dados, pude ouvir um jovem relatar sobre sua atuação no comércio local desde os 13 anos, não se vendo distante de seu ofício, tendo sua expectativa de graduação centrada na Administração, com intenção de futuramente gerir seu próprio negócio. No entanto, o pouco tempo de preparo para os exames seletivos deixa seu sonho em segundo plano. Nesse mesmo viés, Branco (2005) declara:

[...] com frequência, uma parcela significativa desses jovens que aceitam trabalhar sujeitando-se a tais condições o faz comprometendo sua escolarização ou mesmo já estando fora da escola, sem que neste caso tivesse sequer completado os ciclos educacionais compatíveis a sua idade. (BRANCO, 2005, p. 131).

Visto sob o ângulo dos esforços, é importante salientar que a necessidade de sobrevivência pessoal ou familiar, tende a ser uma das causas que impelem os jovens a condições hostis de trabalho, geralmente dicotômicas com as peculiaridades próprias da juventude, como tempo para lazer, encontros com os amigos e, principalmente tempo para os estudos. No caso da juventude rural, estas características se acentuam, quando Carneiro (1997) e Brumer (2007), exprimem as modificações econômicas que afligem os espaços rurais, gerando novos meios de trabalho, em parâmetros desumanos, cuja ordem capitalista se aproveita da economia limitada na ruralidade para dispor rentabilidades precárias.

Frente às análises sobre juventude rural nas situações acima, suas especificidades servem para reafirmar as proposições de Carneiro (2005, p. 247) sobre “a noção de juventude rural, além de conter grandes fatores de diversidade, guarda também diferenças internas em uma mesma localidade, segundo as condições econômicas, as identidades e o grau de escolaridade”. Para Castro (2009), a experiência em ser jovem rural não é homogênea e ocorre em diferentes planos, de acordo com os espaços onde transitam. Nesses termos, não cabe um padrão juvenil frente à tamanha diversidade de experiências exemplificadas até o dado momento. O que cabe, no entanto, é refletir sobre as questões que configuram o universo dos participantes da pesquisa, no sentido de revelar as múltiplas identidades assumidas pelos jovens rurais sertanejos.

O desdobramento das referências teóricas elucidadas nesta dissertação nos direciona ao rompimento do imaginário político e cultural sobre os sujeitos rurais e seus contextos de moradia. Em específico aos limites do semiárido nordestino é encontrada uma gama de identidades e preferências culturais que desconstroem os discursos sedutores e comprometedores de todo um espaço por suas adversidades climáticas. Portanto, entre as questões culturais, circunscrita nas vivências dos jovens pesquisados, destaca-se também a convivência familiar, disposta na tabela seguinte.

Tabela 9 – Resposta dos alunos à pergunta: “Com quem você mora?”

Pessoas	Frequência da resposta	%
Mãe	93	80,2
Pai	72	62,1
Irmãos	79	68,1
Tios	5	4,3
Avós	20	17,2
Primos	2	1,7
Sozinho	0	0

Fonte: dados da pesquisa, 2016/2017.

Conforme os dados, uma parcela significativa dos pesquisados convive num modelo de família nuclear, levando em conta os números da tabela: mãe (80,2%), pai (62,1%) e irmão (68,1%). Segundo Catani e Gilioli (2008, p. 50), é característica dos espaços rurais a persistência na manutenção do modelo familiar tradicional, cujos laços familiares são mais arraigados, “o controle exercido pelos mais velhos sobre os jovens e a importância da comunidade são muito mais fortes que nas urbanidades”. Pode-se dizer que, para esses jovens, a família é a primeira instância socializadora que interfere na construção de uma perspectiva de mundo, por meio dos contatos interpessoais dentro deste núcleo. Por outro lado, o fato de residir junto à família já era esperado, se for considerada a faixa etária predominante e estado civil dos jovens. Em geral entre os 15 e 18 anos, há uma dependência financeira e afetiva mais arraigada, embora a relação de permanência e independência familiar tenha sido relativizada nos dias atuais.

Por outro lado, o sertão alagoano não está imune aos rearranjos familiares fomentados pela modernidade, se for considerado que 17,2% residem com avós, 4,3% com os tios, 1,7% com primos. Estas novas configurações estão imbricadas nas transformações econômicas, donde os casais não tendo a possibilidade de manter os gastos relativos à manutenção de uma família tradicional, continuando a morar com os pais. No percurso, geram seus filhos, os quais iniciam a vida junto aos pais e avós. Além desse fator, no decorrer da estadia em campo, foi perceptível a existência de jovens rurais que não residem com os pais pela necessidade de se manter na sede do município, devido aos estudos e trabalho, outros por seus responsáveis já terem sido falecidos.

Concernente à escolarização dos pais, sistematizada na tabela a seguir, é interessante esclarecer que o grau encontrado não determina o nível alcançado pelos jovens, pois, segundo Bourdieu (2015), os pais buscam compensar os filhos por meio da escolarização, ofertando o capital cultural a eles negado, pois creem que a escola é o lugar onde terão a oportunidade de

alcançar melhor *status* social. Tal desejo pode ser interpretado como reflexo da complexidade das relações sociais modernas que ampliou o olhar sobre as possibilidades de mobilidade socioeconômica, introduzindo, em especial nas famílias rurais, novos *habitus*, entre eles, está à obtenção do capital cultural - em suas formas de titulação e conhecimento - como veículo para vivenciar distintas realidades de trabalho. Assim, os projetos de vida na juventude tomaram outras proporções, como ser médico, policial, engenheiro, professor, economista, na intenção de romper com a conjuntura a qual seus pais estiveram submetidos. Todavia, este campo de alternativas profissionais não se apresenta facilmente ao público jovem popular e rural, sendo necessário desenvolver táticas de mobilidade para resistir aos percalços que envolvem o processo. Táticas, por sua vez, examinadas com mais profundidade no próximo tópico de análises, construídas a partir das entrevistas. Entre as táticas estão o abandono dos seus desejos e lazares para voltar-se a períodos de estudos mais intensos, como forma de compensar o capital desprovido por sua condição social.

Voltando-se às tabelas de escolarização dos pais, abaixo está explicitado o que os questionários revelaram:

Tabela 8 – Resposta dos alunos à pergunta “Qual a escolaridade de sua mãe/ou mulher responsável, e pai/homem responsável”?

Escolarização	Em relação à mãe/mulher		Em relação ao pai/homem	
	Frequência da resposta	%	Frequência da resposta	%
Nunca frequentou a escola	08	6,9	08	6,9
Não concluiu o Ensino Fundamental e Ensino Médio	48	41,4	60	51,7
Concluiu o Ensino Fundamental e Ensino Médio	43	37,1	35	30,2
Não concluiu o curso Superior e Pós-Graduação	05	4,3	01	0,9
Concluiu o curso Superior e Pós-Graduação	12	10,3	08	6,9
Abstenção de resposta	-	-	04	3,4

Fonte: dados da pesquisa, 2016/2017.

Os dados expostos na tabela 8 apresentam importantes informações. Inicialmente, observa-se o alcance da educação básica por parte dos pais dos jovens pesquisados, o qual revela que a mulher permanece mais tempo na escola, uma diferença de 6,9% em relação ao homem. Esses dados permitem inferir que a escolarização não esteve facilmente acessível aos pais, traduzindo a dificuldade do povo sertanejo em permanecer na escola por muitos anos, pois ao visualizarmos os dados coletados junto aos 116 jovens, temos o quantitativo de 12 (doze) mães/mulheres e 08 (oito) pais/homens que alcançaram o ensino superior. Nesse direcionamento, a chegada do Campus do Sertão da UFAL no município Delmiro Gouveia aponta para uma futura mudança desse quadro educacional.

Ainda, comparando os dados acima com as pesquisas feitas por Carneiros (2005) na região catarinense, mostra-se que o avanço escolar dos jovens rurais delmirenses em relação aos seus pais, é fenômeno evidenciado amplamente a partir dos dados relativos a outras localidades nacionais. De acordo com Carneiros, (2005, p. 249) “a grande maioria dos pais (em torno de 60%) não estudou ou cursou até a 4^o série, enquanto apenas 1% dos jovens atuais não estudaram o ensino fundamental”. O grande gargalo para a autora é justamente o momento, cujos jovens começam a se definir socialmente como trabalhador. No processo, muitos desistem da carreira estudantil, pois Carneiro (2005) informa que do contingente de 38% do total de jovens pesquisados, aproximadamente a metade concluiu o Nível Médio. Ainda assim, é importante ressaltar que a interiorização da educação básica nas sedes dos municípios corroborou para que os jovens residentes em povoados, distritos e cidades pequenas localizadas nos interiores dos estados tenham acesso a níveis de instruções mais elevados que seus pais. E em específico aos que trabalham a ampliação das escolas médias para o turno noturno nas proximidades locais de moradia dos jovens trabalhadores, reduziu os índices de abandono escolar.

No que tange a reflexão sobre a presença feminina na escola, também foi percebida no próprio contingente de participantes, cujas jovens ocupam 52,6% do total de 116 sujeitos. Essa informação, do mesmo modo, pode ser interpretada à luz da pesquisa “Perfil da juventude brasileira (2003)”, ao informar que a educação é o tema portador de maior interesse entre as jovens brasileiras, atingindo 42% em relação a outras temáticas, como: emprego, lazer, relacionamento, família, sexualidade. Esses dados podem, também, ser justificados por Alves e Dayrell (2015) ao asseverarem que as mulheres, em especial aquelas oriundas dos espaços rurais, não desejam em sua vida reproduzir as ações verificadas em seus lares, como:

[..] o casamento e a dependência financeira do marido, o que levava algumas a negar em seus projetos de vida, mesmo em um futuro distante, o casamento, a vida de dona de casa, de mãe, de família. Para algumas dessas jovens, isso seria uma condenação a uma vida sem graça, sem perspectiva de futuro, sem autonomia. Para outras, casamento e filhos aparecem nos projetos, mas somente depois que conseguirem se realizar profissionalmente. (ALVES E DAYRELL, 2015, p. 379).

Colaborando com as discussões dos autores elucidados, Carneiro (1998) descreve que as jovens mulheres têm rompido com mais frequência às fronteiras dos universos doméstico e profissional, por meio de seus projetos pessoais estipulados para longo prazo. Nesse cenário, algumas jovens em busca de formações acadêmicas adaptam-se ao ritmo vivido em grandes metrópoles e estabelecem-se profissionalmente em tais contextos. Outras retornam aos seus locais de origens, mas em condições diferentes, desempenhando atividades laborais distantes do ambiente doméstico ou em paralelo ao mesmo.

Ainda no Ensino Médio, existem aquelas que apesar de já vivenciarem muito cedo a realidade doméstica não desistem de seus projetos pessoais. Durante minha estadia em campo pude observar esta realidade frequente, em especial no horário noturno, sendo o momento possível para deixar os filhos aos cuidados dos pais, avós ou terceiros. Quando não há essa possibilidade, as jovens levam seus filhos à sala de aula, fato observado na aplicação do questionário. Assim, diante a relativização e apesar dos obstáculos, tem-se instaurado a presença feminina nos espaços educacionais.

Assumindo a música como mecanismo de expressividade juvenil, questões frequentemente silenciadas no percurso da escolarização, como: quem são os jovens que assumem a condição de aluno? Quais os gêneros musicais de suas preferências? Quais recursos tecnológicos utilizam para ter acesso à música? Onde escutam música? São algumas das indagações expostas no segundo bloco de tabelas, analisadas cuidadosamente.

Tabela 7 – Resposta dos alunos à pergunta “Quais recursos você utiliza para ter acesso à música?”

Recursos	Frequência da resposta	%
Celular	106	91,4
Internet	88	75,9
Computador	57	49,1
TV	34	29,3
Micro sistem/som	30	25,9
Programa de rádio	29	25,0
Ipad	2	1,7
Outros	9	7,8

Fonte: dados da pesquisa, 2016/2017.

Os dados organizados na tabela 7 confirmam os estudos de Carneiro (1997) sobre a modernização das relações midiáticas, que ampliou as preferências dos indivíduos e fragmentou as identidades rurais. Do conjunto de dispositivos tecnológicos, atualmente, o celular, alcançou a juventude de tal modo, que 91,4% dos participantes indicaram sua usabilidade como recurso físico para acesso a música e desenvolvimento de relações entre os pares. Porquanto, dentre as múltiplas funções desse aparelho, o mesmo, permite, a partir da *internet*, o *download* de músicas em formato de áudio e audiovisual, como também o compartilhamento de gostos nas comunidades virtuais, sendo elas: *facebook*, *instagram*, *blog*, *you tube*, *twitter*.

No decorrer da pesquisa, a *internet* mostrou-se presente no cotidiano juvenil, assumindo o quantitativo de 75,9% de jovens plugados diariamente aos ambientes virtuais. Ora, diante dos fatos, as argumentações de Arroyo (2013, p. 23), comprovam que o rural já não é mais uma extensão do campo e os “jovens estão forjando e vivendo modos inéditos de produção, veiculação e recepção de música, propiciados por esses novos dispositivos de comunicação e informação”. A reflexão teórica elucidada leva a crer que o uso constante da *internet* pelos jovens, provoca a articulação de territórios, pois os estilos musicais dispostos virtualmente são responsáveis por organizar agrupamentos juvenis a nível local e global, transcendendo fronteiras identitárias entre estados, regiões e até países. Para Ennes e Marcon (2014, p. 292), as “fronteiras não são necessariamente estáveis ou estáticas, mas fluidas e móveis. Isso significa que os indivíduos as cruzam e as ressignificam constantemente”. Contudo, o modo como o fenômeno é apropriado por seus usuários ao passo que se assemelham pelas interações virtuais, como seguir perfis virtuais de banda e cantores, acompanhando e dialogando sobre os estilos produzidos por estes, também podem diferir considerando os modos como certas preferências são representadas no convívio

social, em âmbito físico.

No trilhar das proposições, não anulamos as influências das mídias mais antigas, como é o caso da televisão, pelo contrário os programas publicitários divulgados pelas emissoras reforçam a fragmentação e multiplicidade de referências culturais voltadas ao público jovem como também para a juvenalização da sociedade. Outrora, os dados levam a crer que este recurso tem perdido sua força diante as janelas abertas pela internet e a mobilidade acessível pelo celular.

Frente às colocações acima, as próximas reflexões estão destinadas a compreender as implicações das interações musicais nas relações físicas, estabelecidas na escola, na família e entre os jovens.

Tabela 6 – Resposta dos alunos à pergunta “Com quais pessoas você costuma ouvir música?”

Pessoas	Frequência da Resposta	%
Amigos	86	74,1
Familiares	40	34,5
Namorado/Marido	29	25
Professores	2	1,7
Nenhum	28	24,1

Fonte: dados da pesquisa, 2016/2017.

Os amigos, numa posição de 74,1% dos respondentes, assumem a condição de refúgio perante as exigências da geração mais velha, e das cobranças sociais, por meio dos estilos musicais compartilhados. São nos grupos de amigos que as sensações, interesses e desafios são expostos sem preocupação de julgamento. Discutindo as interações grupais, Machado Pais (1993), assevera que:

Os grupos de amigos são exemplos destas redes grupais, ao assegurarem uma certa identificação entre os vários elementos que os constituem (têm gostos semelhantes musicais, literários, etc.) e ao funcionarem como contextos coerentes de estruturação dos tempos quotidianos dos jovens que os integram e das atividades que praticam de forma compartilhada. De fato, para a generalidade dos jovens, os amigos de grupo constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros (MACHADO PAIS, 1993, p. 93).

Essas observações mais específicas sobre agrupamentos estão imersas na compreensão de culturas juvenis, já que nas relações de amigos de bairro, rua e escola também partilham de estilos reconhecidos amplamente pelos pares. Em outras palavras, os gostos e ideologias de vida que marcam uma cultura podem ser estabelecidos em diferentes territórios.

Há na tabela 6, outro dado a ser lapidado, o qual incide na partilha musical com a família. Das respostas obtidas, 40% dos respondentes disseram escutar música junto aos familiares. Esse dado pode também estar correlacionado a outro identificado no processo, quando 36,2 % dos jovens afirmaram a existência de parentes com atuações musicais. As discussões teóricas desta pesquisa elencam que a família, principal instituição socializadora, já não é a única responsável por exercer influências na dimensão identitária, uma vez que os jovens interagem com outros espaços. No entanto, não é negada a parcela familiar nessa vertente, pois Dayrell (2012, p. 310) deixa claro em seus escritos “que a configuração familiar é uma variável significativa na trajetória de cada um”, no sentido de ofertar as primeiras referências de vida no mundo, seja a partir das músicas escutadas em casa e nos festejos familiares, ou através de outros mecanismos. Na concepção de Sposito (2005) é fundamental examinar as experiências juvenis, sem minimizar a presença das agências socializadoras mais clássicas, situando-as em um estado de confluência com outras emergentes, dentre elas, a escola. Nessa conjuntura, as preferências culturais passam a mediar, pela coexistência de distintas agências, as referências sociais dos jovens.

A tabela 6 elenca outros dados que merecem ser refletidos, donde 25% dos jovens assinalaram ouvir música com seu namorado(a)/esposo(a). Nessa linha de raciocínio, é verificado que a música aproxima os jovens dentro de uma perspectiva afetiva. Ainda assim, os dados postos na tabela, refletem que 24,1% dos jovens ouvem música sozinhos, sinalizando serem os momentos privativos de reflexão, costumeiramente em seus quartos, exteriorizando os sentimentos relativos a situações amorosas, problemas familiares e escolares. Apenas 1,7% disseram ouvir com os professores. Este último dado chama atenção ao verificar que é na escola que os estudantes têm aproximação com os docentes, porém recebem estímulos mínimos em relação à música, inferindo a música como dispositivo educativo pouco utilizado pelos professores em suas aulas, contrariando os dispositivos legais contemplados no Art. 26, § 2º e § 6º da LDB (BRASIL, 1996), os quais definem a música como linguagem que deve constituir o ensino de arte na educação básica.

Também foi interesse da pesquisa identificar os gêneros musicais frequentes na rotina juvenil sertaneja, elencados na tabela abaixo.

Tabela 5 – Resposta dos alunos à pergunta “Quais suas preferências musicais? Marque até seis gêneros”.

Gêneros	Frequência da Resposta	%
Rock, eletrônica e pop	116	100
Hip-hop, rap, reggae	90	77,6
Bossa nova, samba, MPB	77	66,4
Pagode	63	54,3
Sertanejo	76	65,5
Forró	58	50,0
Gospel	43	37,1
Jazz, clássica, erudita	35	30,2
Funk	34	29,3

Fonte: dados da pesquisa, 2016/2017.

Doravante, com olhar atento para tabela 5, dos estilos musicais mais agradados aos pesquisados, estão o rock, eletrônico e o pop (cultura norte-americana). Esse apontamento conduz a reflexão em duas dimensões, primeiramente, a existência dessa cultura demarcada no sertão alagoano, e em segundo lugar o gosto por esse estilo sem pertencimento cultural, pois durante as observações a rotina escolar, poucos apresentavam em sua estética marcas do estilo. Ainda assim, os jovens, de um modo geral, gostam de sertanejo, mas também de funk, samba, MPB, gospel, forró. Os dados examinados à luz de Bourdieu (2007, p. 09) indicam que as diversas “[...] práticas culturais [...] e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução [...] e, secundariamente, à origem social [...]”. Nesse sentido, articulando as múltiplas influências informadas ao longo desta seção, é admissível a compreensão de que as preferências ou gostos, que geram representações de vida, são construções sociais que permeiam a família, a escola, os amigos e de modo geral os lugares de socialização frequentados. Paralelamente as interações com gêneros diversos podem estar atreladas ao estado afetivo dos jovens, ou ao fato de que mesmo não sendo ouvinte assíduo de um determinado gênero, adapta-se a este quando estão em ambientes públicos, como uma festa, bar ou rave.

Os dados relativos às preferências musicais também podem ser equiparados à pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Opinião (IBOPE) em 2013, a qual afirma ser o Brasil, em relação ao México, Equador, Peru, Chile, Argentina, Venezuela e Colômbia, o país de maior movimento musical. De acordo com o IBOPDE, no que tange ao contingente de estilos musicais, o rock a nível populacional, é o 5º estilo musical mais escutado entre os brasileiros, perdendo para o forró com 31%; samba/pagode com 44%; MPB com 47%, e por fim o sertanejo com 58%. Em contrapartida, o recorte sociogeográfico da presente pesquisa, foge a lógica nacional sobre o sertanejo ser o estilo musical mais partilhado. De acordo com a tabela 5, a relativização dentro da escola estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes, quanto às filiações musicais, desconstrói estereótipos cotidianos sobre o sertão como ambiente unicamente consumidor de categoria musical sertaneja ou caipira. Por outro lado, também não nega a escuta do mesmo, assevera por 65, 5% dos respondentes. Há uma relativização bastante acentuada nos gostos musicais, se considerada a incidência dos gêneros expostos.

Seguindo essa linha de raciocínio, Penna (2014) argumenta que em âmbito escolar:

Na verdade, a nossa experiência com música acontece através da interação com “músicas” diferenciadas, ou seja, com diversificadas manifestações musicais concretas, de enorme multiplicidade. No entanto, [...] tais categorias relativas à música podem nos ser úteis, contanto que não nos impeçam de perceber, em nossas práticas pedagógicas cotidianas, a diversificação que se manifesta por trás delas. (PENNA, 2014, p.50)

Essa compreensão é resultado das interferências das distintas categorias musicais democratizadas, influenciando no sentido que os jovens dão aos momentos particulares de sua vida. Ora, a afirmação ficou visível ao observar durante minha estadia na escola Luiz Augusto a atribuição a certas categorias musicais para momentos tristes, felizes ou festivos. Continuando no processo de análise, até então algumas pontuais reflexões sobre a influência da música na formação dos estilos de vida e identidades dos jovens pesquisados, foram expostas nesta seção, contudo, a devida atenção reflexiva sobre esta relação é dada pela pergunta abaixo.

Tabela 4 – Resposta dos alunos à pergunta “Os músicos ou cantores de sua preferência influenciam em seu estilo de vida?”

Influência	Frequência da Resposta	%
Sim	65	56
Não	51	44

Fonte: dados da pesquisa, 2016/2017.

No viés que me proponho, é muito difícil qualificar o conceito de estilo de vida, torna-se mais coerente apontar algumas reflexões teóricas que integradas, permitem analisar os dados em seu conjunto. Do mesmo modo, não há como escrever sobre estilo de vida sem recorrer às experiências concretas, as quais dão sentido à concepção teórica adotada. Assim sendo, a tabela a cima, leva a crer que a apreciação musical pode ser reverberada na produção dos estilos de vida, seja no sentido de apropriação específica de um gênero, que dá sustância as identidades. Como também, pela simples adoção de várias características expressivas de diferentes estilos musicais, já que o consumo cultural pela mídia pulverizou as interações juvenis. A intenção, não é eleger uma perspectiva musical e seus possíveis marcadores sociais para traçar os processos de identificação juvenil, mas elucidar, por meios reais, que há influência musical a partir dos artistas que são tomados pela juventude como verdadeiros ícones de vida.

Ao tratar sobre estilos de vida parto da interface entre algumas concepções sociológicas. Os estilos são encarregados de expressar as identidades individuais ou coletivas. No caso da juventude, as escolhas e gostos, sinalizam que os estilos são evocados cotidianamente pelos grupos juvenis para afirmar ou negar aspectos de identificação quanto a concepções, valores e regras. João Filho (2003, p. 73) pondera que “a noção de estilo de vida tem sido empregada, desde então, na sociologia, como ferramenta heurística para investigar o processo mediante o qual diferenças nas preferências culturais se tornam funcionais socialmente” seja no sentido de incluir ou excluir jovens de grupos socializadores, por causa de suas filiações culturais.

Também, Felix (2003) se apropria do conceito de estilo de vida para afirmar que o mesmo é responsável pelo modo como os jovens se relacionam no tempo e no espaço, através do consumo, levando-os a capacidade de expandir suas práticas cotidianas. A relação direta do estilo de vida com o consumo musical é notada pelo referido autor (2003, p. 55) ao afirmar que a “ideia mais coerente com o mercado seria a de alimentar e expandir uma serie de estilos, desse modo, toda expressividade individual estaria garantida na cultura do consumo [...]”. Em outras palavras,

a pluralidade de estilos musicais difundidos pelo consumo propicia a visibilidade dos diferentes modos de ser jovem. Todavia, essa visibilidade é usada para garantir o faturamento econômico, sem preocupação com as questões sociais envolvidas aos estilos. A pulverização na mídia dos estilos musicais como referência para a vida, não acontece em sua totalidade, pois para Felix (2003, p. 55 e 56), no “processo industrial, há uma fragmentação [...], em seguida, o aproveitamento de pedaços deslocados, que são reajuntados das mais diferentes maneiras, possibilitando uma infinidade de tipos de relações”.

Paralelamente, Catani e Gilioli (2008) asseguram, que, muito embora, aconteça a exposição midiática dos diferentes estilos juvenis – inclusive do jovem pobre e revolucionário –, esta situação é, na verdade, uma transformação deste estilo em produtos, vendidos em séries e filmes, sem consciência social sobre a representatividade do mesmo. Nesse ângulo, as autoras, continuam a reflexão indicando:

Ainda que o consumo cultural construa uma imagem positiva da juventude, a diversidade de condições sociais e econômicas nem sempre permite que os próprios jovens possam vivenciar as idealizações de que são objeto. A força da indústria cultural contribui de forma decisiva para uma série de exclusões e diferenciações entre as múltiplas condições juvenis (CATANI e GILIOLI, 2008, p. 20).

Frente aos apontamentos de Felix (2003) e Catani e Gilioli (2008), pode-se dizer que a relativização quanto à escuta de gêneros musicais pelo público desta pesquisa, pode também estar implicada nessa usabilidade fracionada e volátil dos estilos musicais pela indústria. Esta característica acaba gerando entre os jovens um processo de escuta musical diversificada e a identificação com vários marcadores sociais vinculados a tipos musicais diferentes.

Em contrapartida, os 44% que mencionaram não tomar para si as influências de cantores ou artistas musicais prediletos, pode, também, estar correlacionado ao fato já explicitado, ou seja, a escuta de estilos diversificados gerados pela volatilidade cultural. Paralelamente, não se pode esquecer que a influência acontece cotidianamente, desde as ações mais simplórias (gestos, pequenas gírias, compra de artefatos ou roupas) até aquelas mais complexas inscritas no comportamento, sendo para muitos jovens imperceptíveis tamanha influência.

Discutindo também a influência da indústria do entretenimento sobre os estilos e identidades, Penna (2014) afirma não ser de todo mal. Em uma de suas obras, relata que no mundo contemporâneo é proeminente analisar os avanços tecnológicos de comunicação sobre todos os ângulos, reconhecendo que há uma relação de poder desigual no consumo e trocas interativas entre os sujeitos. Por outro lado, Penna (2014, p. 102 e 103) escreve ser “essencial compreender o dinamismo do processo que não é linear nem mecânico [...]. Sem dúvidas a uma massificação e mercantilização na indústria cultural; no entanto, ao mesmo tempo, ela é também um espaço que da legitimidade a certas produções”. Tal legitimidade se expressa nas manifestações originadas de grupos juvenis populares. Ao passo que a fluidez do mundo virtual divulga as diferentes preferências musicais independentes da classe social, as formas capitalistas de rentabilidade, o que é o caso da indústria do entretenimento, se apropria das identidades e estilos musicais, difundindo-os de modo comercializador, anulando as questões sociais que estão por trás das manifestações artísticas.

Desse modo é evidente que o processo não é tão simples quanto os defensores da homogeneização apresentam, existem contradições internas oriundas da globalização que merecem serem objetos de estudo. Nesse meio consiste as diversidades de práticas culturais que dialogam e se interconectam de inúmeras formas, explicando o fato de que as preferências musicais e acesso aos bens de consumo de jovens rurais sertanejos não estão em função da demarcação territorial. Sendo assim, as concepções difundidas por Penna (2014) revelam que:

A articulação do local e global coloca em xeque os critérios que estabelecem uma relação fixa entre determinadas manifestações culturais e certas bases territoriais, sejam essas nacionais ou regionais, pois os processos de hibridização são constantes e marcam praticamente todas as manifestações culturais e artísticas da contemporaneidade, em maior ou menor grau. (PENNA, 2014, 105).

Após a problematização dos conflitos e articulações envolta as expressividades culturais diante o cenário industrial, foi de meu interesse identificar as possíveis associações entre a música e a escolarização, na intenção de perceber a presença da escola nas experiências musicais da juventude. As próximas tabelas estão direcionadas as referidas questões.

Tabela 3 – Resposta dos alunos à pergunta “Quais atividades musicais têm em sua escola?”

Atividades de música na escola	Frequência da resposta	%
Banda	63	54,3
Coro	0	0
Canto	2	1,7
Instrumento	12	10,3
Performance	3	2,6
Outros	1	0,9
Nenhum	35	30,2
Abstenção de resposta	8	6,9

Fonte: dados da pesquisa, 2016/2017.

Ter um olhar sensível e cauteloso sobre os dados requer horas de leitura, escrita e reescrita das reflexões. Além disso, é árdua a tarefa de organizar e categorizar os dados de modo que dialoguem entre si e com o referencial teórico, é o caso da tabela 3. Apesar de alguns indicativos de atividades musicais, os momentos de observação em campo, revelaram a inexistência de atividades ofertadas propriamente pela Instituição.

A banda, destaque entre as respostas, corresponde a uma iniciativa privada de sete estudantes de turmas do 2º e 3º ano do médio, especificamente dos turnos matutino e vespertino, surgida após números artísticos em projetos de disciplinas, configurando-se enquanto desdobramento para além da sala de aula, proporcionando outras experiências em ambiente escolar. Nesse aspecto, puderam contar com a colaboração da direção, a qual, prontamente dispôs o espaço da escola para que os jovens pudessem realizar seus ensaios.

Nos dias que estive em observação de campo, pude acompanhar algumas situações de atuação da banda. Numa terça-feira do mês de maio de 2017, a banda havia afixado nos murais localizados nos corredores da escola, com a concordância da direção, um comunicado para seleção de vocalistas. Nesse dia, a agitação dos integrantes da banda e das possíveis candidatas tomavam os corredores da escola. A direção havia acordado com os jovens a realização das audições durante o intervalo para não prejudicar a rotina das aulas, mas por indisponibilidade de espaços silenciosos, não foi possível.

Mesmo ultrapassando o horário planejado para as audições, a direção concordou que os membros da banda se ausentassem da aula a ser ocorrida após o intervalo e fizessem a seleção dos candidatos no pátio da escola. A oportunidade de participar desse momento permitiu verificar

o comprometimento com o projeto que ainda estava se consolidando. Um dos questionamentos feitos aos concorrentes “Você acha que pode assumir a responsabilidade de ser vocalista da banda?” fez recordar as leituras de Groppo (2000) quando aponta o amadurecimento juvenil enquanto fase de conflitos e aprendizagem, onde os jovens gradativamente tornam-se responsáveis pelos seus projetos de vida. Desse modo, as reflexões assinaladas, ampliam o horizonte perceptivo sobre a juventude e os sentidos atribuídos ao termo responsabilidade, que se relativiza frente às práticas consideradas importantes pelos jovens.

Apesar de 54,3% dos respondentes reconhecerem a banda como atividade musical desenvolvida na escola, não havia envolvimento direto do corpo discente. Durante as audições não foi possível os estudantes assistirem, primeiro, porque ocorreu em momento de aula, segundo, a banda preferiu uma situação mais reservada. Ainda assim, no decorrer do intervalo não consegui notar diferença nas interações, no que tange a formação de torcidas pelas concorrentes a vocalista, tensões ou comentários sobre as audições que aconteceriam naquele dia. Aparentemente, a banda não pertencia às experiências escolares dos demais estudantes, seja no sentido de propagar nos corredores e pátio da escola a preferência por membros do grupo, ou acompanhar a trajetória das atuações destes, como: conhecer os estilos musicais tocados ou nome da banda.

Poucos minutos antes da audição, fui apresentada a banda pela diretora, a qual, prontamente me convidou a assistir a audição. Durante a cena, foram reveladas negociações e tensões entre os membros, uma vez que, após apresentação das candidatas, a banda, representada como júri, reuniu-se para escolher a vencedora. Neste momento, os jovens músicos estiveram divididos por suas preferências, no quesito de desenvoltura de palco, timbre vocal e acessibilidade das jovens em participarem dos ensaios aos domingos, quesito este que pesou bastante na hora da escolha. Uma das concorrentes era residente de um povoado, impossibilitada de comparecer aos ensaios no final de semana por falta de transporte. Além dos requisitos já mencionados, a dificuldade enfrentada por esta jovem foi decisiva para que o júri optasse pela segunda concorrente. Esta cena reforça a defesa já construída neste relatório quanto à prioridade em integralizar as experiências de sala a outros contextos da escola.

O *know-how* exclusivo do fazer musical, seja no sentido de manipulação da voz e instrumento requer processo de aprendizagem sobre determinados aspectos teóricos da linguagem referida, e que nesse cenário, somente os instrumentistas portavam, por obter formação musical

junto à orquestra da cidade. As experiências com a música de modo mais formativo ocasionaram certos conflitos entre os membros devido a pontos de vista diferenciados, principalmente com os vocalistas já integrados, que diferente dos instrumentistas não tinham acesso a uma formação mais específica em relação à música.

Outros momentos da banda que tive oportunidade de acompanhar foram os ensaios, os quais ocorriam às 08h dos domingos na biblioteca da escola. Em verdade, tornar o local de leitura também ambiente de interação musical faz recordar as considerações de Dayrell (2001) quando declara que os espaços da escola estão, constantemente, sendo reinventados tanto pelos responsáveis da educação – professores, coordenação e direção – como pelos estudantes. Tais rearranjos estão fomentados pela própria dinâmica interativa entre os estudantes, como pela falta de espaços alternativos para atividades culturais.

No que tange às preferências musicais, as mesmas estavam bastante demarcadas na banda por meio de negociações estabelecidas entre os membros. Enquanto eu lia o repertório que eles construíram de releituras de música brasileira e internacional, bem como, observando as características estéticas, ficou evidente a pluralidade que circundava os gostos dos jovens. Havia um vocalista que seu timbre, seu corte de cabelo e vestuário, denunciava afinidade ao estilo sertanejo. Um instrumentista com afinidade para o rock, mesmo não tendo marcas estéticas visíveis, mas com a guitarra afinada neste estilo. Outro jovem, com marcadores estéticos e linguajar que sinalizava os ritmos pop de Anita, Rihhana, e outros artistas. A diversidade musical representada pelos jovens reflete a possibilidade de interação entre expressividades musicais diferentes dentro da escola, de maneira negociável e outras vezes conflitante.

Por isso, as negociações nem sempre foram possíveis, vindo à tona os conflitos. Estes foram evidentes nas seguintes situações: enquanto parte do grupo estava na escola no horário definido para o ensaio, havia aqueles que retardavam o processo por não comparecerem no horário acertado. Também, os jovens vivenciavam conflitos entre si, no que se refere ao fazer musical mais elaborado dos instrumentistas por suas aulas de teoria musical junto à orquestra da cidade. As escolhas musicais não os agradavam frequentemente, devido à dificuldade em harmonizar o instrumento ao estilo musical, ou transpor o tom para que os vocalistas pudessem cantar. Quando tornei a procurar a banda, eles haviam interrompido os ensaios devido à saída de dois instrumentistas, o que me permitiu somente o acompanhamento de dois ensaios durante minha presença em campo. Os fatos exemplificam as discussões até o momento pronunciadas,

em especial a Hall (2014), pois as preferências ou compreensões teóricas sobre música são sistemas simbólicos de classificação, significativo nas identidades juvenis, determinando posicionamentos que levam a atitudes de rejeição ou negociação ao diferente. Em específico a banda, parafraseando Penna (2014), a leitura e escrita do fazer musical serviram mais como mecanismo de rejeição e exclusão.

Dando continuidade às reflexões analíticas sobre a escolarização e sua articulação com as experiências musicais, as próximas tabelas revelam de modo mais direto quais os espaços da escola destinados escuta musical.

Tabela 2 – Resposta dos alunos à pergunta “Em que momento você costuma ouvir música na escola?”

Momentos para ouvir música na escola	Frequência da resposta	%
Intervalo	31	26,7
Sala de aula	8	6,9
Hora de entrada	9	7,8
Hora de saída	27	23,3
Outros	7	6,0
Nenhum	61	52,6

Fonte: dados pessoais, 2016/2017.

No que diz respeito ao espaço concreto da escola, fator elementar para operacionalização das interações juvenis, trago as considerações de Dayrell (2001, p. 144) para quem a escola é polissêmica, pois leva em “conta que seus espaços, seus tempos [...] podem estar sendo significados de forma diferenciada, tanto pelos alunos, quanto pelos professores”. Tomando os alunos como sujeitos da investigação, na tabela 2, fica claro o espaço e tempo escolar mais significativo nas interações juvenis. Apesar de 45,7% dos respondentes não ouvirem música na escola, 26,7% afirmam utilizar o intervalo realizado no pátio para ouvir música. Nessas ocasiões, os agrupamentos juvenis são mais visíveis e frequentemente os jovens compartilham seus fones de ouvido e biblioteca musical portada nos celulares, situação verificada no período que estive em campo.

Dayrell (2001) também informa que junto ao pátio, outros espaços, como os corredores, são apropriados pelos jovens, que os transformam em:

[...] local da transgressão, onde ficam escondidos aqueles que "matam" aulas. O pátio do meio é ressignificado como local do namoro. É a própria força transformadora do uso efetivo sobre a imposição restritiva dos regulamentos. Fica evidente que essa ressignificação do espaço, levada a efeito pelos alunos, expressa sua compreensão da escola e das relações, com ênfase na valorização da dimensão do encontro. (DAYRELL, 2001, p. 147).

A ressignificação foi notada no *lócus* de observação, em situações como o uso dos corredores de entrada e saída da escola, os bancos próximos à sala de informática, servindo como *point* de encontro para grupos juvenis que procuravam afastar-se do ambiente mais tumultuoso, o pátio. Nesses momentos, os diálogos transitavam sobre diversos conteúdos, além da presença marcante dos celulares, como veículo de interação entre os jovens.

Na tabela 2, há outro dado significativo, o qual diz respeito à presença mínima da música em sala de aula, registrada em 6,9%. A luz dos escritos de Subtil (2011), o respectivo fato pode estar relacionado à compreensão dos jovens, sobre o espaço doméstico e os de lazer constituírem os locais propícios à aprendizagem musical, donde a escola é omissa, por assumir postura contrária aos gostos difundidos em tais âmbitos de socialização.

A música de dentro deve ser educativa, cultural porque a de fora é besterenta tem muito palavrão, não ensina e até ensina coisas erradas. E a síntese é a de que não tem que ter música na escola. Com isso aceitam hinos orações, canções folclóricas e até músicas bastante infantis como sendo adequadas e negam as canções midiáticas e as músicas populares/massivas que todos cantam e dançam. No entanto, as observações evidenciam uma contradição quando nos horários alternativos, nos recreios, entrada e saída cantam dançam e repetem com muito prazer os hits do momento (besterentos e com palavrões!). (SUBTIL, 2011, p. 186).

Por outro lado, é válido considerar que a persistência juvenil em expressar seus gostos musicais dentro da escola, tem fragilizado às concepções homogêneas e inflexíveis sobre os elementos cabíveis a participação no processo de aprendizagem. Apesar dos entraves, paulatinamente é possível verificar o surgimento de uma aceitação a diversificação musical. Arrazoando como professora, atualmente, em situações esporádicas, a exemplo das festividades (feiras culturais, dia do estudante e etc.) promovidas pela escola, há uma ampliação das músicas

tocadas, em especial aquelas que agradam aos jovens estudantes. Nesse sentido, abrir-se as canções não anula o caráter formativo da escola, pelo contrário, utilizar as práticas musicais em favor da qualificação das relações escolares, pode gerar aprendizagens mais significativas, tendo em vista o reconhecimento dos jovens como sujeitos ativos. Em sala de aula, os professores poderão aproveitar as expressividades para trabalhar temáticas sociais, culturais, históricas, linguísticas, literárias, artísticas, geográficas e tantas outras, quais permeiam qualquer estilo musical. No decorrer do processo, poderá ser ampliada a percepção sonora dos jovens proporcionando o acesso a outros gostos musicais.

Tendo em conta os dados da tabela 2, exposta acima, quando 6,9% dos respondentes reiteram a presença da música em sala de aula, foi curioso identificar em quais disciplinas essa situação se verifica:

Tabela 1 – Resposta dos alunos à pergunta “Em quais disciplinas a música é utilizada nas atividades em sala?”

Disciplinas	Frequência da resposta	%
Química	1	0,9
Física	1	0,9
Sociologia	2	1,7
História	3	2,6
Matemática	5	4,3
Educação física	5	4,3
Literatura	10	8,6
Português	11	9,5
Geografia	19	16,4
Nenhuma	30	28,9
Artes	82	70,7

Fonte: dados da pesquisa, 2016/2017.

A disciplina de Artes destaca-se, com 70,7% de indicação, seguida pela disciplina de geografia, com 16,4%, português com 9,5%, e assim, sucessivamente. Muito embora a música apareça no contexto da sala, no decorrer das atividades em campo os jovens retrucaram sobre a mínima abertura na produção de seus trabalhos escolares com música. Geralmente os professores limitam os trabalhos a construções de paródias, envolvendo aprendizagem de conceitos disciplinares. Nesse sentido, não é à toa que 28,9 % pontuam a inexistência de experiências musicais em sala de aula. Os números sinalizam que a escola de um modo geral possui tempo e espaço rígidos, doutrinados por regras que sobreviveram historicamente, sendo ressignificadas de

acordo com cada período da sociedade, a fim de manter a ordem e controle sobre as atuações dos estudantes.

Essa situação também foi observada numa esporádica atividade de música realizada pela disciplina de Artes. A atividade foi organizada em dois momentos: o primeiro caracterizava-se na produção de instrumentos de percussão e sopro com materiais recicláveis, construídos em espaços de preferência dos alunos, já que a aula de Artes é de 40 minutos, não sendo possível a realização em sala. Após a elaboração dos instrumentos escolhidos pela professora para os alunos, esses foram convidados a levá-los a aula. Na ocasião, os estudantes foram distribuídos em grupos de acordo com o instrumento produzido, cada grupo direcionou-se a frente da sala atendendo ao chamado da professora, a qual solicitou de cada membro do grupo a emissão do som do instrumento, bem como expor os materiais utilizados na preparação dos mesmos. Depois das apresentações a professora deixou-os à vontade para que manuseassem os instrumentos livremente na tentativa de propor situações mais autônomas.

Os jovens não souberam lidar com a liberdade viabilizada pela professora, pois não foi possível conter os ânimos no uso dos instrumentos. Além disso, o manejo com os celulares implicou em registros da cena. Vale lembrar que esse recurso eletrônico é expressamente proibido em sala, com advertências em placas espalhadas pela escola, alertando os jovens a evitarem o uso de seus celulares e fones nos momentos de aprendizagem. Apesar disso, foi notória a utilização desses aparelhos em outras situações, os jovens contaram a criação de estratégias para que não fossem pegos em flagrante na sala de aula. Exemplo: olhar as redes sociais com o celular embaixo da mesa, cabelos soltos no caso das meninas para que os fones não fossem identificados.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), especificamente no volume II, referente às linguagens, pressupõe que a disciplina de Artes tem por objetivo, ofertar experiências formativas em música, dança, artes visuais e teatro, a partir de uma relação intrínseca entre as referências culturais dos jovens e o conhecimento técnico sobre as artes, a serem apreendidos de maneira autônoma e coesa. Todavia, o cenário pesquisado, evidencia uma disparidade com as orientações dos PCNEM (BRASIL, 2000), no que tange a esta oferta, já que a atividade apontada frisou a construção e execução dos instrumentos, sem a contextualização dos mesmos aos processos culturais dos quais fazem parte.

Corroborando com as prerrogativas legais, Penna (2014, p. 93), considera que à usabilidade da música nas práticas pedagógicas devem tomar “como ponto de partida a vivência do aluno, sua relação com a música popular e com a indústria cultural, buscando ampliar o alcance e a qualidade de sua experiência estético-musical”. Sendo assim, uma concepção reflexível sobre a música no ambiente educativo é capaz de acolher as diferentes manifestações identitárias, tornando-se mais produtivo um trabalho cujas bases estão fincadas na realidade dos jovens atendidos.

Ao mesmo tempo, é de fundamental importância, fomentar que a disciplina de Artes, não compreende a profissionalização artística, mas, é responsável por disponibilizar aos jovens as múltiplas vertentes culturais, ampliando a sensibilidade e senso crítico sobre a intencionalidade das artes nas interações sociais. Nesse sentido, é elementar o princípio de que:

[...] nas aulas de Arte, os alunos de Ensino Médio, ao darem continuidade ao seu aprendizado de fazer produtos em linguagens artísticas, podem aperfeiçoar seus modos de elaborar ideias e emoções, de maneira sensível, imaginativa, estética, tornando-as presentes em seus trabalhos de música, artes visuais, dança, teatro. A partir das culturas vividas com essas linguagens no seu meio sociocultural e integrando outros estudos, pesquisas, confrontando opiniões, refletindo sobre seus trabalhos artísticos, os alunos vão adquirindo competências que se estendem para outras produções ao longo de sua vida com a arte, (PCNEM, 2000, p. 51).

No trilhar das proposições analíticas, também é preponderante acentuar que as atividades relacionadas às artes e culturas, aparecem na educação básica como tema transversal, podendo ser trabalhado em acordo com as demais disciplinas do currículo. Assim, mesmo sendo de maneira pontual, não é coerente omitir a passagem da música no contexto da pesquisa, se for considerado os índices expostos na tabela 1: 9,5% em português, 4,3% em matemática, 0,9% em química, 0,9% em física, 2,6% em história, 16,4% em geografia, 8,6% em literatura, 1,7% em sociologia, 70,7% em artes, 4,3% em educação física. Entretanto, para que ações musicais de maneira transversal tenham melhores resultados é interessante à promoção do fazer artístico e a valorização da criatividade juvenil, conforme salienta Viana (2014):

Seria bastante rico se os estudantes de Ensino Médio encontrassem na escola, abordagens e leituras diferentes de artes a fim de mesclá-las com suas produções autorais e independentes e que elas pudessem ser relacionadas e integradas a outros campos de conhecimento já legitimados. O fato é que os jovens ligados às diversas expressões culturais, nem sempre encontram na escola suportes conceituais, técnicos e infraestrutura necessários para expandi-las efetivamente, (VIANA, 2014, p. 254).

A influência dessa abordagem sobre o currículo possibilita afirmar que os temas transversais devem atravessar todas as disciplinas, estabelecendo relações proveitosas entre o conhecimento teórico e a vida real. Para Penna (2017), atividades que fogem a esta perspectiva, de modo algum resultará em momentos de grande apreciação e valorização por parte dos estudantes, apenas serão enxergadas como trabalhos escolares “chatos” que são obrigados a cumprir.

Sob mesmo fundamento, é oportuno dizer que a desarticulação existente entre as expressividades culturais dos jovens e o conhecimento escolar, pode ser justificada também pela redução da educação e seus processos a obtenção de resultados quantitativos. Nesse modelo, o ensino é caracterizado pela reprodução do conteúdo e a aprendizagem pela assimilação do mesmo, cuja verificação é obtida em notas. As origens sociais e interações oriundas dos diversos ambientes em que transitam os jovens são invisibilizados quando enquadrados no perfil de aluno desejável, reduzindo os conflitos vivenciados na escola a problemas de ordem cognitiva e comportamental. As contradições entre a cultura escolar e as culturas juvenis, são reflexões elucidadas por Dayrell (2001), ao descrever a escola.

[...] como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, [...] e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. (DAYRELL, 2001, p. 137).

Visibilizar as tensões é reconhecer a escola como campo de luta cultural, cuja gestão do trabalho escolar está pautada segundo Dayrell (2001, 140) na “diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções,

desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios”. Sposito (2003, p. 215), semelhantemente é bastante incisiva ao fomentar que nessa conjuntura é fundamental “reconhecer que elementos não escolares penetram, conformam e são criados no interior da instituição e merecem, por sua vez, também ser investigados”. Frente às proposições, o perfil juvenil apresentado nessa seção responde as orientações de Dayrell (2001) e Sposito (2003), expondo uma reflexão quanti-qualitativa sobre a música como elemento que articula e tenciona experiências rotineiras ao processo de escolarização, desestabilizando pressupostos metodológicos convencionais, frente ao diverso amplamente introduzido na escola. Contudo, tal introdução não acontece de modo silencioso, pois as múltiplas formas de vivenciar a condição juvenil, provocadas – dentre tantas outras influências – pela multiplicidade de estilos musicais, utilizam os ambientes públicos, como a escola, para revelar suas identidades plurais e ao mesmo tempo fragmentadas.

Nesse cenário são prudentes as colocações de Viana (2014), ao indicar que somente pautada numa concepção de educação mais crítica, a escola, será capaz de ofertar uma aprendizagem contextualizada e aproximada aos grupos juvenis não legitimados. Porquanto, a próxima subseção se debruça sobre este público, representado pelos jovens rurais sertanejos de Alagoas, dando continuidade às análises sobre suas experiências escolares.

3.2. O QUE DIZEM OS JOVENS ESTUDANTES?

Atentar-se as vozes um tanto silenciadas nas pesquisas acadêmicas, consistiu em um dos motivos que impulsionaram a realização deste trabalho. Nesta empreitada, o curto período de dois anos de mestrado reafirmou meu compromisso docente, no sentido de ouvir aqueles, cuja formação escolar é também de minha responsabilidade. Na juventude, as vozes da diversidade sexual, racial, musical, entre tantas outras, têm sido suprimidas no processo educativo e poucos debates são gerados em sala a respeito destas questões. No âmbito rural a invisibilidade cultural, é, ainda, mais resistente quando no panorama de produções acadêmicas na seção I, especificamente ao debruçar-se sobre as temáticas geradoras de problemáticas investigativas, tem-se visto a predominância dos grandes centros urbanos como foco das pesquisas. Porquanto, continuando as reflexões analíticas, a partir dos teóricos estudados, a presente subseção é destinada à exposição das análises relacionadas ao segundo e terceiro objetivos específicos da pesquisa: identificar a presença da escola nas expressividades musicais dos jovens e analisar os

significados que estes atribuem à música e a escola no seu processo de construção social. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas coletivamente com dois grupos de jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio, sendo o primeiro com seis integrantes do turno matutino e o segundo com três integrantes do turno vespertino.

Relativo aos sujeitos foi notável a disposição em participar dos encontros aqueles que desenvolvem fora do contexto escolar práticas musicais. Claro que este momento não estipulou um perfil musical na intenção de selecionar os entrevistados, pelo contrário, o convite ocorreu de modo plural e aberto, tendo como único critério o máximo de oito jovens por grupo. Do total de participantes, quatro estavam envolvidos diretamente em atuações artísticas na cidade, fomentando discursos significativos a esta pesquisa, pois estes sujeitos vivenciam conflitos ainda mais veementes entre o gosto pela arte e as obrigações escolares. As perguntas que guiaram as entrevistas foram organizadas em três blocos temáticos articulados: juventude, música e escola, permitindo uma transcrição mais coesa, dando-me a possibilidade de encontrar de forma mais ágil, trechos das entrevistas que respondessem aos objetivos delimitados. No mais, é importante esclarecer que os sujeitos não serão considerados individualmente quando suas falas forem expostas em que pese o sigilo das identificações pessoais. Além disso, por ter sido realizada em grupo, as falas serão apresentadas da seguinte forma: grupo 1 e grupo 2.

Sob mesma proporção, é válido ressaltar os entraves que compuseram este momento e refletiram diretamente na obtenção dos dados. Além da presença mínima dos jovens que se dispuseram a participar das entrevistas, a timidez e desconforto frente uma situação normalmente incomum em seu cotidiano escolar, ou seja, ouvi-los sobre suas experiências e pontos de vista, repercutiram em falas pontuais. Apesar das dificuldades, os dados geraram análises significativas, que estão dispostas em duas categorias, sendo elas: **“eu quase todo tempo escuto música, menos na escola porque é proibido”**, e, **“quando a gente é bastante jovem, não tem aquela preocupação que temos agora no Ensino Médio”** [grifo nosso] selecionadas entre as falas dos entrevistados em função dos objetivos, proporcionando uma leitura mais coesa e compreensiva sobre o lugar das expressividades e representações das culturas juvenis na escola.

Voltar-se aos aspectos culturais da cotidianidade dos jovens, é princípio básico no rompimento com o pragmatismo disseminado nas instituições de educação, além de recoloca a juventude rural numa outra perspectiva, que defende a articulação juvenil de formas diversas de consciência, percepção e ação, através de seu tempo histórico, de suas trajetórias individuais e

coletivas. Neste quesito, promover estudos no viés proposto, corrobora na validação de tal articulação, cuja música revela os tramites e percalços enfrentados no processo.

Do mesmo modo, o Ensino Médio se mostra como momento de maior enfrentamento entre os jovens no que se refere às pressões familiares e sociais ao rumo profissional a ser tomado. As pressões provocam as mais distintas reações, como o próprio dilema entre apreciar a música como forma de alívio ou negá-la - em especial aqueles que participam de banda, orquestra ou coro - em favor de dispor mais tempos de estudos. Essas questões estão aprofundadas nas categorias analíticas abaixo, além de reafirmar as identidades assumidas pelos jovens em seu percurso formativo.

A primeira categoria analítica revela os encontros e desencontros da música e escola no último ciclo da educação básica.

3.2.1. “EU QUASE TODO TEMPO ESCUTO MÚSICA, MENOS NA ESCOLA PORQUE É PROIBIDO”

Escolhi a fala de um entrevistado para representar o primeiro bloco de discussão, balizando os conflitos vivenciados na escola, no que tange as expressividades musicais. No período em que estive em campo, ora a música aparecia como parte das interações escolares, ora marginalizada nesta conjuntura. Os conflitos permeados estiveram centrados no desejo em ouvir música livremente na escola, burlando a regra mais evidente: a restrição do celular e fone de ouvido em sala, tendo em vista, segundo a coordenação escolar, o quantitativo de estudantes alheios às atividades por estarem conectados em seus celulares nos momentos de aula.

Na quebra da regra algumas punições são tomadas, iniciadas em advertências verbais até a retenção do celular e fone pela direção escolar. Tal restrição é tomada pelos jovens como negação a liberdade de expressão, denunciados por eles como **proibição** [grifo nosso]. A frase, “é proibido ouvir música na escola”, esteve frequente durante o tempo que estive em campo.

Todavia, nas entrevistas, foi possível refletir de maneira mais aprofundada sobre tal regra, em que pese o reconhecimento dos jovens quanto o uso demasiado de alguns colegas, pondo em xeque a rotina em sala, sendo necessária a intervenção docente:

Não é que seja proibido, é porque o aluno também ele quer abusar, fica na hora da aula, entendeu? (**Grupo 2 – entrevista concedida em abril de 2017**).

Tem alguém ali que sempre extrapola e passa dos limites e atrapalhando os outros (**Grupo 2 – entrevista concedida em abril de 2017**).

Sempre tem aquelas pessoas que querem escutar música na hora da aula, aí se tivesse um tempo reservado, tipo aula de música, aí já não faria isso, porque, tipo a próxima aula já é aula de música. (**Grupo 1 – entrevista concedida em abril de 2017**).

Acho que seria legal, se a gente, tipo na hora do lanche, como tem em outras escolas particulares, lá no Ginásio, por exemplo, que lá no pátio onde ficam eles tem caixas de som espalhadas, onde eles podem ouvir na hora do intervalo, acho que seria muito melhor pra gente, né... Porque a gente vive nessa pressão de tipo, é intervalo, mas eu já tô pensando no que vou fazer na próxima aula, eu tenho que fazer trabalho, atividade que é muito constante e provas. E tipo se tivesse assim, na hora do intervalo, nossa hora mais descontraída de encontrar aqueles amigos que estudam em outras salas, se tivesse um pouco de música lá... Pelo menos uma caixinha! (**Grupo 1 – entrevista concedida em abril de 2017**)

Muito embora reconheçam a obrigação do tempo de estudos em sala de aula, os jovens assinalam a importância de existir na escola um momento reservado para a expressão musical. Os entrevistados entendem o respectivo tempo no sentido de ouvir o que gostam, ou seja, para descontração, com possibilidades de apresentações musicais em atividades escolares, alinhada a aprendizagem formal sobre música (história da música, aulas de canto e instrumentos). Estes momentos contribuiriam para minimizar os conflitos com as regras escolares, pois “se existisse curso de música na escola, influenciaria bem mais a vida social dos alunos” (**Grupo 2 – Entrevista concedida em abril de 2017**).

Tomando a influência social como quesito de análise, fica clara que para os jovens a escola desempenha atuação fundamental na condição de vida, no que se refere às oportunidades de conquista profissional. Outrora, não é negada a intervenção cultural – música, dança, vestuário, gênero, linguagem – da classe social sobre os modos de representação juvenil dentro das instituições de ensino, deixando evidente ao longo dos relatos obtidos pelos entrevistados, os conflitos quanto a homogeneização imposta pela cultura escolar, especialmente pelos uniformes e regras, bem como, a preocupação dos estudantes relativa à necessidade de fomentar estratégias musicais que valorizem suas expressividades, desestabilizando concepções estruturalistas sobre a juventude.

A lei 11. 768/2008 regulamenta este espaço dedicado à música no currículo escolar, orientando a promoção do desenvolvimento artístico nos estabelecimentos de ensino. Neste viés, a normatização torna a música conteúdo obrigatório, porém, não exclusivo da disciplina de artes, consentindo a escola autonomia no modo como a música será trabalhada. São poucos os contextos educacionais, cuja música é conteúdo elementar tanto quanto as demais disciplinas, com tempos específicos voltados ao ensino de aspectos teóricos e práticos. Em se tratando de maneira experiencial, no sentido de tornar público as formas de expressão musical, ainda, assim, são mínimas as atividades escolares, até mesmo na disciplina de artes. Este apontamento foi elencado pelos jovens, tanto nos questionários, como nas entrevistas:

[...] é uma coisa assim muito difícil, porque tipo a gente fica esperando quase que um ano inteiro para uma gincana que vai ter, onde a gente vai se reunir, vai cantar e tal... Daí a gente fica ansioso de antes, porque é o único momento que a gente tá mais presente com a música. **(Grupo 1 - Entrevista concedida em abril de 2017).**

A gincana consiste em atividade desenvolvida na disciplina de matemática, possibilitando aos jovens elaborar músicas com os conceitos matemáticos, além de expor suas habilidades artísticas em apresentações no decorrer do evento. O caráter pontual das atividades musicais leva a perceber a existência de certo distanciamento entre a escola e as experiências juvenis. Sem julgamentos, pode-se dizer a partir das reflexões bourdieusianas, que na lógica estrutural da sociedade, as instituições de educação básica têm assumido a função de enquadrar os jovens num determinado padrão de aluno, legitimando uma herança cultural em capital escolar, relegando em segundo plano os atributos experienciais das classes populares. Em suas palavras, Bourdieu (2015, p. 55) é categórico: “o capital cultural [...] concorrem para definir as condutas escolares [...] que constituem o princípio de eliminação diferencial das diferentes classes sociais”.

O problema exposto refere-se à escola como veículo de redução das desigualdades culturais, contudo, na realidade, a escola propaga à cultura dominante de forma impositiva. Para Bourdieu (2015, p. 61) “não recebendo de suas famílias nada que lhes possam servir em sua atividade escolar, a não ser uma espécie de boa vontade cultural vazia [...] são forçados a tudo esperar e a tudo receber da escola”. Neste cenário, a análise feita conduz a visibilização da condição reprodutivista dos estabelecimentos de ensino, favorecendo concepções equivocadas

sobre a neutralidade escolar.

Ao contrário, os espaços de educação deveriam privilegiar as diversidades, ampliando as percepções de vida através do conhecimento formativo e da problematização em sala sobre as linguagens artísticas, exteriorizadas nas identidades individuais e coletivas. Significaria dizer que a ampliação cultural dos jovens, esta relacionada ao comprometimento da educação pública frente às diferenças sociais, no sentido de reconhecer as origens, bem como o nível de acesso aos tipos musicais, formação artística, frequência a cinema e teatro e empreendimentos culturais de um modo geral. Sendo assim, as atividades pontuais e sem fins sociais no quesito de ampliação do conhecimento cultural nos estilos juvenis, servirão apenas:

[...] para disfarçar as desigualdades culturais que não conseguem reduzir realmente e, sobretudo, de maneira duradoura. Não, há, atalhos no caminho que leva às obras da cultura e os encontros artificialmente arranjados e diretamente provocados não têm futuro (BOURDIEU, 2015, p. 69).

Seguindo a referida linha de raciocínio, caberia além da utilização musical como instrumento pedagógico, a valorização dos aspectos envolvidos ao público juvenil atendido, por meio de atividades como shows, feiras literárias, saraus, festivais, cujas identidades musicais possam ser reveladas e conjuntamente trabalhadas em sala, favorecendo uma formação cultural robusta. Perante as discussões, seria preciso refletir até que ponto as DCNEM (BRASIL, 2013) estão efetivadas nas práticas pedagógicas, levando em consideração que:

A organização do Ensino Médio deve ofertar tempos e espaços próprios para estudos e atividades que permitam itinerários formativos opcionais diversificados, a fim de melhor responder a heterogeneidade e pluralidade de condições, múltiplos interesses e aspirações dos estudantes, com suas especificidades éticas, sociais e culturais, bem como sua fase de desenvolvimento (Art. 14, XI).

Estética da Sensibilidade, que deverá substituir a da repetição e padronização, estimulando a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, e a afetividade, bem como facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto e o imprevisível, acolher e conviver com a diversidade, valorizar a qualidade, a delicadeza, a sutileza, as formas lúdicas e alegóricas de conhecer o mundo e fazer do lazer, da sexualidade e da imaginação um exercício de liberdade responsável. (Art.3, I).

Ponderando as normatizações explicitadas, em que pese o acolhimento da pluralidade, evidencia-se na pesquisa uma descontinuidade entre o real e as DCNEM (BRASIL, 2013), como consequência, também, da marginalização sofrida pelos conteúdos artísticos dos jovens no processo de aprendizagem. Portanto, não há como negar a influência do capital cultural dominante como mecanismo que age impositivamente se sobrepondo aos mais frágeis no arcabouço curricular das escolas médias. Nesta conjuntura, tal imposição desemboca entre os jovens populares, o que comumente os professores chamam de fracasso escolar. Classificando a aprendizagem unicamente pela dimensão cognitiva, os jovens são os únicos responsáveis por seu desenvolvimento intelectual e participação na escola. Nogueira e Nogueira (2006) estudiosas da relação escola e cultura de classe, manifestam o infortúnio da seguinte maneira:

[...] sendo incapaz de perceber o caráter arbitrário e impositivo da cultura escolar, tenderia a atribuir suas dificuldades escolares a uma inferioridade que lhes seria inerente, definida em termos intelectuais (falta de inteligência) ou morais (fraqueza de vontade), (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2006, p. 88).

As desigualdades sancionadas pela escola, não são resultados somente da bagagem cultural limitada para receber o conjunto de códigos linguísticos e culturais, impregnados nas ações pedagógicas, contudo, está evidenciada também nas formas como as instituições de educação exigem de seus estudantes a relação com tais códigos. O episódio a seguir é prova desta reflexão, tanto no sentido de bagagem cultural, quanto no modo exigido de comportamento frente às normatizações escolares:

No início do ano teve umas boas vindas para os alunos, aí tinha uma bandinha lá e eu comecei a cantar uma música com eles. Aí eu fui cantar uma música dessas que está agora no momento né, só que aí mandaram eu parar de cantar **(Grupo 1 - entrevista concedida em abril de 2017)**.

Tendo em vista o relato e as argumentações analíticas formuladas a partir dos teóricos dispostos nesta categoria, não é imprudente limitar, quando preciso, a forma como a música é compartilhada dentro da escola, pois a letra cantada na referida cena segundo os jovens, vulgarizava o corpo feminino. A ideia defendida através das fundamentações, é politizar e

visibilizar as diversas perspectivas culturais. No cenário revelado, Silva (2014) acrescenta às discussões, afirmando que no processo de visibilização não se pode esquecer que as identidades de gênero, raciais, étnicas, locais e globais estão verbalizadas nos gostos musicais, desestabilizando as identidades fixas e binárias, ocultamente impregnadas nas concepções de educação. Silva (2014, p. 89) considera que os espaços de socialização, dentre eles a escola, estaria vivenciando um processo de hibridismo cultural, ou seja, o “cruzamento de fronteiras, [...], uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade”. Neste percurso, são oportunas as menções de Dayrell (2005) que pressupõe que as linguagens artísticas pesam significativamente no processo de formação dos jovens, pois são carregadas de interações afetivas e simbólicas, exteriorizadas nas características estéticas e emocionais, as quais revelam os jovens como indivíduos portadores de demandas e múltiplas identidades. Caberia a escola, conforme Dayrell (2005):

[...] contribuir na formação humana desses jovens, potencializando o que já trazem de experiências de vida. [...]. Acredito que é por meio desse diálogo que se pode fazer da escola um tempo mais humano, humanizador, esperança de uma vida menos inumana (DAYRELL, 2005, p. 17).

Considerando a reflexão, é pertinente afirmar que cada vez mais os jovens lançam mão das linguagens artísticas para se expressar e se colocar diante do mundo. É por meio das referências culturais - as quais balizam as linguagens artísticas - que os jovens assumem um papel de protagonistas, sendo atribuição da escola no decurso, fortalecer o protagonismo a partir da ampliação do repertório cultural juvenil. No entanto, o próprio Dayrell (2002, p. 133) indica que esta orientação não se efetiva na prática, pois “a escola se mostra distante não conseguindo entender nem responder às demandas que lhe são colocadas”. Os dados sobre o questionamento acerca dos espaços oportunos a experiências musicais na escola, indicados no perfil juvenil dos sujeitos desta pesquisa, é exemplo do distanciamento, quando 53% dos jovens afirmam não ouvir música na escola ou quando 28,9% afirmam não existir a usabilidade da música em sala de aula.

Sendo assim, apesar de se sentirem motivados em expor suas produções musicais, o interesse é constrangido quando os jovens chegam à escola, pois, este espaço ainda não consegue lidar com a diversidade de estilos e identidades visibilizadas por meio das músicas. Por isso, os

entrevistados, consideram que a música “não faz parte, porque se fizesse eles arrumariam mais estratégias para isso, é só de vez em quando. No ano só umas duas vezes”. (**Grupo 1- Entrevista concedida em abril de 2017**). Também, afirmaram que ao “invés de aproximar o aluno mais da música, acaba afastando”, (**Grupo 2 – Entrevista concedida em abril de 2017**), quando não promove atividades artísticas.

Está claro que a escola é lugar de conflitos e tensões entre as regras de convívio e as expressividades juvenis, todavia, este acontecimento tende também a ocorrer no nível dos agrupamentos presentes nos estabelecimentos de ensino, quais se utilizam da música para demarcar território, resistir às regras ou classificar os outros, sejam eles colegas ou professores:

[...] nós temos uma professora de física, ela gosta de rock, o estilo dela dá pra perceber que é rockeira [...], (**Grupo 1- entrevista concedida em abril de 2017**).

Quem gosta de forró fica quase o tempo todo dançando e requebrando na escola, (**Grupo 1 - entrevista concedida em abril de 2017**).

Tudo rebelde ((risos)) já ficam mais marcados na hora de um problema na escola, (**Grupo 1 - entrevista concedida em abril de 2017**).

Em alusão às falas, vale mencionar que a pesquisa reconhece a influência musical sobre as identidades, perpassando a juventude e atingindo em larga escala outros contextos de vida, em que pese os olhares juvenis sobre seus professores. Neste cenário, Arroyo (2014) entende que os professores, assim como seus alunos, não são sujeitos rasos ou vazios, mas, incorporam em sua profissão as condições sociais quais estão submetidos:

Avança a consciência de que tanto os mestres quanto os seus alunos têm direito a se saber, que as experiências sociais vividas como coletivos sejam interpretadas e que suas indignações – sobre sua condição docente e sua condição juvenil, suas histórias como membros de coletivos sociais, raciais, de gênero, de campo, como trabalhadores, produtores de cultura etc. – sejam aprofundadas nos conhecimentos curriculares do Ensino Médio (ARROYO, 2014, p.55)

Aprofundando a vertente de Arroyo (2014), caberia o reconhecimento das experiências sociais dos professores e jovens alunos, garantindo o direito de expressar seus modos de pensar, seus conhecimentos de mundo, suas interações culturais, sendo de fundamental importância colocar tais situações em diálogo com os conhecimentos disciplinares. Em especial ao público juvenil, alinhar suas interações culturais ao conhecimento escolar, não tende a ser uma tarefa fácil, quando seus agrupamentos são classificados, segundo Machado Pais (2006), como culturas performativas, ou seja, aqueles que não se enquadram as prescrições identitárias impostas pela sociedade. Neste viés, as culturas juvenis encontram na música a ousadia de ultrapassar os limites fixados, gerando performatividades ritualizadas no cotidiano, nos encontros de lazer, na escola, nas praças, transformando espaços físicos em espaços de socialização. Exemplo de performatividade conforme Machado Pais (1930, p. 100), são os estilos de vida, “meio de afirmação e de diferenciação de *status*. [...] apresentam-se como um fenômeno de comunicação que envolve formas concretas [...] de hábitos, posturas, vestimentas e gestos, de maneira intencional, numa lógica de significação”.

Carrano e Marins (2007, p. 39) sustentam as afirmações de Machado Pais (1930) ao distinguir tais performatividades como “resultado de formas específicas que cada grupo encontra para resistir aos padrões sociais excludentes e como forma de expressar suas identidades, de chamar a atenção para seus problemas e necessidades”. Em outras palavras é possível entender as culturas juvenis como sociabilidades que narram às incertezas e descontentamentos dos jovens perante os julgamentos a eles impostos. Este aprofundamento analítico foi perceptível nas ponderações feitas pelos entrevistados, ao se colocarem como sujeitos estigmatizados pela sociedade:

Na sociedade de hoje acho que nem importa muito que a gente vai escuta, por que qualquer coisa que a gente faça, eles levam para o lado ruim, lado do preconceito. A gente tá vivendo em uma sociedade em que tudo é intolerante. Qualquer coisa que a gente faça a gente já é julgado, **(Grupo 2 – entrevista concedida em abril de 2017)**.

Tomo as considerações de Machado Pais (1993) para ampliar as percepções sobre o relato acima, o qual ilustra:

As redes grupais juvenis e as práticas culturais que lhes correspondem poderão ser consideradas produto de determinações estruturais, mas também efeito de problemas sociais que afetam alguns jovens e que repousam em diferentes interpretações que os jovens fazem dos constrangimentos sociais a que se encontram sujeitos. (MACHADO PAIS, 1993, p. 92).

Ante a situação declarada, o agir coletivamente repousa sobre os jovens a sensação de integração e partilha dos constrangimentos vivenciados, fortalecendo a busca incessante pela emancipação das identidades. De acordo com Carrano e Martins (2007, p. 39) “para além do aluno quase silenciado, há um jovem querendo se expressar. É preciso cuidar para desmontar as pré-noções e representações dominantes sobre aquilo que julgamos ser o jovem e a juventude” dentro da escola. Assim, tomando como referência essas proposições, destaco que a compreensão da realidade educacional dos jovens delmirenses, pauta-se no entendimento de que a relação entre juventude e escola não se explica em si mesma, conforme Dayrell e Carrano (2014):

[...] o “problema” não se reduz nem apenas aos jovens nem apenas à escola e aos seus professores. É fundamental superar nossa tendência em achar “o culpado” de um relacionamento problemático. Seria ilusório acreditar que assim estaríamos enfrentando a complexidade dos desafios cotidianos. Não podemos esquecer que a instituição escolar e os atores que lhe dão vida, professores, alunos, gestores, funcionários, familiares, dentre outros, são parte integrante da sociedade e expressam, de alguma forma, os problemas e desafios sociais mais amplos. (DAYRELL E CARRANO, 2014, p. 103).

Sob este princípio, ao mesmo tempo, que estão traduzidos em ofícios próprios dentro da escola, os jovens estão carregados de vivências exteriores que não podem ser ignoradas. No desafio de estreitar os laços entre os jovens e a escola, não é aceitável excluir a responsabilidade das políticas públicas, tão pouco, figurar o professor numa perspectiva salvacionista, pois, este também é vulnerável as condições materiais e muitas vezes formativas, no que tange a promoção de trabalhos artísticos. No entanto, o professor em sua rotina de sala de aula e nos limites de sua realidade, pode conduzir os jovens, de fato, a verdadeira emancipação cultural, como aponta Corti (2014):

Se o professor estiver atento à cultura dos alunos, buscando compreendê-la, poderá auxiliá-los a se prevenirem quanto aos seus efeitos futuros. Os alunos podem estar agindo no presente em nome da liberdade e da autonomia, mas como os feitos das nossas ações não dependem das nossas intenções, elas podem ter como resultado um aprisionamento ainda maior, ao invés de libertação. Tornar os alunos mais conscientes dos possíveis efeitos de suas atitudes pode ser uma tarefa verdadeiramente emancipatória. (CORTI, 2014, p. 319).

Estar atento aos modos de vivenciar a condição juvenil pode recolocar estes sujeitos como atores de seus processos de aprendizagem, que repercutira em novos sentidos para escola, geralmente encarrada pelos jovens como lugar chato, desanimador e reprimidor de suas identidades. É fundamental, também, estender tal responsabilidade a coordenação e direção escolar, que estão à frente do gerenciamento do estabelecimento de ensino. Ora, tal atenção foi cobrada pelos jovens entrevistados, quando afirmaram ser a música veículo de expressividade essencial à rotina escolar. Neste momento, utilizaram como exemplo a banda musical formada por seus colegas: “A banda mesmo tá um descaso, se fosse à escola que tivesse organizando a banda [pausa]. Tipo assim criasse vários cursos, e depois reunissem os jovens para formar a banda seria mais legal”. (**Grupo 2 – entrevista concedida em abril de 2017**).

Particularmente, neste grupo havia dois jovens que participaram da banda, porém, optaram por desvincular-se do referido projeto musical, devido à falta de articulação entre os membros, que não respeitavam horários de ensaios, além de constantes desentendimentos entre aqueles que possuíam um conhecimento mais aprimorado sobre a música e aqueles que não possuíam. Para os jovens, a escola seria primordial neste projeto, pois, além de formalizar a prática musical na instituição, estaria minimizando os conflitos. Portanto, percebe-se a contradição que paira entre os sujeitos desta pesquisa, ao passo que desafiam as regras escolares – frequentemente expostas com frases: eu escuto música apesar das regras, eu sou ousado, eu gosto de desafiar – os jovens apoiam-se na normatividade, quando sentem a necessidade de intervenções exteriores.

Outro fator de destaque consiste na mobilidade radicalizadora dos jovens para serem reconhecidos como agentes sociais. Nessa conjuntura, as interpretações segregadoras para classificar as atitudes juvenis, exemplo, delinquentes, rebeldes e desviantes, é consequência da estrutura objetiva que os sucedem diariamente. Se os jovens não se esforçam para contornar os obstáculos envolvidos a introjeção da estrutura, corre mesmo o risco de serem apontados como problema social. Contrário a este discurso, Machado Pais (1993, p. 35), elucida que a “juventude

constitui-se de certa maneira, como laboratório ou cenário de mudanças”, sendo a escola mediadora deste percurso tão sinuoso, estabelecendo um diálogo entre a educação escolar e não escolar. O autor segue em suas reflexões, presumindo a urgência de entrelaçamento de tais unidades para promoção de espaços educativos fluidos e contextualizados, cujas filiações distintas tenham oportunidades igualitárias de ensino qualitativo, desconstruindo o imaginário juvenil como problema social.

Frente às reflexões elencadas, as análises promovidas sobre os dilemas juvenis partem de um contexto rural do sertão de Alagoas, validando a teoria de que novos referenciais culturais influenciam na construção das identidades rurais. Alguns referenciais encontrados no decorrer da pesquisa estiveram centrados na usabilidade das mídias digitais, colaboradoras da diversificação dos gostos e estilos de vida, comprovando a defesa de Bourdieu (2015) que as preferências culturais estão inscritas nas vivências sociais, desenvolvendo-se gradualmente a partir dos contextos transitados e da familiarização com bens simbólicos. Outros elementos que comprovam as novas identidades rurais incidiram na ampliação da escolarização básica, alinhada a implantação do campus universitário no sertão alagoano, permitindo aos sujeitos novos ideais e experiências.

Na vertente proposta, é necessário olhar a educação de maneira humanizadora, pois, por piores que sejam as condições sociais, elas não determinam a formação dos jovens, se a escola estiver comprometida com seu trabalho e aberta às expressividades culturais de seus alunos e ampliando o fazer artístico. Dayrell (2002), em uma pesquisa sobre a atuação musical de jovens *funkeiros* e *rappers*, descreve o quanto os jovens músicos sentiam-se desanimados em permanecer na escola, quando o respectivo espaço não oportunizava a participação juvenil, além de dispor de julgamento de valores pelo modo como eles se vestiam e pensavam a respeito da sociedade. O desânimo também foi fator percebido no conjunto dos dados obtidos nesta investigação, quando os jovens expuseram as mínimas oportunidades de correlacionar suas apreciações musicais às práticas de escolarização. “É só dever, dever toda hora”; “instrumento musical pode só pra fazer trabalho mesmo”; “tem, acho que uns três violões lá, só que esse ano tá mais rígido, né! Porque, tipo já pedi várias vezes e eles não me deram” (**Grupo 1 – entrevista concedida em abril de 2017**).

Segundo os entrevistados, os violões, não se encontram em bom estado devido à fragilidade do material, associado a não uso. Ora, algumas hipóteses podem ser tomadas para

justificar a rigidez referente ao manuseio do instrumento musical na escola. Primeiramente, a preocupação quanto à preservação dos mesmos, já que a direção informou sobre a formulação de um projeto musical voltado aos estudantes, no sentido de atender os fazeres artísticos, ofertando atividades musicais. Infelizmente não tive muitas informações sobre o projeto, pois, ainda estava sendo elaborado, e segundo a direção, ao seu término, o enviariam ao meu e-mail para que eu pudesse propor sugestões. Algumas solicitações foram feitas junto à diretoria, no entanto, não tive acesso a este material. Outra hipótese incide na necessidade de manter o controle sobre os estudantes dentro da escola, relativo ao que praticam, garantindo o ordenamento da rotina previamente estabelecida pelo corpo funcional da instituição.

Frente ao conjunto de análises desenvolvidas, é importante e necessária à qualidade do ensino, a promoção da articulação entre cultura, arte e conhecimento disciplinar, sobretudo, para aqueles historicamente segregados. Ao mesmo tempo, as explanações sobre os dados exemplificados nesta subseção levam a crer, que, muito há de ser problematizado em termos de pesquisas e políticas públicas para os jovens rurais, em que pese às garantias culturais estabelecidas pelas DCNEM (BRASIL, 2013).

Tomando como pressuposto as orientações legais Penna (2014) fortalece esta reflexão ao pronunciar:

Entendemos que o objetivo último do ensino de arte na educação básica (ai incluída a música) é ampliar o alcance e a qualidade da experiência artística dos alunos, contribuindo para uma participação mais ampla e significativa na cultura socialmente produzida – ou, melhor dizendo, nas culturas, para lembrar sempre da diversidade. O efeito de um ensino que realmente cumpra esse objetivo vai além dos muros da escola, modificando o modo de o indivíduo se relacionar com a música e a arte. (PENNA, 2014, p. 99).

Nesse sentido, pela música os jovens se estilizam e produzem suas várias identidades individuais e grupais, verbalizando as múltiplas formas de manifestação artísticas carregadas de semelhanças e diferenças em distintos cenários nacionais e regionais. Cabe a escola, portanto estabelecer um diálogo horizontal destas vivências.

Em verdade, não se pode esquecer que associada à liberdade de expressão através da música, os jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio no sertão lidam com as tensões quanto ao mercado de trabalho e a escolha profissional. Nos estabelecimentos de ensino, os conflitos ficam mais evidentes, devido às cobranças que lhe são feitas para a conquista da maturidade

adulta. As estratégias criadas a fim de lidar com as situações prescritas acontecem pelo viés das sociabilidades, cujos jovens organizam-se grupalmente ou desenvolvem práticas musicais, entre elas: participação em coral, banda e orquestra, julgando tais possibilidades como refúgio diante os problemas vivenciados.

Porquanto, a próxima subseção é destinada a análise das incursões musicais na construção social dos sujeitos jovens, e, o quanto as responsabilidades relacionadas ao último ano do Ensino Médio deram outros sentidos ao cotidiano juvenil.

3.2.2. “QUANDO A GENTE É BASTANTE JOVEM NÃO TEM AQUELA PREOCUPAÇÃO QUE TEMOS AGORA NO ENSINO MÉDIO”

Do mesmo modo, escolhi a fala de um participante das entrevistas para iniciar as reflexões analíticas, centradas na construção social dos jovens delmirenses e nos conflitos por eles experienciados entre o desejo de vivenciar a juventude e a responsabilidade demanda pelos exames nacionais para ingresso na Universidade.

Tipo a gente que precisa estudar para o Enem, eu mesmo faço cursinho. Daí eu tenho que estudar para escola e no cursinho para o Enem. Ai a gente fica tipo pensando, meu Deus se a gente não passar esse ano, o que vai acontecer depois, a gente fica em casa, sem conseguir ter passado na faculdade. Não vai mais para escola, vai ficar só em casa, porque oportunidade de emprego pra jovem assim que termina não vai ter, a gente sabe que não vai ter. (Pausa). Aquela coisa né, a gente fica aflito. **(Grupo 1 – entrevista concedida em abril de 2017)**

A gente tem o grande desejo de poder se estabelecer na vida, de também poder ajudar os nossos pais, mas a gente fica tipo com esse medo de não conseguir chegar onde a gente quer né e acabar se atrapalhando no caminho. **(Grupo 2 – entrevista concedida em abril de 2017)**

Não há como negar, pelas entrevistas, a preocupação em exercer uma profissão, sendo a continuidade dos estudos a condição para tal realização. Nessa empreitada, os projetos de vida já não são os mesmos fomentados pela teoria clássica sobre a ruralidade, onde estes herdavam a responsabilidade em assumir propriedades de seus pais como forma de trabalho. Balizando o respectivo dado, as ponderações de Carneiro (2005) feitas através dos dados gerados pela pesquisa “Perfil da juventude brasileira (2003)”, assegura que os jovens rurais denominam a

escola como mecanismo elementar para o progresso social e para uma ocupação menos desgastante e mais remunerada:

A escola é importante para seu futuro profissional, ou para conseguir um emprego hoje (80%). É interessante observar que essas porcentagens coincidem ou se aproximam bastante das dos jovens residentes na cidade, o que pode ser interpretado como mais um indicativo das semelhanças entre certos valores que compõem o universo cultural dos jovens do campo e o dos da cidade, reforçando o argumento desenvolvido acima sobre a dificuldade de estabelecermos fronteiras nítidas entre esses universos. (CARNEIRO, 2005, p. 250 e 251).

As proposições de Carneiro (2005) conduzem a reflexão que as juventudes rurais e urbanas são afetadas pelos mesmos dilemas próprios de uma sociedade globalizada: sexo, trabalho, universidade, família, afetividade, lazer, etc. Todavia, Teixeira (2011) adverte para a necessidade de compreender o modo como os jovens reagem ou se apropriam das exigências sociais, pois diferem segundo os contextos econômicos e culturais os quais estão envolvidos. No caso da juventude rural, as explicações de Carneiro (2005) e as colocações dos entrevistados, fazem lembrar as ponderações feitas por Foracchi (1972) e Weisheimer (2014), quando descrevem a condição estudantil como possibilidade de transformação social de si mesmo e da família. Os jovens buscam na escola a oportunidade de obter outra realidade de vida, além de fornecer aos pais uma velhice mais tranquila. O fato de correrem riscos - como não ingressar na universidade em sua primeira tentativa - deixam os jovens temerosos quanto à vulnerabilidade de seu futuro. Atrelado a este fato, o exercício laboral para aqueles que concluíram o Ensino Médio, se mostra desanimador se forem consideradas as probabilidades de trabalho em Delmiro Gouveia para os jovens, reduzidas ao comércio, com carga horária exorbitante e baixa remuneração.

Nessa mesma linha de argumentação, as preocupações dos entrevistados podem ser validadas pelas considerações de Alves e Dayrell (2015, p. 381), ao afirmarem que “conhecer as estruturas externas e conhecer-se inteiramente é um exercício dialógico essencial na elaboração dos projetos de vida dos jovens”, sendo fornecido pelo processo de escolarização. No caso dos jovens populares e rurais, frente às limitadas condições sociais, mobilizam táticas na intenção de progredir nos estudos. A principal tática consiste em abrir mão dos momentos de lazer, assim exposto por um integrante do primeiro grupo de entrevistas, ao relatar sobre sua participação

mínima no coro da igreja católica, devido à falta de tempo em ir aos ensaios.

[...]tipo eu que participo muito de ensaios, ai depois que eu comecei a fazer o cursinho eu já não pude participar dos ensaios, porque tive que dá prioridade ao curso. Eu queria tá, mas sabia que não podia ir lá, entendeu? Tinha que tá no cursinho, né! Ficou muito vazio. (**Grupo 1 – entrevista concedida em abril de 2017**).

Entre a escola e a universidade, há, segundo, Teixeira (2011), uma longa travessia, sinuosa, desafiadora, e se estabelece muito antes da entrada ao Ensino Médio. Segundo a autora (2011, p. 29), se “inscreve em toda a trajetória socioeducacional que o antecede, ainda que o ensino médio seja identificado, em geral, como a antessala do vestibular, estágio crucial para o ingresso na universidade”. Os jovens são levados a abdicarem seus momentos prazerosos, encontros com os amigos ou práticas musicais, como a participação no coro, agindo com maturidade adulta, pois, conforme Groppo (2000), o período de transição está em estágio final, “*ou é, ou é, não tem essa de não ser*”, (Grupo 1- entrevista concedida em abril de 2017). Nesse sentido, o último ano do Ensino Médio, torna-se momento de assumir novas identidades e colocar em perspectivas outras necessidades.

Frente aos esclarecimentos postos, é importante compreender que o medo paira sobre este processo, já que os jovens tendem a conflitar as identidades de seu agrado àquelas que ainda lhe são desconhecidas. O fato ficou evidente nos autoquestionamentos dos jovens: como deve ser a rotina universitária? Será que o modo como a família nos trata sofrerá alguma mudança, no sentido de obter mais autonomia em relação ao horário de saída e chegada em casa? Vou conseguir conciliar o momento de lazer com os amigos aos períodos de estudos? Dentre outras dúvidas cogitadas pelos entrevistados sobre a identidade universitária. Sustentando as reflexões fomentadas Bauman (2005), argumenta:

A maioria de nós paira desconfortavelmente entre esses dois polos, sem jamais ter certeza do tempo de duração de nossa liberdade de escolher o que desejamos e rejeitar o que nos desagradar, ou se seremos capazes de manter a posição de que atualmente desfrutamos pelo tempo que julgarmos satisfatório e desejável. Na maior parte do tempo, o prazer de selecionar uma identidade é corrompido pelo medo. (BAUMAN, 2005, p. 44 e 45).

Antes mesmo de assumir uma identidade universitária, os jovens expuseram que nesse movimento, existem aqueles que não conseguem ingressar no Ensino Médio, muito menos atravessá-lo:

É o caso também que ocorre, é que muitas pessoas desistem. E ai também onde entra um pouco da certa liberdade da juventude porque muitas meninas, elas engravidam, e tipo chegam a desistir também de estudar. **(Grupo 1- Entrevista concedida em abril de 2017).**

Ficam evidentes as variáveis sociais permeáveis aos jovens durante suas vivências estudantis, influenciando o modo como estabelecerão a relação com o saber escolar. As desistências ou entraves neste processo podem ser explicados por Teixeira (2011, p.32), ao argumentar que o ofício de estudante incide num período delicado “no sentido etnológico do termo, à medida que implica se apropriar de outro mundo intelectual, que compreende regras e saberes mais complexos que aqueles relacionados ao universo de aluno do ensino médio”. Nesta linha de análise, não se pode esquecer que o modo como os jovens se apropriam da condição estudantil, é gerada também pelas concepções de mundo referentes aos outros espaços de socialização frequentados. Portanto, não há como universalizar o percurso escolar já que os fenômenos sociais (principalmente a economia e cultura) podem atuar de formas distintas na vida dos jovens da classe popular e localizados em âmbitos rurais. Deste modo, a incorporação dos *habitus* escolares, mesmo dentro de uma classe social ou de um espaço de convivência comunitária ocorre de formas diferentes, ou, não ocorrem.

Simultaneamente, Reis (2012) corrobora com as afirmações de Teixeira (2011), ao remeter-se, também, a função de estudante:

[...] construída a partir dos desafios com os quais os sujeitos se confrontam. [...]. Também na escola esse processo não é homogêneo, mas depende da qualidade dos encontros com os saberes vivenciados, da relevância das atividades propostas e dos desafios propiciados a partir da mediação de um outro. As exigências para a realização das atividades escolares podem aproximar-se ou afastar-se da relação desses jovens com o saber, dos modos como compreendem o que é aprender, de suas representações sobre o que é estudar e de seus projetos de futuro, dentre outros aspectos, implicando maiores ou menores desafios para a apropriação dos saberes escolares. (REIS, 2012, P. 641)

Continuando suas afirmações, Reis (2010) declara que a relação com saber instituída pelos jovens precisa partir do princípio da dialogicidade – interação entre sujeitos em um espaço compartilhado – cuja escola tem a função de oportunizar aos jovens o confronto com saber institucional, para que estes criem suas estratégias de apropriação e modos de estudos. Conjuntamente o processo deverá ser mediado pelos professores, entendendo que os jovens são sujeitos localizados em tempo e espaço, dotados de saberes exteriores ao âmbito educativo, quais juntamente a organização pedagógica da escola – seja ela favorável ou não a atuação dos aprendizes em sua formação – interferem nos sentidos elaborados pelo respectivo público, já que a relação com o saber é uma relação de sentidos. É recorrente em Reis (2010) a compreensão de que:

Se os jovens trazem para a escola modos de pensamento e saberes construídos por analogias, por outras lógicas do que aquelas privilegiadas pela escola, os professores que conseguem estabelecer o diálogo entre os saberes escolares e os saberes dos jovens são citados como bons professores. (REIS, 2010 p. 10)

Diante de um cenário pouco flexível, quanto às escola de Ensino Médio, pesquisas interessadas em compreender as identidades juvenis nesses espaços precisam ter o comprometimento político de não apenas mencionar a existência de fenômenos não escolares envoltos aos jovens durante sua passagem pela escola, é preciso descrever os mecanismos de exclusão que não aparecem explicitamente no âmbito da escolarização, como: o olhar julgador da aparência e fala, da orientação sexual e principalmente a segregação pela condição social da família, exposta de modo simplório no ditado corriqueiramente expresso pelos sertanejos em Delmiro Gouveia, “filho de peixe, peixinho é”. Sposito (2003, p. 214) considera que nessa dinâmica de análise, cabe “a denúncia das desigualdades escolares como uma expressão das desigualdades estruturais”. Bourdieu (2015), em mesma proporção reflexiva indica:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escola como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois, fornece a aparência de legitimidade às desigualdades. (BOURDIEU, 2015, p. 45).

Esse movimento reflexível, porventura, deverá chegar aos espaços educativos investigados, através das explicitações dos resultados alcançados em campo, colaborando para ampliação do debate entre a classe docente e os jovens, permitindo que os sujeitos frequentadores da escola assumam uma postura política no processo de ensino e aprendizagem. Assim, na condição de pesquisador seremos colaborativos para a transformação social do *lócus* de pesquisa, princípio ético dos estudos oriundos das Ciências Sociais, além de romper com sentido estigmatizado sobre o campo como espaço de mera coleta de dados. Portanto, tomando como referência esse pressuposto, o maior compromisso ético desta produção está centrado no retorno a escola para expor o resultado final do trabalho aos professores e jovens estudantes.

Outro elemento desta discussão frente às ponderações elucidadas, incide na compreensão de que as práticas culturais vinculadas à classe, ou a apropriação de estilos de vida distintos das origens sociais, podem refletir nos aspectos positivos e negativos que a juventude se utiliza para caracterizar o ser jovem, visivelmente exposto nas falas dos sujeitos da pesquisa.

Acho que porque esse é o momento da gente poder aproveitar, fazer as coisas que gosta porque mais tarde a gente vai ter muita responsabilidade ((pausa)). Essas coisas vão ter que ser deixadas para traz. **(Grupo 1- entrevista concedida em abril de 2017).**

Fazer as coisas que gostam significa para os entrevistados divertir-se junto aos amigos, ir a shows e ouvir música. Em se tratando dos amigos, aparecem como elemento principal, pois com eles os shows tornam-se mais interessantes e o repertório musical mais ampliado devido às trocas ocorridas nos diálogos grupais. Além disso, os amigos representam um porto seguro, já que, compartilham experiências semelhantes. Machado Pais (1993) expande a compreensão analítica ao ponderar sobre a função social dos grupos juvenis, indicando que as estratégias de lazeres grupais, são na verdade formas construídas pelos jovens para manter segura e fixa suas identidades:

As socializações a que os jovens se encontram sujeitos são muito diversificadas. Por isso, é possível admitir que uma das funções essenciais dos grupos de amigos, seja não tanto a desafiar os valores da família ou das gerações mais velhas, mas assegurar aos jovens uma proteção aos assaltos socializantes a que estão sujeitos. Com efeito, o tempo coletivo de que os jovens desfrutam, em grupo, é sentido como um tempo mais apropriado que qualquer outro à realização dos seus desejos e interesses. (MACHADO PAIS, 1993, p. 94).

Ao longo das entrevistas, os jovens também ilustraram os aspectos negativos a condição juvenil. Apontaram a necessidade de trabalhar para contribuir com a manutenção familiar, bem como a limitação de certas atividades prazerosas, como dirigir, usos de bebidas alcoólicas, tatuagens e namoro. Nessa lógica, os dilemas entre os aspectos positivos e negativos que caracterizam a fase juvenil estão imbricados ao que Groppo (2015, p. 15) classifica de processo geracional, cujo, entendimento sobre o período juvenil reside num “lapso de tempo para que os sujeitos em constituição de suas identidades pudessem ensaiar e errar, experimentando diversos papéis”. Ou seja, tempo para contraporem-se as regras dispostas pelas instituições sociais. Além do referido pressuposto, Groppo (2015) indica que os aspectos positivos e negativos, podem ser interpretados do mesmo modo pela vertente classista – a vivência juvenil condicionada aos costumes da classe que faz parte. E culturalmente, significando o desdobramento desta vivência em outros contextos socializadores, independentes de classe. Sendo assim, torna-se, mais coerente, declarar que os mecanismos usados pelos jovens para classificar as coisas boas e ruins em ser jovem, são na verdade construções feitas pela articulação dessas três vertentes, sem qualquer uma se sobrepor a outra.

A seguinte fala: “a juventude hoje vem nos proporcionando coisas boas, só que é um caminho que a gente vê que está levando muito jovens para o lado errado” (**Grupo 1 – Entrevista concedida em abril de 2017**), reafirma a análise de Groppo (2015) em que as atribuições utilizadas pelos jovens para demarcar o que é ruim ou bom na juventude, como drogas, lazer, amigos, festas, sexo, trabalho, escola, é bastante relativo e heterogêneo ao modo que eles vivenciam a condição de classe e se apropriam dos estilos amplamente divulgados pelas culturas juvenis. Na discussão, entram em cena os apontamentos de Silva (2014), Hall (2014) e Woodward (2014), para os quais as identificações ou diferenciações são compreendidas em sua pluralidade, no cruzamento necessariamente não harmonioso das fronteiras tradicionalmente demarcadas. Hall (2014) concebe tais características como um processo não determinado, porém, segundo Silva (2014), ativamente produzido por nós no contexto das relações culturais, gerando, conforme Woodward (2014), mecanismos de classificações vislumbrados nas falas e rituais da vida social.

Machado Pais (1993) também segue a mesma linha de análise ao tratar sobre o conjunto de espaços que interferem na construção social das identidades e agrupamentos juvenis.

De processos difusos de socialização orientados por círculos bastante vastos e heterogêneos que o tradicional círculo familiar. [...] O desenvolvimento econômico e o alargamento da escolarização teriam também favorecido os pequenos consumos juvenis – orientado em grande parte para a satisfação de necessidades de lazer -, também se teria feito sentir uma preponderante influência dos massa-mídia e dos grupos de amigos. A confirmarem-se estas hipóteses, a cultura juvenil acabaria por se configurar como uma extensão da cultura de massas, pouco ou nada dependente da estrutura de classe (MACHADO PAIS, 1993, p. 90).

Tendo em contas os pronunciamentos de Machado Pais (1993) é admissível que as transformações ocorridas na sociedade tenham desembocado em novas concepções sobre o *status* juvenil. Nessa conjuntura, a Indústria Cultural destituiu a família como única fonte de influência da construção social destes sujeitos, tanto no sentido individual quanto coletivo, deixando-os vulneráveis a outros mecanismos influenciadores, a exemplo da produção mercadológica dos estilos musicais. “Tipo sem música a gente pensa como seria, seria uma vida nada ver né! E tipo a música vem para preencher”. (**Grupo 1 – entrevista concedida em abril de 2017**).

O preenchimento social circunscrito pela música entre os jovens, na verdade, está intimamente relacionado às proposições de Machado Pais (1993), ao denunciar as preferências juvenis como extensão da cultura de massa. Nessa vertente, é admissível gerar análises em dois sentidos: primeiramente, diferente de épocas anteriores tem-se valorizado a juventude enquanto produto mercadológico, no sentido de vendê-la como *status* social as gerações mais velhas, as quais investem sobre seus corpos produtos difundidos pelas culturas juvenis, atreladas principalmente a música e a beleza.

A segunda análise entende que a juventude, na era das novas tecnologias e interações mais flexíveis se utiliza da música para exteriorizar seus pertencimentos. Ao passo que a indústria cultural a partir de suas propagandas de *marketing* repercute a ideia uma juventude liberta, em que pese seus gostos, desejos e estilos, não anula as cobranças sociais impostas pela própria indústria. Porquanto, tais prerrogativas, tornam a juventude ora positiva, ora negativa.

Ainda, os entrevistados declararam: “a música interage muito com o sentimental da pessoa, aí a pessoa sente um alívio pra lidar com os problemas”, (**Grupo 2 – entrevista concedida em abril de 2017**). O dado revela que os jovens exteriorizam através da música as angústias referentes à dinâmica escolar, os sentimentos amorosos e conflitos cotidianos. Para

cada situação apontada, conforme Machado Pais (1993, p. 105) coexiste a “atração por diferentes tipos de música, derivada, provavelmente, do fato de os jovens selecionarem esses tipos musicais em função de determinados aspectos das suas vidas”. Relacionando a presente declaração às estimativas quanto à relativização da escuta musical exemplificada no perfil juvenil dos estudantes participantes desta investigação, 100% dos jovens afirmaram gostar de rock, eletrônica e pop, quais destes, 77,6% são ouvintes de Hip-hop, rap, reggae, 66,4% de bossa nova, samba e MPB, 54,3 de pagode, 65,5% de sertanejo, 50% de forró e assim por diante. Portanto, tais números são consequência da diversificação de relações afetivas cujos jovens estão expostos.

No processo de descoberta sobre si e sobre o mundo, a musicalidade assume papel singular. Os jovens costumeiramente tomam como referência para suas vidas os estilos musicais que os agradam. Tal fenômeno caracteriza-se como apropriação musical, reforçando as identidades e contribuindo para a construção do imaginário sonoro. Partilhando da mesma percepção DeNora (2006) argumenta que a música:

[...] faz muito mais do que exprimir através de meios não verbais. No nível da vida diária, a música tem poder. Ela está implicada em muitas dimensões do agenciamento social, isto é, está implicada com sentimento, percepção, cognição e consciência, identidade, energia, incorporação [...] (DENORA, 2006, apud ARROYO, 2007, p.10).

É evidente que a materialidade da música (ritmo, letra, sonoridade) apropriada pelos jovens, retorna investida de sentimentos e posturas identitárias. Alegria, tristeza, frustrações e classificações são explicitadas pelos jovens quando tomam a música para falar de si e dos outros. Nesse sentido, os resultados da pesquisa foram significativos para verificar o nível de envolvimento da referida linguagem na construção social dos jovens, em que pese à escolarização, os estilos de vida, identidades e agrupamentos.

Diante a possibilidade de influências musicais comprovadas pelos dados desta pesquisa, Penna (2014, p. 94) pondera que na escola se faz primordial a promoção de um trabalho intercultural, pois o mesmo “pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o outro, construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural”. O reconhecimento da multiplicidade de manifestações musicais dentro do âmbito escolar, reverberadas nas identidades grupais, deve ser acompanhado do

diálogo, promovendo troca de experiências culturais entre os jovens.

Concomitantemente, os dados indicaram os dilemas característicos do último ano do Ensino Médio, os quais se revelam desafiadores aos jovens rurais sertanejos. Dessa forma, as entrevistas gestaram análises teóricas sobre o espaço escolar como ambiente de múltiplas relações e apropriações, circunscrito por processos reais de pertencimentos dos sujeitos atendidos. Esses pertencimentos desestabilizaram padrões identitários escolares, até pouco tempo, instituídos como alunos ou estudantes, visibilizando as identidades suprimidas. As identidades juvenis é exemplo desse alcance, a partir das categorias de trabalho, gênero, orientação sexual, práticas culturais, estilos de vida, reconhecidas nas atuais normatizações da educação básica brasileira enquanto dimensões essenciais para desenvolver experiências culturais prazerosas e formativas dentro da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apoiada nas análises realizadas nessa pesquisa, por meio de questionário estruturado, entrevista semiestruturada e observações livres à rotina escolar dos jovens rurais sertanejos, estudantes do 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes, em Delmiro Gouveia/AL, considera-se:

Um perfil juvenil diversificado, com mínima defasagem idade/série escolar, alguns trabalhadores, residentes em povoados, distritos e na sede local do município, junto aos pais ou parentes. Possuem gosto musical bastante eclético, tendo à disposição: internet, celular, computador e outros objetos técnicos, utilizados para ampliar as interações entre os pares e desestabilizar fronteiras geográficas e culturais, comprovando que os tipos musicais flutuam numa esfera global, contudo não padronizam o modo como estão significados localmente. De certo, um mesmo fenômeno musical pode acontecer em qualquer parte do mundo moderno, mas não anula a relação espaço-tempo dos jovens. Os resultados indicam, portanto, uma produção simultânea de identificações globais (estilos de música difundidos mundialmente em formato de culturas juvenis) e identificações locais (a forma como tais estilos são representados pelos agrupamentos juvenis).

Além disso, suas perspectivas e compreensões sobre as estruturas objetivas rompem com a concepção homogênea acerca dos sertanejos enquanto sujeitos flagelados pela seca e, distantes do progresso amplamente difundido na sociedade. Pelo contrário, as identidades dos jovens rurais sertanejos, revelaram-se complexas e fluidas, sendo desejosos por formações profissionais distintas, qualidade de vida e acesso aos bens culturais (objetos eletrônicos, lazeres, carro, viagens, shows musicais e outros), assim como os jovens dos grandes centros urbanos desejam.

Em relação ao sentido atribuído à escola pelos jovens, apresenta diferentes faces, construídas num jogo de forças entre as regras e as expressividades juvenis. Tal relação é consequência do percurso conflituoso a ser ultrapassado para a apropriação do papel de estudante, cujos saberes formais são para eles desconhecidos e relativamente desassociados com suas experiências construídas fora dos muros escolares. Deste modo, estiveram visíveis as estratégias desenvolvidas pelos pesquisados na intenção de sustentarem suas identidades em seu processo de escolarização. Foram estratégias notadas: um adereço ao corpo ou cabelo, as gírias, os agrupamentos juvenis dispostos no decorrer do intervalo e na sala de aula, a banda formada

pelos alunos, a incorporação, quando possível, da musicalização em suas atividades escolares e principalmente o uso do fone e o compartilhamento do mesmo entre os jovens, na intenção de promover seus gostos musicais.

Também, os pesquisados possuem uma imagem positiva da escola, mas não desconsideram os infortúnios perpassados no processo de apropriação dos saberes disciplinares, sendo diferentes os modos como vivenciam os desafios. Para alguns, o maior obstáculo é transpor as dificuldades em relacionar trabalho e estudos, outros em relacionar estudos e filhos, havendo aqueles com desafio em relacionar a distância entre o local de moradia e participação escolar, tendo, por fim, os jovens cuja concentração de energia está em serem reconhecidos pelos colegas e professores, a partir de suas características peculiares. De qualquer sorte, os jovens rurais sertanejos em suas nuances atribuem significados a escolarização, os quais apontam à necessidade de viabilizar no Ensino Médio, um trabalho educativo contextualizado a realidade concreta.

Sobre a presença da escola nas expressividades musicais, contemplou-se uma presença limitada com pontuais atividades, sendo elas o projeto de matemática ocorrido anualmente e trabalhos demandados em sala pelos professores, os quais solicitam construções de paródias relacionadas aos conteúdos explicitados. Para os jovens seria necessário ampliar a participação da escola nessa vertente, criando momentos cuja música pudesse ser parte das vivências formativas. Entre os momentos foram sugeridos: criação de aulas de música e caixas amplificadas espalhadas pela instituição para que pudessem escutar música durante os horários livres.

Relativo à construção social dos jovens, em especial àqueles que desempenhavam atuações artísticas, a influência musical aparece de modo mais marcante, devido à aprendizagem teórica da referida linguagem. Este cenário foi evidente nos ensaios da banda, quando os jovens instrumentistas conflitavam com os jovens cantores por não portarem compreensões formativas sobre música. Nas entrevistas e horário de intervalo na escola, as influências musicais incidiam no meio de aproximação ou rejeição dos contrários e para julgar as condutas juvenis, seja do adulto em relação ao jovem, como entre os próprios pares.

No geral, os pesquisados entendem a música como uma prática de significação, utilizada para codificar e regular processos de identificações (jovem, estudante, mulher, homem, sertanejo, roqueiro, fuankeiro, sambista, evangélico, etc.), através dos estilos de vida (forma de se vestir, falar, adoção de valores, etc.). No nível do afeto, foi interpretada como refúgio e liberdade das

pressões sofridas na escolarização, bem como exteriorização de sentimentos alegres e tristes referentes às vivências familiares e entre os pares. Também, diversificam a escuta em prol da pluralidade de influências recebidas em suas socializações concretas e virtuais.

Frente às considerações, cabe elucidar que a lista de tensões entre os jovens e o ambiente escolar poderia crescer imensamente, tendo em vista o nível de responsabilidade dos professores, direção e coordenação referente à qualidade da relação entre os saberes formais e os saberes experienciais. Ao passo que estes, dentro de suas possibilidades, podem propor os trabalhos artísticos como parte das ações pedagógicas é, emergente a solidificação de políticas públicas e o compromisso dos dirigentes legislativos, quanto a oferta de práticas artísticas dentro da escola, pois suas realizações dependem, no mínimo, de estrutura física e profissional especializado, muitas vezes inexistentes na realidade escolar pública, em especial aos contextos rurais. Concomitantemente, o compromisso cultural na educação rural torna-se ainda mais urgente, se também for considerada nas cidades rurais, povoados e distritos a escassez de teatros, cinema, casa de shows, cursos de música e projetos sociais voltados as Artes.

Ao longo do presente estudo, procurei interpretar as condutas dos pesquisados, as quais caracterizavam os agrupamentos juvenis e as identidades. Por sua vez, a perspectiva interpretativa, esteve enraizada nos contextos sociais em que os jovens se movem, sejam eles contextos concretos ou virtuais. A identidade, estilo de vida e culturas juvenis, apesar de conceitualmente independentes, se inscreveram no cotidiano juvenil de modo relacional, implicando-se mutuamente.

Para escrever interpretações coesas e sem julgamentos, considerou-se não somente o lugar de onde falam os sujeitos da pesquisa, mas, também o próprio investigador. Refletindo sobre tal percurso, posso afirmar a existência de momentos de entaves entre os dados e o que eu enquanto pesquisadora esperava com os mesmos. Foram necessários vários períodos de leituras e retorno ao material empírico para apropriar-me dos critérios históricos, culturais e econômicos envoltos aos jovens pesquisados, compreendendo que tais fatores interferem nas percepções construídas pelos jovens. Portanto, aprendi de maneira coerente e ética, que os dados poderiam ou não, coincidir com as minhas prováveis respostas.

Tal situação foi mais incisiva em relação à resposta dos jovens a diversificação de gostos musicais, quais se confrontaram com o que eu imaginava ao adentrar em campo, ou seja, a predominância do estilo sertanejo. Tão pouco foi esperada a identificação de um público

extremamente participativo musicalmente no município, por meio da orquestra e coro religioso. Respectivamente, foram surpresas tantas explicitações acerca das nuances particulares do Ensino Médio, como o trabalho e o ingresso a universidade, sendo preciso inclinar-me para tais preocupações juvenis, no intuito de perceber que as mesmas estão correlacionadas as temáticas investigadas na pesquisa, pois são as exigências escolares e familiares que em parte influem para minimizar os momentos de lazer e as expressividades juvenis, em prol de tempos mais prolongados de estudos.

Frente a estes dados, estabeleci um processo autorreflexivo, trabalhando minha consciência sobre o campo de investigação, no sentido de abrir-me para as demandas inesperadas, estudando com mais profundidade e reafirmando a inexistência de uma verdade absoluta, sendo assim, impossível predeterminar os acontecimentos no decorrer da atuação em campo. Porquanto, mesmo respeitando os princípios éticos do Comitê da UFS, observei que a ética com a pesquisa se faz nos momentos de investigação, cuja dinâmica solicita do pesquisador algumas mudanças no curso da pesquisa na intenção de adequar-se a rotina do ambiente investigativo, entretanto sem comprometê-lo.

Diante das considerações e entendendo que a pesquisa é dinâmica, gerando novas temáticas investigativas a partir de seus resultados, os alcances deste trabalho inquietaram para futuras problemáticas investigativas, como por exemplo, os impactos sofridos com a realidade da vida universitária, quando os jovens rurais adentram neste contexto. Quais as estratégias criadas pelos jovens rurais para permanecerem na universidade e apropriar-se do saber acadêmico? Qual seria o lugar da música no cotidiano dos jovens universitários? Será que os jovens rurais que participavam de algum projeto musical (banda, orquestra, coro) continuam com suas atuações frente às demandas deste novo processo formativo a eles antes desconhecido?

Por fim, espero com esse trabalho a colaboração na ampliação dos contextos sociogeográficos e temáticas de pesquisas referentes à juventude rural, bem como, repelir as pragmáticas concepções de que as trajetórias escolares, expressividades culturais e projetos de vida dos jovens rurais sertanejos, estão definidos pelo destino de classe ou por suas origens locais.

Concluo este trabalho com um trecho da música “Tempo Perdido”, composta por Renato Russo, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos, lançada em 1986 no álbum “Dois” da banda Legião Urbana, a qual musicalmente exterioriza os dilemas sofridos pelos jovens em reconhecerem-se

como tempo de viver, tempo de errar, tempo de acertar, de se perder e descobrir, de se esconder e se revelar, tempo de medo e coragem. Tempo de risco e exigência, cujo tempo parece se esvair no piscar de olhos. Ou tempo eternizado pelas experiências afetivas e culturais.

C **Am7**
 Todos os dias quando acordo
Bm **Em**
 Não tenho mais o tempo que passou
C **Am7**
 Mas tenho muito tempo
Bm **Em**
 Temos todo o tempo do mundo
C **Am7**
 Todos os dias antes de dormir
Bm **Em**
 Lembro e esqueço como foi o dia
C **Am7**
 Sempre em frente
Bm **Em**
 Não temos tempo a perder

 [...]

C **Am7** **Bm**
 Não tenho medo do escuro
Em **C** **Am7**
 Mas deixe as luzes acesas
Bm **Em**
 Ago_____ra
C **Am7**
 O que foi escondido é o que se escondeu
Bm
 E o que foi prometido
Em
 Ninguém prometeu
C **Am7**
 Nem foi tempo perdido
Bm **Em**
 Somos tão jo_____vens

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 6, 1997, p.25-36. Disponível em: https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=Considera%C3%A7%C3%B5es+sobre+a+tematiza%C3%A7%C3%A3o+social+da+juventude+no+Brasil&author=ABRAMO+H.+W.&publication_year=1997&journal=Revista+Brasileira+de+Educa%C3%A7%C3%A3o&issue=5/6&pages=25-36. Acesso em: 07/05/2016.

ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABAD, Miguel. Crítica Política das Políticas de Juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Orgs.). **Políticas públicas**: juventude em pauta. São Paulo, São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. São Paulo: **Educ. Pesquisa**, v.4, n.º.02, 2005, p. 375-390. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n2/1517-9702-ep-41-2-0375.pdf>. Acesso em 08/05/2016.

ARROYO, Margarete. Escola, juventude e música: tensões, possibilidades e paradoxos. **Revista Em pauta**, Porto Alegre, v.18, n.º.30, 2014. Acesso em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/7465/4651>. Disponível em: 20/05/2016.

_____. **Jovens e música**: um guia bibliográfico. São Paulo: Editora USP, 2013.

ARIÈS, Philip. **História social da criança e da família**. Tradução de: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – n.º 9.394/1996. Senado Federal, Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Básica, Brasília: SF, MEC, SEB.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Básica, Brasília: MEC, SEB, 2000.

_____. **Juventude rural e políticas públicas no Brasil**. Coleção juventude, Série estudos, Brasília: UNESCO, n.º.1, 2014.

_____. **Agenda juventude Brasil**: pesquisa nacional sobre o perfil e opinião dos jovens brasileiros. Secretaria Nacional da Juventude. 2013.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação. **Censo escolar 2016**. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf. Acesso em 27/09/2017.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CASTRO, Elisa Guaraná; CARNEIRO, Maria José. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco ZerZero, 1983.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 129-148.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CATANI, A. M.; GILIOLI, R. S. P. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: UNESP, 2008.

CORTI, Ana Paula. Ser aluno: um olhar sobre a construção social desse ofício. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Jovens de Sergipe: quem são, como vivem, o que pensam**. Aracaju: UNESCO, 2006.

_____. Valores e Normas da Juventude Contemporânea. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (orgs.). **Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2007.

CARNEIRO, Maria. Ruralidade: novas identidades em construção. **Revista Estudos, sociedade e agricultura**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 1997.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T., SANTOS, R., COSTA, L. F. C. **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

_____. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**.

São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-261.

CASTRO, Elisa. G. de. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X, Seropédica Edur, 2009. Disponível em: <http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/jovensestaoindoembora.pdf>. Acesso em: 20/07/ 2016.

CASTRO, Iná Elias de. Natureza, imaginário e a reinvenção do Nordeste. In. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 103-133.

CARRANO, Paulo; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. Cultura e expressividades juvenis: uma janela para a escola. In: **Juventude em rede**: jovens produzindo educação, trabalho e cultural. Salto para o futuro, boletim 24, 2007.

DAYRELL, Juarez. CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana Batista. **Juventude e Escola**: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no Ensino médio In: XIII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, Recife, 2006, p. 01-17.

DAYRELL, J. et al. (Org.). **Família, escola e juventude**: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 28, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em: 20/06/2016.

_____. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. **Revista estudos sobre a juventude**. 9. ed, n.22, 2005.

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.28, n°.1, 2002, p. 117 -136. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660.pdf>. Acesso em: 20/06/2016.

_____. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Caderno Pesquisa**. [online], n°.115, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 05/05/2016.

ENNES, Marcelo Alario. MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, Porto Alegre, n° 35. 2014. p. 274-305. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/v16n35/a10v16n35.pdf>. Acesso em: 26/01/2017.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por

elas mesmas In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2008. p. 19-54.

FELIX, Fabiola Angarten. **Juventude e estilo de vida**: cultura de consumo, lazer e mídia. 2003. 99f. Dissertação. (Departamento de sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Universidade Estadual de Campinas. 2003

FILHO, Irapuan Peixoto Lima. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n.º. 1, 2014, p. 103-118. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/article/viewFile/2421/1874>. Acesso em 04/10/2016.

FILHO, João Freire. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. **Revista do Programa de Pós-Graduação em comunicação e cultura da escola de comunicação da UFRJ**. V.6, n.1, 2003. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1144. Acesso em: 07/08/2016.

FORACCHI, Marialice M. **A Juventude e a Sociedade Moderna**. São Paulo. Pioneira, 1972.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 5.ed, 2008.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. Prefácio (Paysans du Sertão – Mutations des agricultures familiares dans le Nordeste du Brésil). In: CARON, Patrick; SABOURIN, Eric (Editores técnicos). **Camponeses do sertão**: mutação das agriculturas familiares no Nordeste do Brasil.. Embrapa, Cirad. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. p. 13-17.

GROPPO, Luíz Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL. 2000.

_____. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. Florianópolis, **Periódicos UFSC**, v. 12, n.º. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/1806-5023.2015v12n1p4/29763>. Acesso em: 14/08/2016.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez., 1997. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 12/11/2016.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis. RJ: Vozes, 2014.

LALANDA, Piedade. **Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica**. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. *Análise Social*, Vol. XXXIII, 1998.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 36, n°. 1, 2011, p. 43-56. Disponível em: http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/Carrano_Carlos_Henrique_A_escola_diante_das_culturas_juvenis.pdf. Acesso em 07/05/2016.

MARCON, Frank; NETO, Mateus Antônio de Almeida. Juventudes, Lugares e Identidades em Disputa: Estilos de Vida na Pracinha do Siqueira. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia**, n°.20, 2012. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/viewFile/868/772>. Acesso: 11/08/2016.

MENEZES, Isabela Gonçalves. **Jovens rurais no sertão sergipano: escolarização e identidades culturais**. 2012. 274f. Dissertação. (Mestrado acadêmico em educação) - Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em educação (PPGED), 2012.

MARTINS, Maria do Carmo. Reflexo: reformistas: o ensino das humanidades na ditadura militar brasileira e as formas duvidosas de esquecer. **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil, n°.51, p.37-50, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n51/n51a04.pdf>. Acesso em: 07/05/2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, vol.19, n°.4, 2014.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **A sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação e Sociedade, SP: Campinas, v. 23, n° 78, 2006. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014000401103&script=sci_abstract. Acesso em: 10/05/2016.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Alfrâncio (org.). **Escritos da Educação**. Petrópolis: RJ, Vozes, 16. ed, 2015.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude** – alguns contributos. Universidade de Lisboa. *Análise Social*, vol. XXV, 1990. p. 139 – 165.

_____. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

_____. Busca de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PEDROZO, Joslaine Domingues; LIMA, Michelle Fernande. **A pesquisa em Educação: conceitos e caminhos metodológicos**. I semana de Pedagogia. IV Encontro de Educação Infantil. II jornada de cognição e aprendizagem. S/n, p. 1- 13.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 106. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

REIS, Rosemeire. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n°. 03, 2012. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n3/07.pdf>. Acesso: 05/04/ 2017.

SILVA, Davi Roberto Bandeira da **Vila da Pedra**: fotografia e história. Maceió: Edição do Autor, 2016.

SEREN, Lucas Gibin. **Educação, política e cultura [blog na internet]**. Novembro de 2015. – Entendendo Bernard Lahire: A Construção do Habitus na Sociedade do homem Plural. Disponível em <http://lucasseren.blogspot.com.br/2015/11/entendendo-bernard-lahire-construcao-do.html>. Acesso em: 04/07/2017.

_____. Lucas Gibin. **Gosto, música e juventude**: uma pesquisa exploratória com grupos de alunos da rede pública e privada de ensino. 2009. 139f. Dissertação. (Mestrado acadêmico em Educação Escolar). – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. 26ª Reunião Anual do ANPED, 2003.

_____. Marília Pontes. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, v.1, 2009. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual_0.pdf. Acesso em: 02/04/2016.

_____. Algumas reflexões e muitas relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

_____. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, São Paulo, n°.57, 2003, p. 2010-226. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33843/0>. Acesso em: 16/03/2017.

_____. Estudos sobre juventude em Educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPED, n°. 5, 1997, p. 37-52. Disponível em: http://www.feis.unesp.br/Home/DSAA/DSAA/ProjetoGQT-SCM/documentos/educacao/educa%E7%E3o%20e%20juventudeMARILIA_PONTES_SPOSITO.pdf. Acesso em: 02/04/2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TEXEIRA, Ana Maria Freitas. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. In. SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. **Observatórios da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA. 2011.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TATIT, luíz. **O Século da Canção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

VALE, Fernanda Feitosa. **Juventude, mídias sonoras e cotidiano escolar**: um estudo em escolas de periferia. 2010. 175f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação). – Universidade Estadual Paulista. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

VIANA, Maria Luiza. Estéticas, experiências e saberes: Artes, culturas juvenis e o Ensino Médio. In: DAYRELL, Juarez (org). **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

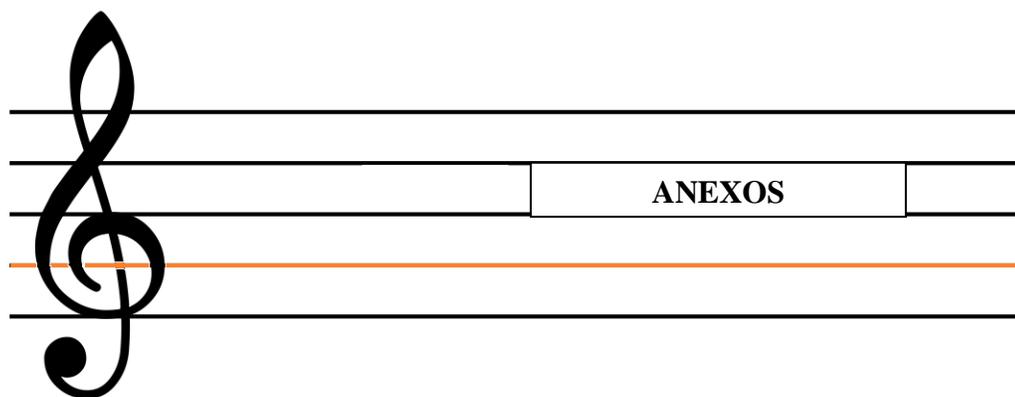
WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WEISHEIMER, Nilson. **Marialice Foracchi e a Formação da Sociologia da Juventude no Brasil**. 39 Encontro anual da ANPOCS, 2015. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt36/9785-marialice-foracchi-e-a-formacao-da-sociologia-da-juventude-no-brasil/file>. Acesso em 10/ 04/2017.

_____. Apontamentos para uma sociologia da juventude. **Revista Cabo-Verdiana de Ciências Sociais**, 1.ed, n°.1, 2014.

_____. Sobre a invisibilidade das juventudes rurais. **Desidades**. n°.1, p. 22 - 27, 2013. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/desi/v1/n1a03.pdf>. Acesso: 10/05/2016.

_____. **Juventudes rurais**: mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério da Agricultura Estudos, 2005. Disponível em: http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/pageflip-4204229-74145-It_Juventudes_rurais_map-1655238.pdf. Acesso em: 20/07/2017



ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IDENTIDADES JUVENIS E EXPRESSIVIDADES MUSICAIS NO ESPAÇO ESCOLAR DO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS

Pesquisador: Isabel Cristina Oliveira da Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59661716.9.0000.5546

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.807.604

Apresentação do Projeto:

O projeto pretende estudar a juventude brasileira nos seus espaços de relações sociais, onde a escola além de promover a aprendizagem formativa, propiciam aos jovens a socialização dos seus gostos, preferências e estilos de vida, o que os levará a revelar as suas identidades, inclusive musicais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral: Compreender a relação entre música, identidades juvenis e escolarização no município de Delmiro Gouveia/Alto Sertão de Alagoas.

Objetivo Secundário:

Objetivos específicos: 1)Caracterizar as identidades dos jovens sertanejos de ensino médio de uma escola pública;2)Identificar se a música faz parte do processo de escolarização desses jovens;3)Analisar os sentidos que esses jovens atribuem à música.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Risco da pesquisa é mínimo, de constrangimento, referente ao acesso dos jovens com as gravações de suas falas e as fotografias da rotina escolar, que será atenuado pela garantia do sigilo, pela oferta do benefício direto que será a melhoria do aprendizado escolar e a descoberta das aptidões musicais, descobrindo novas possibilidades profissionais.O benefícios indireto será a

Endereço: Rua Claudio Balada s/nº
Cidade: São João
UF: SE **Município:** ARACAJU **CEP:** 49.060-110
Telefone: (79)2105-1809 **E-mail:** cep@ufse.br

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE
ARACAJU/ UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



Continuação do Parecer: 1.807.904

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MAIOR.pdf	05/09/2016 17:07:57	Isabel Cristina Oliveira da Silva	Acerto
Outros	ROTEIROENTREVISTA.pdf	27/08/2016 14:09:34	Isabel Cristina Oliveira da Silva	Acerto
Outros	ROTEIROGRUPOFOCAL.pdf	27/08/2016 14:05:46	Isabel Cristina Oliveira da Silva	Acerto
Outros	QUESTIONARIO.pdf	27/08/2016 14:01:08	Isabel Cristina Oliveira da Silva	Acerto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anuencia_escola.pdf	20/08/2016 11:52:28	Isabel Cristina Oliveira da Silva	Acerto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anuencia_gerencia_de_alagoas.pdf	20/08/2016 11:51:38	Isabel Cristina Oliveira da Silva	Acerto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 07 de Novembro de 2016

Assinado por:
Anita Herminia Oliveira Souza
(Coordenador)

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº
Bairro: São José
UF: SE Município: ARACAJU
Telefone: (79)2106-1800
CCP: 49.060-110
E-mail: capha@ufse.br

ANEXO B - DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA DE DISSERTAÇÃO

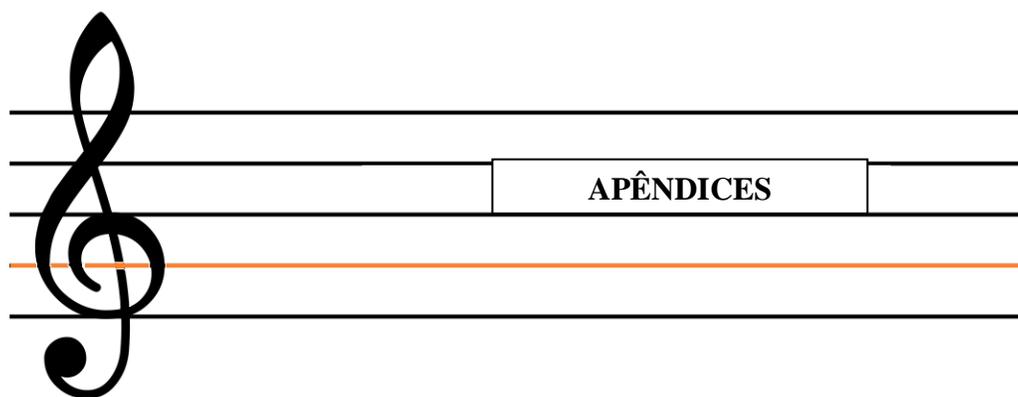
Eu, Ariene Braz Palmeira, Brasileira, Casada, inscrita sob o Registro Geral de número 3.379.044-2, Órgão Expedidor SSP/SE, Graduada e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe, residente e domiciliada à rua Praça da Matriz, 47, Povoado Sítios Novos, Poço Redondo/ SE, declaro para o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe que revisei a Dissertação intitulada: **JUVENTUDE E EXPRESSIVIDADES MUSICAIS NO ESPAÇO ESCOLAR DO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS**, da aluna **ISABEL CRISTINA OLIVEIRA DA SILVA**.

Declaro, ainda, que a Dissertação cujo título fora supramencionado encontra-se de acordo com as normas gramaticais vigentes, bem como com as normas da ABNT.

Poço Redondo/ SE, 13 de março de 2018.

ARIENE BRAZ PALMEIRA

PROFA. MSC.



APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

TÍTULO DO PROJETO: Juventude expressividades musicais no espaço escolar do alto sertão de Alagoas

RESPONSÁVEL: Isabel Cristina Oliveira da Silva

BLOCO 1 – DADOS PESSOAIS

1 - Sexo: a) F b) M

2 - Idade: _____

3 – Ano escolar: _____

4 - Estado civil:

a) solteiro(a) b) casado(a) c) divorciado(a)

5 - Como você define sua cor:

a) branca b) preta c) amarela d) parda e) indígena

6 - Local de sua moradia:

- cidade b) sítio/povoado/distrito

7 - Você gosta do local onde você mora:

- sim b) não

8 – Com quem você mora:

a) pai d) tios h) sozinho

b) mãe e) avós i) outros

c) irmãos g) primos j) nenhum destes citados

9 – Se você tem, qual a escolaridade de sua mãe/ou responsável mulher:

a) <input type="checkbox"/> nunca frequentou a escola	f) <input type="checkbox"/> concluiu o curso superior
b) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino fundamental	g) <input type="checkbox"/> não concluiu o curso superior
c) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino fundamental	h) <input type="checkbox"/> concluiu pós-graduação
d) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino médio	i) <input type="checkbox"/> não concluiu pós-graduação
e) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino médio	

10 - Se você tem, qual a escolaridade de seu pai/responsável homem:

a) <input type="checkbox"/> nunca frequentou a escola	f) <input type="checkbox"/> concluiu o curso superior
b) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino fundamental	g) <input type="checkbox"/> não concluiu o curso superior
c) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino fundamental	h) <input type="checkbox"/> concluiu pós-graduação
d) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino médio	i) <input type="checkbox"/> não concluiu pós-graduação
e) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino médio	

11 - Você gosta de ser jovem:

- sim b) não

BLOCO 2 – MÚSICA E LAZER**12-Quais os recursos você utiliza para ter acesso à música:**

a) <input type="checkbox"/> internet	d) <input type="checkbox"/> computador	g) <input type="checkbox"/> Ipad
b) <input type="checkbox"/> rádio	e) <input type="checkbox"/> micro sistem/som	h) <input type="checkbox"/> outros
c) <input type="checkbox"/> TV	f) <input type="checkbox"/> celular	i) <input type="checkbox"/> nenhum

13 – Com que frequência por dia você está escutando música:

- a) até 2 horas b) mais de 2horas

14 – Em quais ambientes você costuma ouvir música:

- a) casab) escola c) rua d) igreja e) trabalho f) ônibus g) carro
h) outros

15 – Com que pessoas você costuma ouvir música:

- a) amigos b) namorado(a)/marido c) familiares d) professores e) colegas da escola f) nenhum

16 – Marque até SEIS gêneros musicais que você gosta de ouvir:

a) <input type="checkbox"/> Rock	b) <input type="checkbox"/> Pop rock	c) <input type="checkbox"/> Jazz	d) <input type="checkbox"/> Rap
e) <input type="checkbox"/> Samba	f) <input type="checkbox"/> Forró	g) <input type="checkbox"/> Axé	h) <input type="checkbox"/> Pagode
i) <input type="checkbox"/> Bossa nova	j) <input type="checkbox"/> MPB	k) <input type="checkbox"/> Sertanejo	l) <input type="checkbox"/> Reggae
m) <input type="checkbox"/> Funk	n) <input type="checkbox"/> Hip-hop	o) <input type="checkbox"/> Gospel	p) <input type="checkbox"/> Eletrônica
q) <input type="checkbox"/> Clássica	r) <input type="checkbox"/> Erudita	s) <input type="checkbox"/> Brega	t) <input type="checkbox"/> nenhum

17 – Que tipo de música se ouve com frequência onde você mora:**18 – Têm algum músico na sua família:**

- sim b) não

19 – Você tem algum músico ou cantor de preferência:

- a) sim / nome: _____ b) não

20 – Os seus músicos ou cantores de sua preferência influenciam em seu estilo de vida?

- a) sim b) não

21 – Você toca algum desses instrumentos:

a) <input type="checkbox"/> violão	f) <input type="checkbox"/> teclado/piano	k) <input type="checkbox"/> Cajon	p) <input type="checkbox"/> trompete	u) <input type="checkbox"/> corneta
b) <input type="checkbox"/> guitarra	g) <input type="checkbox"/> sanfona	l) <input type="checkbox"/> tantan	q) <input type="checkbox"/> clarinete	v) <input type="checkbox"/> bombo
c) <input type="checkbox"/> baixo	h) <input type="checkbox"/> flauta	m) <input type="checkbox"/> surdo	r) <input type="checkbox"/> tuba	x) <input type="checkbox"/> prato
d) <input type="checkbox"/> cavaquinho	i) <input type="checkbox"/> gaita	n) <input type="checkbox"/> bateria	s) <input type="checkbox"/> tarol	w) <input type="checkbox"/> outros
e) <input type="checkbox"/> violino	j) <input type="checkbox"/> pandeiro	o) <input type="checkbox"/> saxofone	t) <input type="checkbox"/> caixa	y) <input type="checkbox"/> nenhum

22 – Você participa de algum dueto/banda/orquestra

a) () sim / sua função é : _____ b) () não

BLOCO 3 – MÚSICA E ESCOLA**23 – Quais atividades musicais tem em sua escola:**

a) () Banda	e) () performance
b) () coral	f) () outros
c) () canto	g) () nenhuma
d) () instrumento	

24 – Você participa da banda de sua escola:

- () sim b) () não

25 – Em que momentos você costuma ouvir música na escola:

- a) () intervalo b) () sala de aula c) () hora de entrada d) () hora de saída
- e) () outros f) () nenhum

26 – É possível identificar na escola os colegas que gostam da mesma música que você:

- a) () sim b) () não

27 – É possível identificar na escola os colegas que não gostam da mesma música que você:

- a) () sim b) () não

28 – Você acha que a escola acolhe de forma positiva seu jeito de ser e suas preferências musicais:

- () sim b) () não

29 – Em quais disciplinas a música é utilizada nas atividades de sala de aula:

a) () português	e) () história	i) () filosofia
b) () matemática	f) () geografia	j) () arte
c) () química	g) () literatura	k) () educação física
d) () física	h) () sociologia	l) () nenhuma

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

TÍTULO DO PROJETO: Juventude expressividades musicais no espaço escolar do alto sertão de Alagoas

RESPONSÁVEL: Isabel Cristina Oliveira da Silva

BLOCO 1 – JUVENTUDE

Questão norteadora: Como vocês se sentem sendo jovens?

- Há coisas boas em ser jovem? Me conte algumas;
- Há coisas ruins em ser jovem? Me conte algumas;

BLOCO 2 – MÚSICA

Questão norteadora: Qual a importância da música na vida dos jovens?

- Que tipo de música vocês gostam?
2. Por que vocês gostam dessas músicas?
 3. Seus amigos da escola escutam os mesmos estilos musicais que vocês escutam?
 4. Como vocês acham que são vistos pela escola por causa das músicas que vocês escutam?

BLOCO 3 – ESCOLA

Questão norteadora: O que vocês pensam sobre a importância da música na escola?

- Na escola de vocês há regras para se ouvir música?
 - Vocês escutam música na escola? Podem me contar em que momentos;
 - Vocês lembram de alguma atividade feita pela escola que envolveu música?
-
- É possível perceber na escola os estilos musicais dos seus colegas? Como vocês percebem?

APÊNDICE C – TERMO DE ANUÊNCIA DA 11ª GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM ALAGOAS



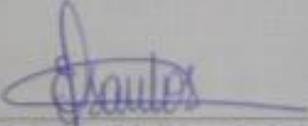
ESTADO DE ALAGOAS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
11ª GERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO

TERMO DE ANUÊNCIA

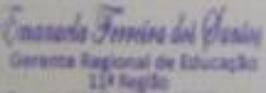
Declaramos para os devidos que autorizamos a pesquisadora Isabel Cristina Oliveira da Silva, a desenvolver o projeto de pesquisa *Identities juvenis e expressividades musicais no espaço escolar do alto sertão de Alagoas* sob orientação da Professora Drª Ana Maria Freitas Teixeira, na Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo Menezes, cujo objetivo é compreender a relação entre música, identidades juvenis e escolarização no município de Delmiro Gouveia. A execução da pesquisa se dará entre os meses de outubro 2016 a abril de 2017, garantindo o anonimato dos participantes.

A aceitação está condicionada ao comprometimento da pesquisadora na utilização dos dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins científicos.

Piranhas, AL, 01 de agosto de 2016



11ª Gerência Regional de Educação de Alagoas
Emanuela Ferreira dos Santos
Rua Palmeiras, 5, Vila Sergipe, Xingó, Centro, Piranhas, AL
(82) 3686-1936 / 11gerenciaeduc@al.gov.br


Emanuela Ferreira dos Santos
Gerente Regional de Educação
11ª Região

APÊNDICE D – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA ESTADUAL LUIZ AUGUSTO AZEVEDO DE MENEZES

